INDICE CHRONOLOGICO.

INDICE CHRONOLOGICO

DAS

NAVEGAÇÕES, VIAGENS,

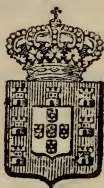
DESCOBRIMENTOS, E CONQUISTAS

DOS

PORTUGUEZES

NOS

PAIZES ULTRAMARINOS

DESDE O PRINCIPIO DO SECULO XV.

LISBOA

NA IMPRENSA NACIONAL

1841.

PREFAÇÃO.

Damos á luz pública neste escripto o *Indice Chronologico* das navegações, viagens, descobrimentos, e conquistas dos Portuguezes nos paizes ultramarinos, desde os principios do seculo XV.

Este titulo não inculca, por certo, obra de grande valor e importancia, nem nós o escrevemos com esse intento: mas pareceo-nos o mais accommodado á natureza e fins do nosso trabalho, e o mais proprio das circunstancias que o motivárão.

Muito tempo havia que nós desejavamos, e procuravamos ter huma idéa geral, mas fiel e exacta, das grandes e gloriosas emprezas ultramarinas dos nossos compatriotas, que n'aquelle tempo derão tanto credito e fama á nação portugueza, e forão de tanta e tão reconhecida utilidade para o mundo moderno, em todos os ramos do seu progresso, e civilisação. Mas ainda que para o conseguir não poupassemos nenhum dos meios, que estavão ao nosso alcance, a cada passo comtudo nos

viamos ou embaraçados no nosso estudo, ou frustrados nas nossas diligencias.

Os escriptores nacionaes, que podiamos consultar erão poucos, incompletos, ás vezes discrepantes em suas narrações, e sempre diminutos nas particulares noticias do seculo XV, que mais convinha indagar e apurar.

Dos Roteiros, Relações e Memorias, que necessariamente se havião de escrever logo n'aquelle tempo de nossas primeiras navegações e descobrimentos, mui pouco nos resta hoje, salvo as Relações de Cadamosto, e essas mesmas impressas hum seculo depois em Italia, e em lingua italiana, e não de todo isentas de imperfeições e erros (*).

He natural que o prudente e cauteloso segredo, em que os nossos Principes, ao principio, reservavão aquellas Memorias, e Relações; a perda de muitas dellas nas mãos dos chronistas, ou nos proprios gabinetes dos Principes por occasião da sua morte; o descuido de recolher estes e outros documentos ao Archivo geral do Reino; a difficuldade de multiplicar as copias, por não haver ainda a Arte Typographica, ou por não ter chegado

---

(*) Quando isto escreviamos ainda não tinha apparecido a edição da *Obra de Azurara*, ha pouco publicada em París pelo Sr. Visconde de Santarem.

a Portugal, logo nos primeiros annos da sua invenção; he natural, digo, que estas ou outras semelhantes causas produzissem a falta, que depois se experimentou, logo que se quiz escrever em corpo de historia a serie de nossas emprezas ultramarinas.

O certo he que o illustre Barros, quando tomou sobre si esta difficil incumbencia, já se queixava da falta de memorias antigas; e bem mostrou, que as não tinha, pois tão breve e imperfeitamente fallou dos successos, que precedêrão á expedição do grande Vasco da Gama.

Castanheda começou a sua Historia da India por essa mesma expedição, e nada diz dos tempos anteriores.

Nos outros nossos escriptores (pela maior parte mais modernos) achão-se na verdade algumas noticias do objecto de que tratamos; mas são ellas tão dispersas por differentes obras, tão apoucadas em suas circunstancias, e assim mesmo escriptas com tanta falta de coherencia, exacção e alinho, que he de mui difficil, e impertinente trabalho reduzi-las a alguma ordem, e tirar dellas hum resultado, qual se deseja, liquido, seguro, e aceitavel.

Nos escriptores estrangeiros não ha que procurar neste assumpto nem a conveniente

miudeza e exacção, nem (as mais das vezes) a devida imparcialidade. Omittem factos, e circunstancias substanciaes; alterão datas; errão ou desfigurão nomes; e alguns deixão-se dominar de tão desarrazoado ciume, que parece que ainda hoje lhe fazem sombra os relevantes serviços, que os Portuguezes fizerão ao mundo n'aquelles antigos tempos, e o immenso louvor, que por elles merecêrão, e lhes he devido. E não se tenha por apaixonado este nosso juizo; porque muito teriamos com que o justificar se tanto fosse necessario.

Em tal estado de cousas resolvemos começar a escrever, para nosso uso particular, o *Indice Chronologico*, que agora damos á luz, apontando nelle múi summariamente os factos que nos parecêrão mais importantes, e collocando-os na sua ordem puramente chronologica, como para nos servirem de guia, quando quizessemos dar maior extensão ao nosso estudo, ou instruir-nos mais amplamente neste ramo da nossa historia, que reputamos de tanto interesse para o publico litterato, quanto glorioso para os Portuguezes.

Com este intuito lemos as obras, escriptos, memorias, ou documentos, nacionaes, ou estrangeiros, que se offerecêrão á nossa indagação, combinando (quando nos pareceo

necessario) huns com outros, comparando os gráos de credito que cada hum podia merecer, e tirando de todos, não sem grande trabalho, aquelles resultados, que tivemos por bem assentados, ou que pelo menos se nos representárão fundados em maiores, e mais certas razões. Artigo ha no *Indice*, que contendo-se em poucas linhas, nos levou algumas horas de leitura, e talvez alguns esforços de reflexão: e nem por isso nos gloriamos de haver evitado erros e defeitos, hoje inevitaveis em semelhante materia.

Decorrêrão os tempos, e a nossa situação pessoal soffreo por vezes graves e penosas mudanças, privando-nos de alguns dos meios, que podião concorrer para que o nosso trabalho fosse menos imperfeito. Por fim pareceo-nos, ou nos persuadírão, que assim mesmo seria util a sua publicação, já por não se perder de todo o tempo que nisto tinhamos consumido, já porque o nosso trabalho poderia aproveitar a quem com o mesmo intento, e zelo, e com mais meios e capacidade quizesse levantar á gloria nacional, e ao seculo XV portuguez hum monumento unico na historia das nações modernas.

Começámos a escrever o Indice em 1832, e fizemos-lhe depois retoques, correcções, e additamentos. A *Memoria* sobre as viagens

por terra foi escripta posteriormente. Hoje, ser-nos-hia impossivel rever estes trabalhos, e dar-lhes mais algum aperfeiçoamento. O Publico medirá pelo nosso zelo, e amor da patria, a sua benigna e favoravel indulgencia.

Anno de 1412.

Os nossos escriptores, que tratárão dos descobrimentos, e emprezas maritimas, de que foi primeiro autor o grande e inclito Infante D. Henrique, filho de elRei D. João I, notão commummente este anno de 1412 como principio de seus uteis e gloriosos trabalhos; e dizem que então começou este sabio Principe a mandar alguns navios ao descobrimento da costa africana, desde o cabo *Nam* para as partes do Sul, e pólo antarctico.

João de Barros nas suas *Decadas*, e Faria e Souza, tanto na *Azia Portugueza*, aonde faz o extracto dellas, como na *Relação das armadas*, que collegio de listas, e memorias antigas, assignão a referida época. O mesmo seguírão muitos escriptores nossos; e muitos outros o suppõem, quando dizem, que depois da conquista de Ceuta (em 1415), e das informações, que o Infante ahi houvera dos Mouros, viera muito mais animado a *proseguir* os seus projectos.

Assim, posto que não tenhamos individual noticia dos navios, que então sahírão ao

descobrimento, nem dos capitães, ou pilotos que os governárão, não julgamos dever por isso alterar a época estabelecida; antes havemos por mui provavel, que por aquelles annos he que os nossos navegadores passárão o cabo *Nam*, que era até então o termo das navegações europêas, e chegárão ao *Bojador*, aonde por muito tempo encontrárão depois obstaculo a seus repetidos esforços.

Se alguem comtudo duvidar de que o Infante, já no referido anno de 1412 começasse a executar os seus particulares projectos, ainda assim se pode, e deve sustentar a mesma época, reflectindo-se que nesse anno se deo principio aos preparativos para a grande expedição de *Ceuta*, que foi sem dúvida hum passo importantissimo para os descobrimentos, não só pela ampla informação, que ahi se houve das terras, costas, e gentes de Africa, mas tambem e especialmente, porque sendo a praça de *Ceuta* como chave dos mares adjacentes, e abrigo das armadas berberescas, mal podião os nossos navios frequentar com segurança as costas, visitar os portos, e navegar para as partes do sul, em quanto *Ceuta* estivesse em poder dos Mouros.

Notemos ainda mais, que na Bulla de Nicoláo V. do anno de 1455, de que em outro lugar fallaremos, se diz que o Infante co-

meçára de mui pequena idade *(ab ejus ineunte aetate)* as suas emprezas: e esta fraze mais convêm ao anno 1412, em que elle tinha 18 annos, do que ao de 1417, em que já contava 23.

Anno de 1415.

Neste anno foi a gloriosa expugnação de *Ceuta*, concluida por elRei D. João I. acompanhado dos Infantes seus Filhos, em hum só dia, a 21 de Agosto.

Alguns dos nossos escriptores se equivocárão, assignalando a esta conquista o dia 14 de Agosto. Outros muitos porêm, mais bem informados, a poserão em 21, e este he o dia, que se collige do epitafio de elRei, gravado sobre o seu tumulo em tempo de elRei D. Duarte seu filho, e successor, aonde se nota, que elRei depois de tomada a praça de *Ceuta*, a presidiára por 18 annos, menos oito dias, e que fallecera a 14 de Agosto de 1433; por onde se vê que os 18 annos serião completos, se elle vivesse mais oito dias, isto he, até 21 de Agosto.

Em *Ceuta* procurou o Infante D. Henrique, e alcançou dos Mouros, algumas importantes informações para a execução dos seus designios, e teve mais certo e individual conhecimento do deserto, que os arabes chamão *Çahará*, dos póvos *Azenegues*, confinantes pelo sul com os *Gelofos*, do commercio que d'aqui se fazia para a costa septemtrio-

nal, e de muitas circunstancias d'aquellas terras, costas, e gentes, com o que se animou muito mais (como já dissemos) e de todo se resolveo a proseguir a empreza, que o seu grande espirito, auxiliado dos conhecimentos cosmograficos, lhe havia inspirado.

A armada, que elRei levou á expedição de *Ceuta*, constava de 220 vasos de guerra e transporte, a saber 33 náos, 59 galeras, e varios galeões, caravelas, e outros baixeis de differentes grandezas, em numero de 128.

Logo depois desta conquista tomou elRei o titulo de « *Rei de Portugal e do Algarve, e Senhor de Cepta.* »

Anno de 1416 e 1417.

Por estes annos, logo depois da conquista de *Ceuta*, começárão as tentativas, que o Infante mandava fazer para dobrar o cabo *Bojador*, e passar avante para o sul, as quaes forão continuadas, mas sem fructo, por alguns annos.

O grande lançamento que o Cabo fazia ao mar, as correntes impetuosas das agoas, a sua apparente effervescencia, e outras semelhantes circunstancias, forão causa de se mallograrem por muito tempo estas tentativas, temendo os ainda então inexpertos navegantes, que os mares os engolissem, ou que as correntes os não deixassem voltar ao rumo de norte.

Anno de 1418.

Neste anno foi mandado Bartolomeu Perestrello, Cavalleiro da Casa do Infante D. João, á empreza de dobrar o *Bojador;* mas sendo asaltado da tempestade, perdeo a derrota que levava, e foi arrojado a huma ilha desconhecida, a que deo o nome de *Porto Santo*, por ter achado nella abrigo, e descanço de sua trabalhosa navegação.

Damião de Goes, e Soares da Silva põem este descobrimento no anno seguinte de 1419.

Alguns negão que Perestrello fosse o descobridor desta ilha, e sómente dizem que o Infante lhe dera a *Capitania* della: mas a pratica geral d'aquelle tempo nos parece persuadir o contrario.

Anno de 1419 e 1420.

No anno seguinte de 1419 voltou Perestrello com os outros dous navegantes João Gonsalves Zarco, e Tristão Vaz, Cavalleiros do Infante D. Henrique, cada um em seu navio á ilha de *Porto Santo*, levando Perestrello ordem, e alguns preparos para começar a sua cultura.

Dizem os escriptores antigos, que lançando-se na ilha uma coelha, que no mar havia parido, fôra a criação destes animaes em tanto augmento, que destruião as searas, e por algum tempo retardárão, ou embaraçárão o projecto da colonisação da ilha.

O Perestrello voltou a Portugal: mas João Gonsalves, e Tristão Vaz, tendo observado huma especie de nevoeiro, que constantemente se lhes offerecia no mar, e sempre no mesmo sitio, e direcção, suspeitárão o que poderia ser, e dirigindo-se para aquella parte, descobrírão a ilha da *Madeira*, a que derão este nome pelo alto e basto arvoredo, de que a achárão coberta.

Algumas antigas memorias dizem que Francisco Alcoforado, Cavalleiro da Casa do Infante D. Henrique, fôra neste descobri-

mento, e o descrevera em huma exacta *Relação.*

De João Gonsalves Zarco se diz que foi o primeiro Portuguez, que usou da polvora, e artilharia nos navios. Manoel Thomaz, na *Insulan.* l. 1.° est. 83 fallando delle diz

« *Bem he verdade, que este o Lusitano*
Primeiro foi, no mar com nome eterno,
Que usou da dura fruta de Vulcano.
E o salitrado aljofar do inferno; »

Anno de 1425.

Por estes annos começou o Infante a mandar povoar as ilhas da *Madeira*, e *Porto Santo*, e tambem a *Dezerta*, que sem dúvida foi descoberta com as primeiras.

Elle mesmo na doação que fez do espiritual destas ilhas á ordem de Christo em 18 de Setembro de 1460, quasi dous mezes antes do seu fallecimento, diz «*comecei de povorar a minha ilha da Madeira, haverá ora trinta e cinco annos, e isso mesmo a do Porto Santo, e deshi, proseguindo, a Dezerta*» por onde parece fazer-se verosimil, ao menos em parte, o que uniformemente referem os nossos escriptores, que lançando-se fogo aos bosques da ilha da *Madeira*, este se ateára de tal modo, que por alguns annos não fôra possivel povoa-la. Os annos devem neste caso contar-se desde 1419, anno do descobrimento, até 1425. E dizemos, *ao menos em parte*, porque algum tempo era preciso para se prepararem as familias, e os mais objectos necessarios á povoação e cultura d'aquellas ilhas.

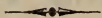
O Infante dividio a ilha da *Madeira* entre os seus dous descobridores. Mandou vir

da ilha de *Candia* a preciosa planta da malvazia, que tanto ali prosperou, e tão util tem sido ao commercio, e riqueza da *Madeira*. Mandou tambem vir da *Sicilia* a canna do asucar, e mestres, que a ensinassem a plantar e cultivar, e a fabricar o asucar. E foi esta cultura tão bem recebida do terreno, que em 1501 se participava a el-Rei D. Manoel haverem-se fabricado, nesse anno, na ilha 63:800 arrobas de asucar. Quando Barros escrevia as suas Decadas, diz elle, que huma porção de terra de tres leguas dava ao quinto mais de 60:000 arrobas. E Bluteau, nos principios do seculo passado, escrevia que na ilha houvera algum tempo 150 engenhos de asucar os quaes rendião 400:000 arrobas.

Da ilha *da Madeira* sahirão depois os mestres, que forão introduzir o fabrico do asucar na ilha de *S. Thome*, e de ambas estas ilhas se propagou mais depois no Brasil, por industria dos Portuguezes, tanto a cultura da canna, como a factura do asucar.

O grande Infante D. Henrique, posto que applicado á povoação e cultura da *Madeira*, *Porto Santo*, e *Dezerta*, nem por isso se esquecia de continuar, e promover a sua primeira, e principal empreza, da qual porêm sabemos, que por espaço de doze annos se

não tirou fructo algum, não se conseguindo em todo este tempo dobrar o Cabo *Bojador*.

Anno de 1429 e 1430.

Gil Eannes, natural de Lagos, dobrou em fim o formidavel *Bojador*.

Dizem os antigos escriptores portuguezes, que esta passagem do cabo fôra então reputada como huma façanha igual a algum dos *trabalhos d'Hercules*: expressão, que hoje parece nimiamente exagerada, mas que o não era tanto naquelles tempos, vistas as difficuldades, os medos, e os perigos, que ou se tinham experimentado, ou se imaginavão e sopunhão na mesma passagem, e que por tanto tempo a havião retardado.

Parece-nos não se ter ainda determinado com bastante precisão, e certeza a época deste notavel acontecimento. Muitos dos nossos escriptores a referem ao anno de 1433: alguns ao de 1432: outros ao de 1434: e outros finalmente ao de 1428.

Se nesta materia póde haver lugar a conjecturas, nós temos por mui verosimil, que a passagem do *Bojador* se executou em 1429, ou quando mais tarde em 1430. As razões, em que nos fundamos, são as seguintes:

Primeira: que os nossos antigos uniformemente dizem, que o Infante D. Henrique,

por mais de doze annos, fizera tentativas para dobrar este cab o, mandando a elle frequentemente os seus navios. E como estas tentativas começárão logo depois da expedição de *Ceuta*, isto he, em 1416, ou ao mais tardar em 1417, parece que a passagem do cabo seria em 1429 ou em 1430.

Segunda: que o Papa Martinho V. permittio por huma sua bulla, que se podesse contractar e commerciar com os infieis. Esta permissão, cuja verdadeira data ignoramos, não podia ser posterior a 20 de Fevereiro de 1431, em que aquelle santo Padre falleceo. Tinha pois sido pedida, e póde ser que concedida pelo menos em 1430. Por outra parte he de presumir, que o Infante sómente a-pediria depois de se ter vencido a grande difficuldade do *Bojador;* porque até então nem sabemos que os nossos navegadores sahissem em terra a negociar, ou procurassem ter communicação e commercio com os habitantes; nem he verosimil que o intentassem a respeito dos Mouros, com que os Portuguezes estavão em actual, e contínua guerra. Donde se collige, que antes de 1430, ou quando muito nesse mesmo anno, já se tinha vencido o *Bojador*.

Terceira: que na bulla do Papa Nicoláo V. (já citada) dos principios de Janeiro do

anno da *Encarnação* de 1454, que he anno vulgar de 1455, se diz que o Infante havia vinte e cinco annos (*a viginti quinque annis citra*, isto he, *ha vinte e cinco annos á esta parte)* não cessava de mandar navios ao descobrimento das *terras*, *e costas do Bojador para as partes do sul.* Logo o *Bojador* já tinha sido dobrado, e já se navegava além delle para o sul *vinte e cinco* annos antes da data da bulla, o que vem a dar em Janeiro de 1430, e mui provavelmente no anno antecedente de 1429.

ADVERTENCIA.

Pareceo-nos aqui lugar proprio para notar em geral, que algumas das differenças que se encontrão nos antigos escriptores a respeito de datas, e que talvez parece que embaração a chronologia dos descobrimentos, se devem attribuir, segundo o nosso juizo, a que huns tomavão por época de tal, ou tal expedição e descobrimento o anno em que os navegantes sahião de Portugal: outros o anno em que chegavão á costa de Africa, e effectivamente tocavão o ponto descoberto, o que muitas vezes succedia no anno seguinte ao da sahida: e outros finalmente o anno em que voltavão ao reino, e se divulgava a noticia. Por onde entendemos, que quando a dif-

ferença das datas he pequena, e de annos immediatos, se não deve fazer conta com ella para d'ahi arguir alguma incerteza no acontecimento, ou alguma variação essencial na sua época.

Anno de 1431 e 1432.

O Infante D. Henrique mandou no anno de 1431, que o Commendador de Almourol na O. de Chr. Fr. Gonçalo Velho Cabral fosse correr os mares a Oeste, em demanda de novas terras. O navegante encontrou os *baixos das Formigas*, situados entre as ilhas de *Santa Maria*, e *S. Miguel*, mas não deo fé de nenhuma dellas, e voltou a Portugal a informar o Infante do que tinha observado.

Foi outra vêz mandado no anno seguinte de 1432 a explorar os mares, em que existião aquelles baixos, e então com melhor fortuna descobrio a ilha de *Santa Maria*, primeira descoberta no archipelago dos Açôres a 15 de Agosto, e pela circunstancia da festividade do dia lhe deo aquelle nome.

O Infante fez a Gonçalo Velho Capitão-donatario da ilha, e elle a começou logo a povoar, e cultivar com grande proveito e interesse.

Anno de 1434 e 1435.

O mesmo Gil Eannes, que dobrára o cabo *Bojador*, voltou em 1434 áquellas paragens com Affonço Gonsalves Baldaya, Copeiro do Infante. Passárão obra de 30 leguas adiante do cabo, e descobrírão huma angra, ou bahia, a que posérão nome *Angra de ruivos* por acharem ali muitos dos peixes, a que os Portuguezes chamão *ruivos.*

No anno seguinte ou estavão ainda nas mesmas paragens, ou a ellas voltárão. Adiantárão mais 12 leguas pela costa, e sahindo em terra Heitor Homem, e Diogo Lopes de Almeida, encontrárão alguns barbaros, que á vista dos nossos se poserão em fugida.

Passárão ainda depois hum pouco mais adiante, e chegárão á fóz de hum rio, aonde matárão muitos lobos marinhos (especie de *phocas*, segundo parece) cujas pelles trouxerão a Portugal.

Este lugar he o que nas antigas relações se ficou denominando o posto dos lobos marinhos: e o rio tomou logo depois o nome de *Rio do ouro* pelo resgate que ahi se fez deste metal.

Sobre o *Rio do ouro*, segundo a observação de hum antigo piloto portuguez, *corre*

a linha do tropico de Cancro, pelo que se vê que denotava o rio a 23° e 30′ septemtr., que era a posição que algumas antigas cartas davão á linha do tropico.

Anno de 1437 e 1438.

Em 1437 foi a infeliz expedição de *Tangere*, em que esteve o Infante D. Henrique. E como além do desgosto que ella cauzou no reino, se seguisse logo em 1438 o fallecimento do sabio, e virtuoso Rei D. Duarte, e apôz elle sobreviessem as perturbações publicas, occasionadas da tutoria da Rainha D. Leonor; não parece verosimil que se tentasse nestes annos cousa alguma importante para adiantar os descobrimentos. Comtudo o Infante nunca deixava de mandar os seus navios á costa de Africa.

Ao mesmo anno de 1438 attribuem alguns a vinda de *Mestre Jacome de Maiorca* para Portugal, chamado pelo Infante para dar regularidade e direcção á sua *Escola de Sagres*. Delle diz hum douto Geografo moderno, que era *versadissimo na navegação*, *e na arte de fabricar instrumentos e de projectar Cartas nauticas*, e que o immortal Infante *o posera á frente da Academia, que havia fundado, com o fim de propagar tão uteis conhecimentos.*

Anno de 1439 ou 1440.

Diniz Fernandes, Escudeiro do Infante D. João, chegou em algum destes annos a hum grande rio, que os naturaes da costa chamavão Quedec, (*) e a que os nossos derão o nome de *Sanagá*, do nome de hum senhor da terra, com quem fallárão, arrumando a sua fóz a 16° de latit. septemtr.

Cadamosto que fez a sua primeira viagem em 1445, diz expressamente que o *Senegal* tinha sido descoberto *cinco annos antes*.

(Navegações de Cadamosto, Relação 1.ª)

(*) Damião de Goes na *Chron. do Princip. D. Joam*, edição de 1724, em lugar de *Quedec* escreve *Sonedech* » — Manoel Corrêa, nos Commentarios a Camões, escreve *Quedec*, e diz que he o nome que os Mouros dão ao rio na entrada do mar. E Barros 1. 1. 13, diz que o verdadeiro nome do rio, *ali na sua fóz*, *he Ouedech*, segundo a lingua dos negros que habitão o paiz; e que subindo por elle acima toma differentes nomes.

Anno de 1440 e 1441.

Nuno Tristão, e Antão Gonsalves, criados do Infante D. Henrique, hindo ao posto dos lobos marinhos, tomárão alguns barbaros.

Antão Gonsalves, que ainda era mancebo, foi ali armado cavalleiro, e por esta circunstancia se deo áquelle lugar o nome de *Porto do Cavalleiro*, que parece ser o mesmo, que Ortelio em suas Taboas designa. « *P. de cavalli* » alterando o nome, como faz outras muitas vezes, ou por ignorancia do idioma portuguez, ou por se ter já perdido de vista o facto, que motivára a denominação.

O Gonsalves voltou a Portugal, e Nuno Tristão, proseguindo, chegou ao *Cabo-branco*, que os nossos arrumavão a 20° septemtr., e lhe deo o nome.

Anno de 1442.

Antão Gonsalves depois de armado cavalleiro no *posto dos Lobos marinhos* voltando a Portugal, como dissemos, trouxe alguns barbaros que ali captivára, dos quaes o Infante não cessava de tirar novas informações sobre as costas, terras, e gentes que por ali habitavão.

Como estes Mouros promettessem dar alguns *negros de Guiné*, em seu resgate, *cousa que o Infante muito dezejava, pelo que o vulgo fabulava daquellas terras*, voltou o Gonsalves com elles a Africa neste anno de 1442.

Os Mouros cumprírão a promessa, e derão em preço da sua liberdade *algum ouro, e dez negros de differentes terras.*

Este (dizem os nossos escriptores) foi o *primeiro ouro que veio daquellas partes*, assim como *os negros forão os primeiros escravos, que da Costa occidental de Africa vierão a Portugal.*

Anno de 1443.

Nuno Tristão, a quem ha pouco deixámos no *Cabo-branco*, proseguindo as suas explorações, descobrio a ilha de *Adeger*, e a *das Garças* (no golfo de *Arguim*) á segunda das quaes deo o nome das muitas aves assim chamadas, que ali achou.

Depois voltou a Portugal, trazendo mais de quarenta *negros captivos, que cá se estimárão muito* (diz hum antigo escriptor portuguez) *por sua estranha figura.*

Anno de 1443 ou 1444.

Diniz Fernandes (de quem fallamos ao an. 1439) descobrio o *cabo*, que fórma o ponto mais occidental de Africa, denominado pelos antigos geografos gregos « *hesperion keras (occidentale cornu)* » e arrumado pelos antigos navegadores portuguezes em *pouco mais de* 14° *septemtr.* (hoje em 14° 48′).

A este cabo derão o nome de *Cabo-verde*, pelo aspecto, que mostrava, todo coberto de verdura: e parece que era ornado, na sua maior elevação, da grande arvore *baobab*, a que alguns naturalistas chamão *colosso do reino vegetal:* a qual extendendo ao largo seus grandes ramos, desce com as folhas até á superficie da terra, e a cobre de verdura mui agradavel. O seu tronco cavernoso serve talvez de sala de assemblêa a huma povoação inteira.

Os nossos escriptores varião sobre a época deste descobrimento entre os annos 1440 e 1446. Nós adoptamos os annos de 1443 ou 1444, porque Cadamosto diz que o cabo fôra descoberto por Portuguezes hum anno antes da sua primeira viagem, e como esta foi em 1445, vem o descobrimento *do Cabo-verde* a

cahir em algum dos ditos dous annos, confórme o maior, ou menor rigôr, em que tomarmos as palavras de Cadamosto.

(*Cordeiro*, na Hist. Insulan. assigna o anno de 1443) Vej. o liv. 2. cap. 8. pag. 57. e liv. 6. cap. 1. pag. 241, aonde diz que as ilhas de Cabo-verde forão descobertas *em* 1443, *e muito mais em* 1445.

Anno de 1444.

No anno de 1444 se organizou, e estabeleceo com autoridade, e aprazimento do Infante a Companhia de Lagos, destinada a continuar os descobrimentos, e o commercio de Africa, debaixo da direcção do illustre Principe, e com certas condições, que elle lhe prescreveo.

Esta Companhia aprestou logo algumas caravelas, em que sahírão ao mar Lançarote, Gil Eannes, Estevão Affonço, Rodrigo Alvarez, João Dias, Martim Vicente, João Vasquez &c. os quaes descobrírão a ilha de *Nar*, a de *Tider*, e outras.

(Barros: Faria e Souza: Vid. do Inf. D. Henr. &c.)

Açôres.

Parece que neste mesmo anno o Commendador Gonçalo Velho Cabral mandado pelo Infante continuar os descobrimentos nos mares de Oeste, descobrio a segunda ilha do archipelago dos Açôres, a que pôz o nome de *S. Miguel* pela ter tocado a 8 de Maio,

dia da apparição do Santo Archanjo. E como obtivesse do Infante a capitania desta nova ilha, assim como já tinha a de *Santa Maria*, passou no anno seguinte de 1445 a povoa-la, e cultiva-la, como já tinha feito á primeira.

Anno de 1445.

Em 1445 a 22 de Março sahio de Portugal ao descobrimento de novas terras em Africa huma caravela do Infante D. Henrique, de que era Patrão Vicente Dias de Lagos, e nella, com licença, e aprazimento do Infante, se embarcou o Veneziano Luiz de Cadamosto, que para isso se offerecera.

Abordou á ilha de *Porto Santo*, que diz ter sido descoberta *haveria vinte e sete annos*.

Passou á ilha da *Madeira*, da qual diz que o Infante a fizera *povoar ha vinte e quatro annos para cá.*

D'ahi foi ás *Canarias*, e destas ilhas passou ao *Cabo-branco*, já descoberto pelos Portuguezes.

Entrou no golfo de Arguim, aonde diz elle que erão já conhecidas 4 ilhas: a saber, a 1.ª chamada de *Arguim*, que deo nome ao golfo: a 2.ª que os Portuguezes tinhão denominado *ilha Branca*, por ser toda arenosa: a 3.ª das *Garças*: e a 4.ª que elle diz ter sido denominada *dos Corações*, todas pequenas, arenosas, deshabitadas, e sem agoa doce, excepto a 1.ª

Continuando a navegar chegou ao *Sene-*

gal, que segundo elle diz, tinha sido descoberto *cinco annos antes* por tres caravelas do Infante, que entrárão por elle acima.

D'ahi passou á terra de *Budomel*, tambem já conhecida dos Portuguezes, aonde esteve em terra muitos dias, tratando, e commerciando com os senhores do lugar, e com os negros que ali concorrião.

Estando para partir d'aqui, e navegar ávante, teve o encontro de duas caravelas, em que hião *Antonio de Nola*, grande navegador e gentil homem genovêz, e alguns Portuguezes criados do Infante: e acordando-se todos, resolverão hir em conserva adiantar os descobrimentos.

Chegárão ao *Cabo-verde*, que Cadamosto diz haver sido descoberto pelos Portuguezes *hum anno antes*, que elle fosse áquellas partes.

Correndo pela costa para o sul, descobrírão a bôca de hum rio, a que derão o nome de *rio Barbacim* a 60 milhas do *Cabo-verde*: e este foi o primeiro descobrimento novo, que fizerão as tres caravelas.

Passando ainda a diante avistárão outro rio, que lhes pareceo não menor, que o *Senegal*; mas não sendo bem recebidos dos negros, navegárão mais ao sul, e descobrírão o paiz de *Gambia*, e o rio do mesmo nome, pelo qual entrárão algum espaço. *Este era o*

paiz, que determinadamente buscavão por expressa ordem do Infante, que delle tinha informações pelos negros que já havia em Portugal.

Os navegantes quizerão entrar mais acima pelo rio; mas como a gente do mar repugnasse a este intento, resolvêrão voltar ao reino.

(Relação 1.ª *de Cadamosto)*

Neste mesmo anno hum criado do Infante, por nome Gonçalo de Cintra, descobrio adiante do *rio do Ouro* a angra, que do seu nome se ficou chamando *Angra de Gonçalo de Cintra*, notada nas taboas de Ortelio com as palavras « *G. de Goncintra* » querendo dizer, segundo parece, « *golfo de Gonçalo de Cintra.* »

Este infeliz navegante, entrando por hum esteiro na ilha de *Arguim*, e ficando em sêcco á vasante da maré, foi accommettido pelos barbaros, e morto com alguns seus companheiros.

Anno de 1446.

Neste anno fez Luiz de Cadamosto a sua segunda viagem em huma caravela, acompanhado de outra em que hia Antonio de Nola, e de outra do Infante D. Henrique, tudo com licença, e aprazimento deste Principe. Sahírão de Lagos no principio de Maio.

Na altura de *Cabo-verde* descobrírão quatro das ilhas, que do mesmo cabo se denominão, e diz Cadamosto, que outros, *que depois ali forão, as reconhecerão, e acharão serem dez, entre grandes, e pequenas, e todas deshabitadas.*

Das quatro que agora se descobrírão, derão á primeira o nome *da Boa-vista* por ter sido a primeira que naquelles mares avistárão; a outra *(que lhes pareceo a melhor das quatro)*, chamárão de *Santiago.* As outras duas, a que Cadámosto aqui não dá nome, serião provavelmente a de *S. Felippe*, e de *S. Christovão*, que tambem se chamou *do Sal.* Parece que todas forão descobertas no dia 25 de Julho.

Deixadas estas ilhas, vierão em demanda do *Cabo-verde.* Tocárão o lugar *das duas palmas* (entre o *Senegal e o Cabo)*, assim cha-

chamado das que ali collocou ou designou Diniz Fernandes, como marco para denotar o sitio em que os povos *Azenegues*, se apartão dos *negros idolatras*. Forão ao *Gambia*, e entrárão por elle *mais de* 60 *milhas*, até o senhorio de *Battimanza*, aonde estivérão 11 dias, permutando as fazendas, que levavão, por *ouro*, *e escravos*.

Do Gambia, navegando ao sul, descobrírão o rio que chamárão de *Caramanza*, do nome do senhor, que ali governava, o qual ficava 25 *leguas ou cem milhas, além do Gambia.* O seu nome, segundo Damião de Goes, era *Rha.*

D'aqui correndo sempre a costa no rumo do sul, descobrírão, a cousa de 20 milhas de distancia, hum cabo a que derão o nome de *Cabo-vermelho*, pela apparencia da côr da terra (ou *Cabo-roxo).*

Pouco adiante chegárão a hum rio, que denominárão *de Santa-Anna.*

D'aqui navegando descobrírão outro rio, a que derão o nome de *S. Domingos*, e por estimativa julgárão distar do *Cabo-vermelho* obra de 55 a 60 milhas.

Continuando a navegar mais huma *jornada* pela costa, descobrírão outro rio grandissimo, que tinha na bocca mais de 20 milhas de largura. Este se ficou chamando *o Rio*

Grande. Defronte delle avistárão ao mar algumas ilhas, que estarião a cousa de 30 milhas de distancia da terra.

Desta paragem voltando ao reino fizerão caminho por aquellas ilhas, e observárão que duas dellas erão grandes, e habitadas de negros, e as outras duas mais pequenas; mas não se podendo entender com os habitantes, continuárão viagem para Portugal.

Vê-se pois, que nas duas viagens, em que foi Cadamosto, se descobrio a costa desde o rio *Barbacim*, 60 milhas ao sul de *Cabo-verde*, até o *Rio Grande*, e no mar as quatro ilhas de *Cabo-verde*, e as outras quatro, de que acabamos de fallar, e que são sem duvida as que formão o archipelago *dos Bissangos*.

Os nossos navegadores denotavão a embocadura do *Rio Grande* em 11° de lat. septemtr., e parece que o remontárão por espaço de algumas 90 leguas até chegarem a huma cataracta, que os não deixou hir ávante. Pelo tempo adiante se fundárão nas suas margens alguns estabelecimentos portuguezes.

(2.ª *Relação das navegações de Cadamosto — Cordeiro Hist. Insulan. &c.*

Anno de 1446 e 1447.

No anno de 1446 achamos mencionada a expedição de tres navios, em que forão Antão Gonsalves, Diogo Affonso, e Gomes Perez, encarregados de propôr aos habitantes do *rio do Ouro* a sua conversão ao christianismo, e alliança de commercio com os Portuguezes.

Nesta occasião veio hum daquelles habitantes, por sua propria vontade, a Portugal; e lá quiz ficar, tambem espontaneamente, hum Portuguez, por nome *João Fernandes*, que aprendeó a lingua do paiz, observou os costumes dos póvos, e veio depois informar de tudo o Infante D. Henrique, com inexplicavel gosto e satisfação deste grande Principe.

Em 1447, entrando Nuno Tristão pelo *Rio Grande*, e sendo accommettido de grande numero de barbaros, foi morto no conflicto.

Alvaro Fernandes, que tinha descoberto o *Cabo dos mastos*, passou adiante do *Rio Grande*, e descobrio o rio de *Tabite*.

Já a navegação dos Portuguezes para aquellas partes era tão frequente, que por estes annos chegárão a achar-se lá reunidos,

alguns 27 navios, sahidos de Portugal, e da ilha da Madeira.

No mesmo anno em que Nuno Tristão foi morto no *Rio Grande*, ou no antecedente de 1446, descobrio elle o rio, que se ficou chamando *Rio de Nuno*, a poucas leguas do *Rio Grande* ao sueste.

Anno de 1448.

Neste anno foi mandado Fernando Affonso como embaixador a hum Rei chamado *Farim*, na costa, ao sul de *Cabo-verde*, convidando-o a abraçar a religião christãa, e assentar commercio com os Portuguezes.

Notão os antigos escriptores, que d'aqui vierão a Portugal os primeiros *dentes d'elefante*, trazidos daquellas regiões.

Notão tambem, que Diogo Gil Homem, encarregado de estabelecer commercio com os Mouros, passando além do Cabo de *Gué*, trouxera a Lisboa o primeiro *leão*, que veio d'Africa.

Anno de 1449.

Soeiro Mendes foi neste anno de 1449 lançar os fundamentos ao castello de Arguim, de que ficou sendo capitão, ou governador. Foi o primeiro castello, que levantamos naquellas conquistas, para segurança do commercio e da navegação.

Açôres.

A este anno se attribue com grande probabilidade o descobrimento da ilha *Terceira*, que no anno seguinte de 1450 se dizia *ter sido descoberta pouco tempo antes*. O nome que se lhe deo ao principio foi o de *ilha de Jesu-Christo*; mas pelo tempo adiante tomou, e hoje conserva, o de *Terceira*, que parece allusivo á ordem do descobrimento.

A capitania desta ilha foi dada pelo Infante em 1450 a Jacome de Bruges, cavalleiro Flamengo, que tendo vindo para Portugal, entrou no serviço do Infante, e cazou com huma dama da Infanta D. Brites. Elle a povoou com alguns cazaes que levou do reino, e da Madeira, e assim começou a sua cultura.

A este Jacome de Bruges, e a este mesmo anno de 1449, se attribue tambem o descobrimento da ilha de *S. Jorge*, que se julga ser a quarta que se descobrio no archipelago dos *Açôres*, posto que alguns dão a preferencia do descobrimento á *Graciosa*.

A *do Corvo*, he fóra de duvida que estava descoberta em 1453; porque nesse anno a doou elRei D. Affonso V. ao Duque de Bragança por Carta de 20 de Janeiro, dada em Evora. E parece verosimil, que ao mesmo tempo se descobrio *a das Flores*, situada a tão pequena distancia.

Das duas que restão, e pertencem a este archipelago, chamadas *do Fayal*, *e do Pico*, não temos noticia exacta de quando fossem descobertas; mas parece provavel que o serião dentro do periodo em que forão achadas todas as mais.

NOTA.

Neste proprio anno em que estamos, de 1449, succedeo a fatal catastrofe de *Alfarrobeira*, em que perdeo a vida o illustre e infeliz Infante D. Pedro, Duque de Coimbra, irmão do nosso Infante D. Henrique. He natural que os desgostos, de que foi acompanhado, e seguido este infausto successo, cauzassem alguma interrupção no progresso dos

descobrimentos, maiormente attendendo-se á idade já adiantada do Infante, aos seus assiduos e incessantes trabalhos, e aos muitos e variados objectos que dividião, e demandavão a sua attenção, já para os estabelecimentos do commercio; já para a colonisação, povoação e cultura das ilhas novamente descobertas, já para o seu bom governo, e administração, &c.

Anno de 1458.

Em 1458 conquistou elRei D. Affonso V. a praça de *Alcacer-ceguer*, na Mauritania Tingitana, levando a esta facção huma armada de mais de 200 baixeis de todos os portes.

Em consequencia desta conquista tomou logo o dictado de « *Rei de Portugal e do Algarve, Senhor de Cepta, e de Alcacer em Africa.* » (*Dissert. Chron. e Crit.* tom. 2. pag. 207).

Anno de 1460.

Neste anno, a 13 de Novembro, falleceo o inclito, immortal Infante D. Henrique autor destes descobrimentos, na sua villa « *Villa nova do Infante* » por elle mesmo fundada no promontorio de *Sagres*, aonde fizera sua ordinaria habitação.

Alguns escriptores, e entre elles João de Barros, alargárão a vida deste grande Principe até o anno de 1463, mas com manifesta equivocação, como se poderia provar (se necessario fosse) por documentos authenticos. Bastará porêm lembrar aqui sómente a doação, que elRei D. Affonso V. fez a seu irmão o Infante D. Fernando, de varias ilhas, que tinhão sido de D. Henrique, a qual doação o suppõe já fallecido, e he datada de 3 de Dezembro de 1460, como adiante notaremos.

Além dos grandes serviços, que o Infante D. Henrique fez á Corôa de Portugal, principalmente na expugnação de Ceuta, e nas guerras d'Africa, trabalhou incessantemente, e com admiravel perseverança, por mais de 40 annos contínuos, na grande e gloriosa empreza dos descobrimentos maritimos, deixando descoberta em seu tempo toda a costa occi-

dental de Africa desde o cabo *Bojador* em 26° e 23′, quazi até *Serra Leôa* em 8° septemtr., e além disso as muitas ilhas, que deixamos referidas, cuja povoação, cultura, e commercio fundou, e promoveo com grande intelligencia, e com incriveis despezas da sua fazenda.

Fundou tambem a Escóla mathematica, cosmografica e nautica de Sagres, aonde se fazião as *observações* astronomicas uteis e applicaveis á navegação; se projectavão *Cartas* hydrograficas; se fabricavão *instrumentos* proprios para observar o sol e os astros; se trabalhava em aperfeiçoar a construcção naval, &c. : e donde sahírão os habeis navegadores portuguezes, que neste e no seguinte seculo admirárão a Europa, e levárão o nome portuguez até ás mais remotas extremidades do mundo.

He muito para sentir, que os nossos antigos nos não conservassem escripto algum deste grande Principe, nem os commentarios, que necessariamente havia de fazer, ácerca do resultado de seus utilissimos trabalhos, e sabias fadigas.

O elegante chronista dominicano Fr. Luiz de Souza diz que vira em Valença de Aragão «*hum livro dos descobrimentos do Infante D. Henrique que parecia ser obra sua*, mandado

pelo Infante a hum Rei de Napoles, d'onde passára ao poder do Duque de Calabria, ultimo descendente da linha masculina d'aquelles Principes, e vice-Rei de Valença de Aragão. *Na portada* (continúa ainda o chronista) *se vião debuxadas humas pyramides, e a conhecida letra do Infante «talent de bien faire»* letra que este heroico Principe tão completamente desempenhou. Esta preciosa obra perdeo-se como muitas outras, que servirião para illustrar as épocas de nossos primeiros descobrimentos, firmar, e augmentar a gloria da Nação, e arguir o affectado e ingrato silencio dos estrangeiros.

Apezar disso não se poderá jámais negar, que todas *as viagens procedidas do descobrimento de huma boa parte de Africa, e das Indias Oriental e Occidental, e todas as que dellas se derivarem até ao fim dos seculos,* bem como os progressos da Geografia, das Sciencias, e das Artes, e em fim o estado actual da civilisação europêa se deve em grande parte ao genio deste Principe, e á sua infatigavel diligencia, e constancia.

Periodo 2.°

DESDE O ANNO DE 1460 ATÉ AO DE 1495

COMPREHENDE O RESTO DO REINADO DE ELREI D. AFFONSO V.
DESDE O FALLECIMENTO DO INFANTE D. HENRIQUE,
E TODO O REINADO DE ELREI D. JOÃO II.

REINADO DE ELREI D. AFFONSO V.

ATÉ AO ANNO DE 1481.

Anno de 1460.

No anno de 1460, a 3 de Dezembro, estando elRei D. Affonso V. em Evora, fez doação a seu irmão o Infante D. Fernando, para elle, e para o seu filho maior barão, de varias ilhas *para as possuir* (diz elRei) *do mesmo modo, como as de nós havia o Infante D. Henrique meu Tio, que Deos haja.*

Fazemos aqui lembrança deste documento, para noticia das ilhas, que nelle vem expressamente nomeadas, e são pela ordem do texto, as seguintes.

1 *Madeira.*
2 *Porto-Santo.*
3 *Dezerta.*
4 *S. Luiz.*
5 *S. Diniz.*
6 *S. Jorge.*
7 *S. Thomaz.*
8 *Santa Eyréa.*
9 *Jesu-Christo.*
10 *Graciosa.*
11 *S. Miguel.*
12 *Santa Maria.*
13 *S. Jacobe.*
14 *S. Filippe.*
15 *De las Mayaes.*
16 *S. Christovão.*
17 *Ilha Lana.*

Aqui achamos as tres ilhas primeiro descobertas, *Madeira, Porto-Santo, e Dezerta.*

Aqui achamos *cinco* das do archipelago dos *Açóres* « *S. Jorge, Jesu-Christo, Graciosa, S. Miguel, e Santa Maria.*

Aqui achamos *quatro* das de *Cabo-verde*, a saber: *S. Jacobe*, *S. Filippe*, *das Mayaes*, (de Maio) *e S. Christovão* (ou *do Sal).*

E achamos finalmente algumas outras, cuja situação não temos podido averiguar, como são: *S. Luiz* (que póde ser a do *Senegal), S. Diniz*, *S. Thomaz*, *Santa Eyréa*, *e Ilha Lana.*

(Veja-se o documento que citamos, no tom. 1. das *Prov. da Hist. Genealog. da Casa Real Portugueza.)*

Anno de 1460 ou 1461.

Depois da morte do Infante D. Henrique, despachou elRei D. Affonso V. a Pedro de Cintra, dando-lhe por regimento correr a *costa dos negros*, e descobrir novas terras.

O primeiro descobrimento deste navegador foi o *Rio de Bessegue*, a 40 milhas do *Rio Grande* por costa.

D'ahi a mais 140 milhas descobrio o *Cabo*, que se chamou *da Verga*.

D'ahi a 80 milhas descobrio outro *cabo* muito alto, e coberto de arvores viçosas, a que deo o nome de *Cabo de Sagres de Guiné*.

Defronte deste cabo ao mar descobrio *duas ilhas*, deshabitadas, e sem nome.

Do mesmo cabo a 40 milhas descobrio o rio, que se chamou de *S. Vicente*: e mais adiante 5 milhas o rio que se denominou *Rio-verde*.

A 24 milhas do *Rio-verde* achou o cabo a que deo o nome de *Cabo-ledo* por ser mui viçoso.

Por esta costa se extende em longura de mais de 50 milhas huma altissima montanha cheia de verde e copado arvoredo, a que

se deo o nome de *Serra-leóa*, pelo grande rugido, que continuamente fazem as trovoadas, de que está cercado o seu cume.

Defronte da extremidade meridional desta serra estavão tres ilhotas, que os navegantes denomináirão *Selvagens*.

A 30 milhas adiante da ponta da montanha descobrírão o *Rio-vermelho* (ou roxo), a que derão este nome, porque a sua agoa, correndo por terreno *avermelhado*, mostrava a mesma côr.

Além deste rio está hum *Cabo*, que tambem denominárão *vermelho*; e defronte delle ao mar huma ilhota deshabitada que igualmente ficou com o nome de *Ilha-vermelha*.

Passado o Cabo-vermelho descobrírão hum rio grande, que chamárão de *Santa Maria das Neves*, pelo avistarem a 5 de Agosto.

Além deste rio está huma ponta, e defronte della a *ilha* que chamárão *dos Bancos*, pelos muitos que ali faz a arêa.

Além desta ilha descobrírão hum cabo grande que chamárão *Cabo de Santa Anna*, pelo avistarem a 30 de Julho.

Do *Cabo de Santa Anna* a 60 milhas, descobrírão hum rio, a que derão o nome *das Palmas*, por haver ali muitas.

Navegando ainda outras 60 milhas, achárão o *rio*, a que pozérão o nome *dos Fumos*,

por verem muitos na costa quando ali passárão.

Mais adiante 24 milhas descobrírão o *Cabo do Monte*, assim denominado porque o cabo entrando muito ao mar mostra hum elevado monte.

D'ahi a 60 milhas achárão outro *càbo*, e outro *monte* mais pequeno, a que por isso chamárão *Cabo Mesurado.*

Navegando ainda mais 16 milhas notárão hum bosque grande com arvores mui verdes que vinhão até ao mar, e lhe chamárão o *Bosque de Santa Maria.*

D'aqui voltou Pedro de Cintra ao reino, trazendo da ultima terra hum negro, conforme a ordem de elRei, que depois o mandou restituir ao seu paiz.

A *Relação* desta viagem foi escripta por *Cadamosto*, e della se vê:

1.° Que Pedro de Cintra, passando além dos ultimos descobrimentos, explorou mais de 629 milhas de costa para o sul.

2.° Que a sua viagem foi executada logo depois da morte do Infante D. Henrique, e provavelmente no anno de 1461, ou quando mais tarde em 1462, porque Cadamosto, concluindo a narração diz « *E deste ultimo lugar (que era o Bosque, ou Matta de Santa Maria) não tinha passado navio algum até á minha*

partida de Hespanha, que foi no primeiro dia do mez de Fevereiro de 1463.»

(Vej. *Navegação do Capitão Pedro de Cintra escripta por Cadamosto, impressa na collecção de noticias para a hist. e geograf. das nações ultramarinas* da Academia R. das Scienc. de Lisboa, tom. 2. n.° 1.)

Anno de 1469.

Neste anno de 1469 mandou elRei arrendar o commercio da costa d'Africa a Fernam Gomes por cinco annos, e por 500 cruzados em cada anno, ficando reservado para a Corôa o marfim, e impondo-se ao arrendatario a obrigação de descobrir cada anno *cem leguas de costa*.

Fernam Gomes encarregou o descobrimento a João de Santarêm, e Pedro de Escobar, criados de elRei, os quaes partírão em dous navios, levando hum delles por piloto Martim Fernandes de Lisboa, e o outro Alvaro Esteves de Lagos, *hum dos homens mais entendidos e acreditados em sua arte por aquelles tempos*.

Estes navegantes descobrírão o resgate do ouro, a que chamárão a *Mina*, e dizem alguns escriptores, que chegárão ao *Cabo de Santa Catharina*, que os nossos antigos punhão a 2° de lat. austr. Outros porém dizem que o cabo fôra descoberto por hum *N. Sequeira*, hum pouco mais tarde em 1471.

Fernam Gomes, por conta do qual se fazião estes desbobrimentos, teve depois o appellido *da Mina*, e por armas *hum escudo em*

campo de prata, com tres meios corpos de Ethiopes, ornados de collares de ouro ao pescoço, e arrecadas nas orelhas e narizes. Estimavão então os Portuguezes este genero de premios, com que os Principes honravão e perpetuavão o seu nome, e a memoria de seus serviços, e por isso erão tão frequentes entre elles as acções generosas, grandes, e uteis.

Anno de 1469 e 1471.

Parece, que a algum destes annos, com pouca differença, se deve referir o descobrimento do *Cabo*, que do nome do seu descobridor se chamou *de Lopo Gonsalves*, o qual fica ao norte do de *Santa Catharina*, a pouco menos de 1° austr., á bôca do rio *Gabam*.

Tambem alguns põem no anno de 1469, e outros em 1471 o descobrimento da ilha, que se chamou *Formosa*, no golfo de Guiné, e que depois tomou o nome de *ilha de Fernando Pó*, que foi o seu descobridor.

Finalmente as outras ilhas do *Corisco*, *Anno-bom, S. Thomé, e Principe*, parece natural terem sido descobertas pelos mesmos tempos, visto serem situadas naquelles mares, tão frequentados então dos navegantes portuguezes. He certo porém, que todas forão achadas em tempo de D. Affonso V.

N. B. As duas ilhas de *Fernando Pó*, e *Anno-bom* forão cedidas a Castella pelo Art. 13 da Convenção ou Tractado de 11 de Março

de 1778, e parece que o Gabinete de Madrid tinha em vista, por este meio, livrar-se da dependencia dos estrangeiros, que, por os Castelhanos não terem possessão alguma na costa d'Africa, erão os que fornecião de negros as colonias hespanholas da America.

Anno de 1471.

Neste anno conquistou elRei D. Affonso V. *Arzilla e Tangere* na Mauritania, levando a esta expedição mais de 300 vazos de todos os portes, e cousa de 30:000 homens de guerra, e marinhagem.

Depois destas conquistas alterou elRei o seu dictado, e se intitulou « *Rei de Portugal e dos Algarves d'aquem e d'além mar em Africa* » (*).

Este Principe entretido nas conquistas da Mauritania, e embaraçado depois com a mal fadada guerra de Castella, e com os outros pouco felizes successos que della se originárão, não adiantou mais os descobrimentos. Os nossos escriptores dizem uniformemente que no seu tempo se não passou do *Cabo de Santa Catharina.*

ElRei falleceo em 1481, e em seu lugar subio ao throno seu filho, D. João II., cujo reinado se póde reputar como huma das épocas mais gloriosas dos nossos descobrimentos, e sem dúvida a mais gloriosa deste *Periodo.*

(*) V. *as Dissert. Chronol. e Criticas* do Sr. João Pedro Ribeiro, aonde tracta *dos Titulos ou Dictados dos Soberanos de Portugal*, tom. 2. pag. 207, e Ruy de Pina, ahi citado, *Chronica de elRei D. Affonso V.* cap. 167.

REINADO DE ELREI D. JOÃO II.

DESDE 1481 ATÉ OUTUBRO DE 1495.

Anno de 1481 e 1482.

ElRei D. João II. (denominado com razão pelos Portuguezes o *Principe Perfeito)* concebeo toda a extensão, e grandeza das idéas e projectos de seu Tio, o immortal Infante D. Henrique, e conheceo a fundo as grandes vantagens, que Portugal, e o mundo inteiro havia de tirar da sua execução. Assim, foi este hum dos principaes cuidados e empenhos do seu saudozo, posto que infelizmente pouco dilatado, governo.

Logo no anno de 1481, em que subio ao throno, mandou á costa d'Africa Diogo de Azambuja, commendador de Castello de Vide na Ordem de Aviz: o qual sahindo de Portugal em 12 de Dezembro com 10 caravelas e 2 urcas, aportou em *Guiné* a 19 de Janeiro do anno seguinte de 1482.

Sahio em terra a 20, e começou logo a levantar o Castello, que elRei quiz se denominasse de *S. Jorge da Mina*, cujos materiaes hião apparelhados de Portugal.

Em roda deste Castello se ajuntou logo huma povoação notavel, a que elRei deo o nome, e foro de *cidade*, por Carta de 15 de Março de 1486.

O Azambuja assentou paz e commercio com *Caramanza*, Rei d'aquella costa, e tentou (posto que sem effeito) persuadi-lo a abraçar o christianismo.

(Garcia de Resend. Chron. de elRei D. João II.)

Anno de 1485.

Neste anno despachou elRei a Diogo Cam aos descobrimentos da costa d'Africa, aonde já tinha hido outra vez de seu mandado, no anno anterior de 1484, ou pouco antes.

O illustre navegador chegou na primeira viagem aos 13° lat. austr., descobrio o grande rio *Zaire*, e o reino de *Congo*, e collocou nessa paragem hum dos padrões que para isso levava preparados.

Na segunda viagem adiantou até os 22° austr. e collocou segundo padrão não longe do *Cabo Negro.*

Os padrões erão delineados por elRei. Constava cada hum de huma columna de pedra com 14 ou 15 palmos de altura, e em cima della huma cruz: tinha esculpidas as armas de Portugal, e dous letreiros, hum em lingua portugueza, e outro em latim, nos quaes se declarava o nome de elRei, a data do descobrimento, e o Capitão que o fizera, e ali collocára aquelle padrão.

Diogo Cam e os Portuguezes que o acompanhavão, e com elle sahírão em terra no *Congo*, houverão-se de tal modo com o Rei que governava aquellas terras, que elle não

só ficou inclinado a favorecer a religião christãa, mas tambem quiz que logo viessem a Portugal alguns dos seus para se instruirem, e doutrinarem na lingua, nos costumes, e nas artes dos Portuguezes: e pedia a elRei, que lhe mandasse ministros da religião, officiaes de algumas artes mecanicas, lavradores que lá ensinassem a amansar os bois, e a cultivar, e aproveitar as terras, mulheres que ensinassem a arte de amassar, e fabricar o pão, &c.

Os moços Conguezes, que o Rei mandou, chegárão a Portugal, e estiverão a aprender as primeiras letras na Casa de Santo Eloy até Dezembro de 1490, em que voltárão ao *Congo*, hindo juntamente alguns religiosos, varios officiaes para a construcção de huma igreja, e para os exercicios de algumas artes, muitos ornamentos, e vasos sagrados, livros, &c.

Esta missão chegou ao Congo a 29 de Março de 1491. O Rei, a Rainha, e muitos dos grandes, e povo recebêrão o baptismo. Lançárão-se os fundamentos á igreja a 6 de Maio de 1491. Hum dos negros que tinha vindo a Portugal começou logo a ensinar a lêr, e escrever, &c. Finalmente a armada Portugueza voltou ao reino em 1492, ficando lá muitos Portuguezes, huns para o tracto do commercio, e para a defensão da fortaleza, que se levantára no paiz; e outros destinados

particularmente por elRei para descobrirem o interior das terras; passarem, se possivel fosse, até o *Preste João* (de que aqui parecia terem-se achado novos indicios); indagarem os caminhos daquelle imperio, &c.

Por estes tempos, ou pouco depois, accrescentou elRei ao seu dictado o de «*Senhor de Guiné*» intitulando-se «*Rei de Portugal e dos Algarves d'aquem e d'além mar em Africa, Senhor de Guiné.*

(Veja-se a respeito deste *Titulo*, ou *Dictado* o que diz o Sr. João Pedro Ribeiro, nas *Dissert. Chronol. e Criticas*, tom. 2. pag. 207.)

Anno de 1486.

No anno de 1486 descobrio João Affonso de Aveiro o reino, e terras de *Benin*, subindo pelo rio *Formoso*. D'ahi veio a primeira *pimenta de Guiné*, que sendo levada pelos Portuguezes a Flandres, foi muito bem acolhida, e estimada no commercio.

Os governadores, e habitantes de *Azamor* na Mauritania, se mandárão submetter á obediencia de elRei de Portugal, obrigando-se a hum tributo annual.

Anno de 1486.

Neste mesmo anno de 1486 sahio do Téjo a fausta, e feliz expedição mandada ao descobrimento do grande *cabo*, que termina a Africa ao sul, arrumado por alguns dos nossos antigos em 35°, e por outros em 34° e 30′ lat. austr. Da qual expedição diz hum moderno geografo estrangeiro, que foi « *a mais delicada, e a mais difficil que se tem tentado nos tempos modernos.* »

Encarregou o grande Rei D. João II. esta tão importante, como arriscada empreza a Bartholomeu Dias, em cuja companhia forão seu irmão Pedro Dias, e Lopo Infante (que alguns chamão João Infante) cada hum em seu navio.

Corrêrão os illustres e ousados navegadores a costa occidental desde o *Cabo Negro*, aonde tinha chegado Diogo Cam, (como ha pouco dissemos) para o sul.

Aos 24° assentárão o padrão *Santiago* no lugar chamado *Serra Parda.*

A 29° descobrírão a *Angra das Voltas*, assim denominada das muitas voltas que os navegantes andárão, dando nessa paragem por espaço de cinco dias.

Apartados deste lugar navegárão ao sul treze dias: e como começassem a sentir grandes frios, e tivessem já corrido por tanto tempo n'aquelle rumo, mandou Bartholomeu Dias demandar a terra pelo rumo de leste, cuidando que a costa ainda ali correria norte-sul.

Passados dias, e não se encontrando terra, mandou velejar ao norte, e nesta direcção foi ter á *Angra dos Vaqueiros*, a que deo este nome pelos que ahi virão pastoreando seus gados. Já os navegantes estavão *além do grande cabo*, que hião buscando, e que muito por largo tinhão rodeado sem o avistarem.

Correndo ainda ávante pela costa na mesma direcção, chegárão a hum ilhéo, que denominárão *da Cruz*, pelo padrão que nelle collocárão a 33° e 45′ austr.

Bartholomeu Dias mandou ainda navegar ávante, obra de 25 leguas, e chegárão com effeito ao *Rio do Infante*, a que derão este nome do appellido de hum dos navegadores. Os nossos antigos marinheiros arrumavão este rio em 32° e 20′ austr.

Nesta paragem foi Bartholomeu Dias obrigado (com grande magoa sua) a retroceder, por a isso o forçarem os clamores da gente dos navios.

Retrocedeo com effeito; avistou o grande

Cabo, a que chamou *das Tormentas*, pelas que nelle experimentára, e ahi collocou o padrão *S. Filippe.*

Entrou finalmente em Portugal em Dezembro de 1487, havendo 16 mezes e 17 dias que tinha sahido.

Dando conta da sua viagem a elRei, este grande Principe, com admiravel penetração de espirito, quasi presagiando o futuro, quiz que o *Cabo* se chamasse *da Boa Esperança*, nome que conserva até ao dia de hoje; e que será em todas as idades, para o Monarca Portuguez, e para toda a nação, hum titulo incontestavel de gloria, superior ao despeito, ao baixo ciume, e á inveja dos estrangeiros.

Anno de 1487.

Quando elRei D. João II. mandava por mar descobrir o *Cabo da Boa Esperança*, despachava tambem por terra, e por differentes vias, varios descobridores, que tentassem chegar á India, penetrar até os estados do *Preste João*, indagar a possibilidade de navegar para aquellas partes, examinar os caminhos por onde vinhão as especiarias, e drogas orientaes; informar-se de alguma passagem pelo interior de Africa para a costa oriental, &c.

Entre estes viajantes descobridores são dignos de especial memoria os dous João Peres da Covilhãa, e Affonso de Paiva.

Pelo mesmo tempo, e annos seguintes entretinha elRei correspondencia com alguns Principes e Senhores de Africa, e mandava estabelecer feitoria Portugueza em *Huadem*.

Entre os descobridores, que forão ao interior, e virão *reinos e gentes até então desconhecidas*, ficárão em lembrança da Historia os nomes de Pedro de Evora, e Gonçalo Annes mandados a *Tucurol*, e *Tombucutu*; Rodrigo Rebello, Pedro Reynel, e João Collaço a *Mandimanza*, a *Tamala dos Fulos*, ao *Rei de Songo*, e *dos Moses*, *&c.*

Em huma Nota particular ajuntaremos as noticias que se conservão nos escriptores, ácerca destas viagens.

Anno de 1487 e 1488.

No mesmo anno de 1487, estando alguns Portuguezes na fóz do *Sanagá* (Senegal) por elles mandou *Bemohi*, Rei negro de Gëlofo, embaixada a elRei, com hum rico presente, de que fazião parte *cem escravos negros*.

No anno seguinte de 1488 veio o mesmo Principe em pessoa a Portugal, implorar o auxilio de elRei D. João II. contra alguns seus vassallos rebeldes. Em Lisboa recebeo o baptismo, elle e outros senhores, que o acompanhavão; e quando quiz voltar a Africa, mandou elRei huma frota, que o escoltasse, auxiliasse, e restituisse aos seus estados, e nella ecclesiasticos, que ensinassem e prégassem o evangelho, e a doutrina christãa; obreiros, que edificassem hum templo, &c. E ordenou ao mesmo tempo, que na fóz do *Sanagá* se levantasse huma fortaleza, por ser informado, que este rio passava por *Tambucutum* e *Mombarce* que erão as maiores feiras do interior, de que toda a Berberia de levante e poente se provia, e abastecia.

Como elRei tinha em diversas partes do *levante* pessoas encarregadas de o informarem, e avisarem de tudo quanto podesse ser

conducente á execução das suas vastas idéas, o S. P. Innocencio VIII. lhe enviou por estes annos hum Sacerdote Ethiope, recem-chegado da Ethiopia, e residente no Collegio de Santo Estevão dos Indianos em Roma para dar informação a elRei das cousas do Preste João, de que tanto desejava noticias. Este Sacerdote se chamava *Lucas Marcos*, e tinha vindo a Roma de mandado do Imperador da Ethiopia sobre o Egypto, isto he, do proprio Principe a quem se applicava o nome de *Preste João*. ElRei o recebeo, e acolheo com grande prazer, e depois de haver delle muitas importantes noticias, o despedio contente, e lhe deo cartas suas para o Imperador.

Anno de 1490.

Em 1490 chegou João Peres da Covilhãa (v. anno de 1487) á côrte da Abyssinia, sendo Imperador *Escander* (Alexandre) a quem entregou as cartas de elRei de Portugal.

ElRei, logo que teve noticias certas d'aquellas partes, começou a preparar huma armada para hir ao descobrimento da India; ordenou o Regimento por que ella havia de governar-se; e designou para Capitão-mór da expedição o grande Vasco da Gama, como refere o seu chronista Garcia de Rezende. A morte prevenio este Principe no meio de seus gloriosos trabalhos, e o descobrimento ficou reservado para o seu successor.

No mesmo anno forão expugnadas na Mauritania as villas de *Targa*, e *Camice*.

Anno de 1491.

A este anno, e aos nove seguintes, até o de 1500, se devem referir as grandes viagens do Dr. Martim Lopes, Jurisconsulto, Filosofo, e Medico, pelas terras do norte da Europa, até aos confins desta parte do mundo, aonde confronta com a Asia. Destas viagens dá elle mesmo succinta noticia a elRei D. Manoel em carta que lhe escreveo de Roma no 1.° de Fevereiro de 1500, e que existe original no Archivo da Torre do Tombo, Corp. Chronol. P. 1. maço 3.° Docum. 5.°

Anno de 1493.

Neste anno aportou a Lisboa Christovão Colombo, já de volta do seu primeiro descobrimento, a que fôra debaixo dos auspicios dos Reis Catholicos.

Foi opinião mui corrente entre os nossos antigos, e referida por muitos escriptores nacionaes e estrangeiros, que o primeiro descobrimento do *Novo* Mundo fôra feito por hum piloto Portuguez, arrojado pelo temporal até ás terras occidentaes, o qual communicára a Colombo as suas cartas, notas, e derrota.

Pareceo-nos pois que esta memoria se devia aqui conservar tal como a recebemos dos antigos, sem comtudo ser nosso animo roubar ao navegador Genovêz a sua gloria, ou diminuir hum só ponto da honrosa fama, e nome illustre, que tão justamente adquirio, e a Historia lhe conserva.

No mesmo anno de 1493 mandou elRei povoar a ilha de *S. Thomé*, dando a capitania della de juro e herdade a Alvaro de Caminha, cavalleiro da sua Casa.

Anno de 1494.

A 7 de Junho deste anno se assignou o celebre *Tractado de Tordesilhas* entre elRei de Portugal, e os Reis Catholicos, pelo qual se ajustou, que contando 370 leguas desde as ilhas de *Cabo-verde* para o occidente, e tirando por esse ponto huma linha imaginaria, que passasse pelos pólos da Terra, e dividisse o globo em dois hemisferios, ficasse o occidental pertencendo aos Reis Catholicos, e o oriental aos Portuguezes, para nelles continuarem livremente os seus descobrimentos.

Anno de 1495.

A 25 de Outubro deste anno de 1495 falleceo elRei D. João II. com o que terminamos o 2.º Periodo do Indice dos nossos descobrimentos.

Não he aqui lugar proprio para fazer o elogio deste Soberano, a quem os Portuguezes, mui avisadamente, denominárão « o *Grande* » e derão a qualificação de « *Principe Perfeito.* » Lembraremos tão sómente pelo que toca ao nosso assumpto.

Que em seu tempo se descobrio toda a costa occidental de Africa desde o *Cabo de Santa Catharina* para o sul; se dobrou o grande *Cabo da Boa Esperança*, e se passou ainda além delle até o rio do Infante.

Que no seu reinado se fundou o castello e cidade de *S. Jorge da Mina*, e se lançárão os primeiros fundamentos aos estabelecimentos do *Congo*, plantando-se ali a religião catholica, que depois foi em tanto crescimento, e introduzindo-se n'aquelles barbaros paizes as artes, os officios, e huma parte da civilisação europêa.

Que este grande Rei não poupou diligen-

cias algumas, nem despezas para obter por meio de viagens terrestres o conhecimento dos paizes orientaes, e das terras do interior da Africa, deixando por este modo ao seu successor as informações, e planos que tão uteis lhe forão para o progresso de nossas emprezas.

Que no tempo deste Principe, por sua ordem, e com auxilio de suas proprias luzes e instrucção, os dous Astronomos Portuguezes Mestre Rodrigo, e Mestre José Hebreo, e o outro tambem habil Astronomo Martim Behaim conseguírão melhorar o instrumento nautico, de que usão os navegantes para tomar a altura do sol, com o que se facilitou muito a navegação pelo alto mar, e podérão os navios desviar-se das costas, que até então seguião com grandes delongas, e inconvenientes.

Que elle mesmo, com a grande intelligencia que tinha *em todos os officios*, *e em particular nas artilherias* (como se explica Rezende) achou e inventou o modo de trazer *mui grossas bombardas em pequenas caravelas, cousa até então desconhecida*, conseguindo com isto defender as costas, e a navegação dos seus navios com menos despeza, e mais segurança.

Que foi elle o primeiro que poz no mar

huma náo de mil toneladas, a maior, mais forte, e mais bem acabada, que até áquelle tempo se havia construido, armada de grossas bombardas, e outras artilherias, *e de tão forte, e basta liança, e tão grosso taboado, que a artilheria a não podia passar* (Rezende).

Tambem não parecerá improprio deste lugar referir, como este illustre Principe, já pelos annos de 1483, ordenára que seu primo D. Manoel, ainda então muito moço, e apenas com direito muito eventual ao throno portuguez, a que depois subio, tomasse por diviza a *Esfera do mundo*, que com effeito começou logo a usar, e conservou ainda depois de Rei. O que nos parece ser grande prova da perspicacia e penetração de elRei, das suas vastas idéas, e esperanças, e do presentimento que tinha dos futuros gloriosos feitos dos Portuguezes.

Este principe, diz hum geografo estrangeiro modermo, fixou a soberania de Portugal em *Guiné*, região fecunda em ouro, marfim, e outras ricas producções; e legou á sua nação huma grande herança de gloria, abrindo caminho ás acções heroicas que depois delle se praticárão na conquista maritima das Indias Orientaes.

Finalmente ao tempo do seu fallecimento deixou quasi prompta a armada que havia

de hir ao descobrimento da India (como já dissemos) e muitas importantes memorias para ulterior execução de seus vastos projectos.

Periodo 3.º

DESDE O ANNO DE 1495 ATÉ AO DE 1578

COMPREHENDE OS REINADOS DE ELREI D. MANOEL — DE ELREI D. JOÃO III. — E DE ELREI D. SEBASTIÃO.

REINADO DE ELREI D. MANOEL.

1495 — 1521.

Anno de 1497.

ElRei D. Manoel, achando quasi prompta a armada, que seu antecessor apparelhára para o descobrimento da India, cuidou logo em expedi-la, tendo em pouco os obstaculos, que a ignorancia, e o timido receio lhe quizerão ainda oppôr.

Constava a armada de tres náos, a saber:

1.ª a náo *S. Gabriel*, capitania, em que foi Vasco da Gama, Capitão-mór da expedição. Piloto, Pedro de Alemquer, o mesmo que tinha hido com Bartholomeu Dias ao descobrimento do Cabo da Boa Esperança.

2.ª a náo *S. Rafael:* Capitão, Paulo da Gama irmão de Vasco da Gama. Piloto, João de Coimbra.

3.ª a náo *Berrio:* Capitão, Nicoláo Coelho. Piloto, Pedro de Escobar.

Hia mais huma barca com mantimentos: Capitão, Gonçalo Nunes.

Todos estes vasos levavão não mais que 160, ou 170 homens, tanto de armas, como de marinhagem, entre os quaes se nomêão Fernam Martins e Martim Affonso, linguas, e tambem pilotos.

Esta pouco numerosa, mas ousada e filiz

companha sahio do Téjo em hum sabbado 8 de Julho de 1497.

Ao quinto mez de sua navegação, a 4 de Novembro, tambem dia de sabbado, descobrírão huma bahia, que denominárão *Angra de Santa Helena*, situada ainda na costa occidental, pouco antes de se chegar ao rosto do cabo. Aqui se demorárão 12 dias, e na quinta feita 16 de Novembro continuárão viagem.

A 22 de Novembro dobrárão o *Cabo da Boa Esperança.*

A 25, dia de Santa Catharina, chegárão ao lugar, a que se deo o nome de *Agoada de S. Braz*, d'onde partírão a 8 de Dezembro.

A 25 de Dezembro avistárão a terra, a que se deo o nome de *terra de Natal*, com respeito á festividade do nascimento de Jesu-Christo. As antigas cartas portuguezas punhão o principio desta *terra de Natal* em 32° e ½ austr.

A 10 de Janeiro de 1498 descobrírão o *Rio dos Reis*, a que derão este nome, por ser então o oitavario da festa da Epiphania. Este rio se chamou tambem *Rio do Cobre*, e á terra se deo o nome de *terra da boa gente.* Os antigos a denotavão a 25°. O Gama deixou neste lugar dous degradados dos que levava para exploradores das terras barbaras, e continuou viagem a 15 de Janeiro.

A pouca distancia do *Rio dos Reis* denotárão a *Agoada da boa paz* em 24° e ½ austr.

A 25 de Janeiro descobrírão hum rio grande, que denominárão *dos bons signaes*, pelos bons auspicios que o Gama tirou de algumas circunstancias favoraveis á sua empreza. Aqui se deo pendôr aos navios, e se collocou o padrão *S. Rafael*, e teve o Gama o desgosto de lhe morrer alguma gente por effeito de huma terrivel, e ascorosa doença. Passados 32 dias, e deixando em terra outros dous degradados, continuárão a navegar a 24 de Fevereiro.

No 1.° de Março descobrírão 4 ilhas, e tomárão terra na de *Moçambique*, aonde collocárão o padrão *S. Jorge.* Levantárão ferro a 13 de Março, terça feira.

No 1.° de Abril, hindo em demanda de *Quilóa*, a não podérão tomar, pelo que navegando ávante, chegárão a *Mombaça* a 7 de Abril, vespera de Ramos, e lançárão ferro á sua entrada. D'aqui sahírão a 13.

No dia 15 de Abril, que foi nesse anno *dia de Pascoa*, fundeárão em *Melinde*, aonde assentárão o padrão *Santo Espirito.* Está esta cidade em 3° austr.

De *Melinde*, tomando piloto da terra, navegárão a 24 de Abril no rumo de nordeste, atravessando aquelle grande golfo.

A 20 de Maio de 1498 surgírão a duas leguas da cidade de *Calecut*, termo de sua navegação, e logo depois passárão ao proprio surgidouro da cidade, aonde collocárão o padrão *S. Gabriel.*

A 29 de Maio se avistou o grande Gama com o *Çamori*, entregou as cartas de elRei, e deo a sua embaixada.

A' volta de *Calecut* descobrírão ainda a ilha de *Anchediva*, e os ilhéos de *Santa Maria*, assim denominados do padrão que ahi se collocou.

A 5 de Outubro de 1498 sahírão de Anchediva para Melinde; mas experimentando grandes calmarias, sómente chegárão a *Magadaxo* a 2 de Fevereiro, e a 7 surgírão em Melinde, anno de 1499.

A 20 de Março de 1499 dobrárão o *Cabo da Boa Esperança.*

A 29 de Julho (alguns dizem *de Agosto)* entrou Vasco da Gama no Téjo, aonde já o esperava Nicoláo Coelho, que tinha chegado a 10 de Julho. Paulo da Gama ficou sepultado na ilha *Terceira.*

Foi o tempo da viagem e ausencia desta companhia de heroes dous annos e vinte e hum dias; e sómente chegárão vivos 55 homens.

O grandioso templo e mosteiro de *Belem*, erigido por elRei D. Manoel em acção de

graças ao Céo pela felicidade do descobrimento da India, he hum monumento immortal da piedade do Monarca, e da gloria da Nação Portugueza. Foi levantado no proprio lugar, em que o inclito Infante D. Henrique havia fundado huma ermida para d'ahi se administrarem os sacramentos aos mareantes, e hum hospital para o tractamento dos enfermos. Ainda hoje se vê a estatua do illustre Infante sobre a porta principal, e as de elRei D. Manoel e da Rainha D. Maria em lugares mais secundarios.

ElRei, logo que o Gama entrou em Lisboa, accrescentou o seu Dictado, e denominou-se « *Rei de Portugal e dos Algarves d'aquem e d'além mar em Africa, Senhor de Guiné, e da Conquista, Navegação, e Commercio da Ethiopia, Arabia, Persia, e India, &c.* » *Titulo tão honroso* (diz Dam. de Goes) *quanto o he a mesma conquista!* Com elle se achão lavrados documentos posteriores a Agosto de 1499. E nesse mesmo anno mandou elRei lavrar os portuguezes de ouro com a legenda:

> *Emanuel Rex Portugaliae, Algarbiorum citra et ultra in Africa, et Dominus Guinae.*

E ao redor das armas:

> *Conquista, Navegaçam, Commercio, Aethiopiae, Arabiae, Persiae, Indiae.*

Anno de 1500.

Pedro Alvares Cabral, mandado á India com huma grande armada de 13 náos, sahio de Lisboa a 9 de Março deste anno: e engolfando-se muito com o fim (ao que parece) de se desviar da costa de Africa, e evitar as calmarias de Guiné, foi arrojado a huma costa desconhecida ao sudoeste, a qual avistou a 22 de Abril, quarta feira da oitava da Pascoa, e nesse dia surgio a cousa de 6 leguas da terra. Ahi deo o nome de *monte pascoal* a hum alto monte que se avistava, e á terra chamou a terra da *Vera-Cruz*.

A 23 navegou para a terra, e lançou ancora em frente de hum pequeno rio, que Nicoláo Coelho foi examinar, achando gente mansa e tractavel.

A 24 corrêrão a costa para o norte em busca de alguma boa abrigada, e achando lugar seguro para as náos, ahi lançárão ancora. Este he o que depois se chamou *Porto Seguro*, arrumado pelos nossos navegadores em 16° e 30′ austr., ou em 16° e 40′.

A 26 de Abril, domingo, oitava da Pascoa, fez Cabral que houvesse missa, e prégação em terra, a que elle assistio com a

gente da armada, e muitos dos naturaes, que fizerão grandes festas, e folias ao seu modo: e para esta solemnidade mandou levantar na praia huma grande cruz de madeira.

Estando aqui alguns dias, em que a armada se proveo de agoa e lenha, despachou Cabral hum dos seus navios, capitão Gaspar de Lemos, para vir trazer a elRei a noticia d'aquelle novo descobrimento, e pondo em terra dous homens, que no reino tinhão sido condemnados á morte, e que levava para exploradores, seguio viagem para a India a 2 de Maio.

No Cabo da Boa Esperança soffreo a armada subita e horrivel tempestade, perdendo-se logo quatro náos, huma das quaes era commandada pelo illustre Bartholomeu Dias, que descobríra, e dobrára o mesmo cabo, e n'aquelles mares ficou sepultado, verificando-se á risca a profetica ameaça do fero Adamastor, quando disse:

« *Aqui espero tomar, se não me engano,*
« *De quem me descobrio summa vingança.* »

Na costa oriental de Africa, esteve a armada em *Moçambique*, *Quilóa*, e *Melinde*; e na costa da Arabia e Persia observou *Magadaxo*, *Socotora*, *Julfar*, *Ormuz*, *&c.* Chegado á India sahio em Anchediva, passou a

Calecut, entrou em *Cochim* e *Cananor*, e voltando a Portugal em 1501 trouxe embaixadores destes dous ultimos reinos.

A' volta lançou em Melinde dous portuguezes, que trabalhassem por penetrar até á Abyssinia, e encarregou a Sancho de Toar de reconhecer *Çofala*, e informar-se do resgate do ouro, que ali se fazia.

Em *Besenegue*, junto a *Cabo-verde* encontrou a expedição de tres navios, em que Americo Vespucio fazia a sua primeira viagem á *terra de Santa Cruz* por ordem de elRei D. Manoel.

A Relação desta viagem de *Cabral*, escripta por hum piloto Portuguez, que nella hia, foi traduzida em latim por *Archangelo Madrignano*, e inserida no *Novus orbis regionum ac insularum, de Grineo*, tendo já sido vertida em italiano, e mettida na collecção de *Ramusio* com o titulo *«Navegação do Capitão Pedro Alvares Cabral, escripta por hum piloto Portuguez.»*

(Veja-se esta Relação *na Collecção de Noticias para a hist. geograf. das nações ultramar. da Academ. R. das Scienc. de Lisboa tom.* 2. *num.* 3., *e a carta de Pedro Vaz Caminha a elRei D. Manoel* na mesma Collecção tom. 4. num. 3.)

Anno de 1500.

Neste mesmo anno de 1500, Gaspar Côrte Real, nobre Portuguez, tentou investigar o ultimo termo da America septemtrional, e descobrir caminho para a India pelo pólo arctico.

Sahio do Téjo, na primavera, com dous navios, e chegou em sua navegação ainda além dos 60° de latitude norte. Descobrio e correo toda a terra de *Labrador*, que tambem se ficou chamando *terra de Côrte Real*, e acima della a costa, que corre até o *Rio das Malvas*: descobrio tambem a que chamou *terra*, ou *ilha dos Bacalháos*, e algumas outras a ella proximas, que os antigos denominárão *Côrtes Reaes*, e mui provavelmente a pequena ilha á entrada do estreito de *Hudson*, que se chamou *de Caramilo*, corrompido este nome do portuguez *caramélo (neve congelada)*.

O illustre navegante, voltando ao reino, repetio a mesma viagem a 15 de Maio de 1501, e como não houvesse noticia delle, foi no anno seguinte de 1502 seu irmão Miguel de Côrte Real em busca delle, mas aconteceo-lhe a mesma má fortuna.

Em 1503 despachou elRei D. Manoel

duas náos em busca de ambos, as quaes voltárão sem resultado algum.

Preparava-se ainda para repetir a mesma diligencia outro irmão mais velho, que os dous, por nome Vasco Eannes Côrte Real, do Conselho de elRei, Alcaide-mór de Tavira, e Governador das ilhas de S. Jorge e Terceira; mas elRei não consentio que elle cumprisse o seu pio e fraternal proposito.

Vasco Eannes, comtudo, teve o senhorio da *Terra Nova*, ou o titulo de *Capitão Donatario da Terra Nova de Côrtes Reaes*, o qual passou a D. Margarida Côrte Real, herdeira da Casa, e por ella a seu marido D. Christovão de Moura, Conde, e depois Marquez de Castello Rodrigo, que tambem se chamou, e seus descendentes, senhor da *Terra Nova*.

As cartas geograficas modernas, não tem querido conservar a memoria do illustre Portuguez no nome de *Côrte Real*, dado ás terras por elle descobertas: mas Pinkerton, no seu *Comp. de geograf. modern.*, edição de 1811, não só diz, *que no anno de* 1500, *Côrte Real*, *Capitão Portuguez*, *buscou huma passagem ao norte*, *e descobrio o Labrador;* mas accrescenta em outro lugar, que « *a vasta extensão das costas, comprehendidas entre os* 57 *e* 77° *de longit. Oeste de París*, *e entre os* 52 *e* 62 *de lat. septemtr.*, *foi chamada terra do Labrador*

por Córte Real, navegador Portuguez, que a descobrio em 1500. » *E Malte Brun, Hist. de la Geograf.* liv. 32, não duvída dizer, *que a idéa de hum estreito ao norte da America, parece ter tido origem nas Relações, ainda mal conhecidas, de Gaspar Córte Real, navegador Portuguez.*

Anno de 1501.

Neste anno, João da Nova, mandado á India por Capitão de quatro náos, e partindo de Lisboa a 5 de Março, descobrio a ilha da Ascensão a 20° e ½ austr., e a cousa de 120 leguas da costa do Brazil, e a outra que se ficou chamando *ilha de João da Nova* ao oriente da Africa.—Barros. 1. 5. 10. edição de 1628, diz que João da Nova, passados 8° além da linha para o sul, achara huma ilha a que pozerão nome de *Concepção*.

Voltando a Portugal, já no anno seguinte de 1502, descobrio a *ilha de Santa Helena* (tão famosa nos nossos dias) a 16°, ou 16 ⅔ de lat. austr., a 450 leguas do Cabo Negro em Africa, e a 750 do Cabo de Santo Agostinho, ponto mais oriental do Brazil, segundo Malte Brun.

Os Portuguezes nunca povoárão esta ilha; mas hum Portuguez, por nome Fernam Lopes, que por especial graça obteve viver ali em desterro, a povoou de varios animaes domesticos, como porcos, cabras, coelhos, perdizes, &c., e fez algumas plantações. A'cerca deste Fernam Lopes, e suas circunstancias, póde ver-se *Castanheda*, na *Hist. da India*, liv. 3. cap. 69. e cap. 94.

Anno de 1501.

Neste mesmo anno de 1501 foi a primeira viagem, que Americo Vespucio, florentino, fez por mandado de elRei de Portugal.

Sahio de Lisboa a 10 de Maio; correo a costa de Africa até Cabo-verde, e passando d'ahi a reconhecer as costas da *Terra de Santa Cruz*, que era o seu particular destino, navegou por ellas até ao *Rio da Prata*, chegando ainda á terra, que depois se chamou *dos Patagões*, d'onde voltou a Lisboa em Setembro de 1502.

(Veja-se a 1.ª *Carta de Americo Vespucio, na Collecção de Noticias para a hist. e geograf. das nações ultramar. da Academ. R. das Scienc. de Lisboa*, tom. 2. num. 4.)

Anno de 1502.

O grande D. Vasco da Gama voltou segunda vez á India com huma armada constante de 20 náos em tres divisões, parte das quaes havião de lá ficar em guarda dos mares.

Na sua passagem pela costa oriental de Africa fez tributario o Rei de *Quilóa*, primeiro principe d'aquellas regiões, que pagou páreas a elRei de Portugal.

Na India assentou tractos de commercio com os Reis de *Cochim*, e *Cananor*, aonde já havia feitorias portuguezas: e em Cochim recebeo embaixada dos christãos de *Mangalor*, e de muitos outros lugares, que espontaneamente quizerão render vassalagem a elRei de Portugal, e se pozerão debaixo da sua protecção, dizendo que haveria em todos os ditos lugares 30:000 christãos, regidos por hum senhor.

Castigou severamente a perfidia, e tracto doble do Imperador de *Calecut*, e voltando ao reino em 1503, apresentou a elRei em acto solemne, o ouro do tributo de *Quilóa*, que o pio Monarca dedicou a N. Senhora de Belem n'uma rica costodia.

Hum Portuguez, por nome *Thomé Lopes*,

que Barbosa diz ser natural da cidade do Porto, escreveo esta viagem com o titulo « *Navegação ás Indias Orientaes* » de que foi parte e testemunha ocular.

(Vejão-se *Noticias para a hist. e geograf. das nações ultramar. da Academ. R. das Scienc.* tom. 2. num. 5.)

Anno de 1503.

Antonio de Saldanha, hindo neste anno para a India, deixou o seu nome á *Agoada do Saldanha*, proxima ao Cabo da Boa Esperança, tendo ahi pelejado com os barbaros. Neste mesmo lugar foi depois morto por elles o illustre Almeida, primeiro Vice-Rei da India, como em seu lugar notaremos (an. 1510.)

No mesmo anno navegárão para a India duas armadas, commandadas pelos dous Albuquerques, Francisco, e Affonso.

Na primeira hia Antão Lopes, mandado por elRei com embaixada ao Rei, ou Imperador dos Abexins; mas perdendo-se a náo, em que hia, ficou a embaixada sem effeito.

Francisco de Albuquerque restituio elRei de Cochim aos seus estados, de que havia sido expulso pelas armas de Calecut: fundou fortaleza em Cochim, e foi a primeira que levantámos na India; e quando d'ali se retirou, deixou em defeza d'aquelle reino o invicto heroe Duarte Pacheco Pereira, cujas espantosas façanhas são bem conhecidas na Historia.

A segunda armada, commandada por Affonso de Albuquerque, teve hum successo similhante ao de Pedro Alvares Cabral; porque de Cabo-verde, engolfando-se ao mar, avistou a ilha da *Ascensão*, e tocou a costa da *Terra de Santa Cruz*.

Chegado á India, entrou em *Coulám*, cidade ainda não conhecida dos Portuguezes, assentou paz, e amizade com o Rei, estabeleceo feitoria, e tracto de commercio, e fez alguns ajustes em beneficio, e para protecção dos numerosos christãos que ali habitavão.

Neste mesmo anno despachou ainda el-Rei D. Manoel outra armada de seis náos, e nella fez sua segunda viagem Americo Vespucio.

As náos navegárão a *Cabo-verde*, e logo depois fazendo-se ao largo, pelo rumo de sudoeste, aos 3° da equinoccial para o sul, avistárão huma ilha á qual foi mandada a náo, em que hia Americo, com o fim de examinar, se nella haveria porto, em que a armada ancorasse, e neste meio tempo soçobrou a náo capitania, salvando-se a gente.

A armada dividio-se nesta paragem, e Americo, que se mostra na sua Relação mui descontente do capitão Portuguez, acaso por-

que este se não sujeitava á sua orgulhosa presumpção, nada mais diz do resto das náos. Ellè porém na sua, com outra de conserva, navegou em demanda da Terra de Santa Cruz.

No fim de 17 dias descobrio hum *porto a que póz o nome de Bahia de todos os Santos*, aonde sahio em terra, e esteve 64 dias.

D'aqui resolvêrão estas duas náos correr a costa, e chegárão a hum porto em 18° austr.

Neste lugar estiverão cinco mezes, fundárão huma fortaleza, e a deixárão guarnecida com 24 homens, armas, 12 bombardas, e mantimento para seis mezes. E diz Americo, que neste lugar, e acompanhado de 30 homens, entrára pelo sertão a distancia de 40 leguas da costa.

D'aqui voltou a Lisboa, e entrou no Tejo em Junho de 1504.

Anno de 1504.

Ruy Lourenço Ravasco, que fôra na armada do Saldanha, fez tributarios a Portugal os Reis de *Zanzibar*, e de *Mombaça*.

Diogo Fernandes Peteira (ou *Pereira)* que da mesma armada se desgarrou, fôi invernar a *Çocotorá* aonde ainda não tinhão hido os Portuguezes.

ElRei D. Manoel mandou ao *Congo* homens letrados, mestres de lêr, e escrever, musicos, livros de doutrina christãa, paramentos sagrados, e outras cousas necessarias para se continuar a instrucção religiosa, e a civilisação d'aquelles povos. De lá vierão tambem muitos moços nobres a Lisboa para estudarem a religião, as letras, e os costumes portuguezes. *(Osorio, Maffei., &c.)*

Por estes tempos o Soldão do Egypto começou a publicar que havia de destruir a casa santa de Jerusalem, o sepulchro de Jesu-Christo, e o mosteiro do monte *Sinay*, e obri-

gar os christãos dos seus estados a se fazerem Mahumetanos, se os Portuguezes não desistissem de suas emprezas na India. Estas ameaças vierão a ter o resultado, que se verá no anno de 1513.

Anno de 1505.

ElRei D. Manoel informado das maquinações occultas, e pouco leaes da Republica de Veneza, e da manifesta opposição do Soldão do Egypto, ligado com os Reis de Calecut e de Cambaya, resolveo mandar á India hum grande capitão, que com o titulo de Vice-Rei dirigisse, promovesse, e defendesse os negocios da navegação, e commercio d'aquellas partes. E escolheo para este importante cargo o illustre D. Francisco de Almeida, o qual, acompanhado de huma poderosa armada de 22 velas, sahio do Tejo em Março deste anno.

Na sua passagem pela costa oriental de Africa expugnou *Quilóa*; desthronisou o Rei que recusava pagar as páreas estipuladas, e se mostrava inimigo dos Portuguezes; deo á cidade novo Rei, que elle mesmo coroou com grande solemnidade; e fundou a fortaleza a que deo o nome de *Santiago*. ElRei D. Manoel mandou depois debuxar o acto da corôação em ricas tapeçarias, que por muito tempo se conservárão.

Chegado á India fundou as fortalezas de *Anchediva* e *Cananor*. Coroou solemnemente

o Rei de *Cochim* a quem elRei D. Manoel mandava huma rica corôa de ouro. Recebeo embaixadores do Rei de *Narsinga*, e de outros principes, e assentou com elles paz, amizade, e alliança.

Seu valeroso filho D. Lourenço de Almeida descobrio *Ceilão* (que Goes escreve *Zeiland*) de que os Portuguezes já tinhão noticia. Entrou no porto de *Gale*, e prometteo ao Rei defensão e protecção, com elle se obrigar ao tributo annual de 400 bahares de canella para elRei de Portugal.

Anno de 1505.

Pedro de Anhaya fez vassallo e tributario de Portugal o Rei de *Çofala*, e lançou ahi os fundamentos de huma fortaleza aos 21 de Setembro deste anno. (*Castanh.* liv. 2. cap. 11.)

No mesmo anno se lançárão os fundamentos ao castello de Santa Cruz, no Cabo de *Aguer*, na Mauritania, aonde logo se formou huma notavel villa, que se denominou « *Villa de Santa Cruz no Cabo de Aguer.* »

Anno de 1506.

João Homem, capitão de huma caravela, pertencente á armada do Vice-Rei D. Francisco de Almeida, descobrio, *antes de chegar ao Cabo da Boa Esperança, tres ilhas, a dez leguas humas das outras, a que pôz nomes Santa Maria da Graça, S. Jorge, e S. João. (Dam. de Goes, Chron. de elRei D. Manoel*, part. 2. cap. 3.)

Tristão da Cunha, hindo para a India, e tomando muito ao sul para dobrar o Cabo da Boa Esperança, descobrio humas ilhas despovoadas, que do seu nome se ficárão chamando *« as ilhas de Tristão da Cunha. »*

Ruy Pereira Coutinho descobrio pela parte de dentro (occidental) a grande ilha de *Madagascar*, e pôz o nome de *Bahia formosa*, á bahia em que primeiro entrou. Dando parte do descobrimento a Tristão da Cunha, partio este a reconhecer a terra. Tocou varios pontos da costa occidental, e chegando ao cabo da ilha em dia de *Natal*, lhe deo esse nome. A náo de João Gomes de Abreu dobrou este cabo, e correndo pela costa oriental foi dar na bôca de hum rio, na provincia de *Matatana*, aonde descendo em terra, e sendo ne-

cessario apartar-se a náo, ficárão alguns Portuguezes em terra. (*Castanh.* liv. 2. cap. 30 e 31.)

Ao mesmo tempo que as náos do commando de Tristão da Cunha descobrião *Madagascar* pela banda occidental, outras náos que vinhão em frota para o reino, capitão Fernam Soares, a descobrião pela parte oriental, avistando-a no 1.° de Fevereiro. Corrêrão á vista della 17 dias, e tendo feito agoada e lenha, a passárão a 18 do mesmo mez. A esta ilha derão o nome de *S. Lourenço*, por ser achada a 10 de Agosto pelos descobridores da parte occidental.

A 6 de Fevereiro de 1507 escrevia Affonso de Albuquerque a elRei D. Manoel com data de *Moçambique*, e já lhe fallava do descobrimento da ilha de *S. Lourenço*. (R. Archiv. *Corp. Chronolog.* P. 1., maço 6.°, num. 8.°)

Anno de 1506.

Affonso de Albuquerque voltou neste anno á India, encarregado de tomar o cargo de Governador, logo que D. Francisco de Almeida acabasse o tempo do seu vice-reinado. Na passagem para a India embocou o *Estreito do golfo arabico.*

No mesmo anno sahio da India para Portugal o primeiro elefante que de lá veio, mandado a elRei pelo illustre Almeida.

No mesmo anno finalmente fundou Diogo de Azambuja, por ordem de elRei, o *Castello Real* (Mazagão) na Mauritania.

Anno de 1507.

Neste anno descobrio D. Lourenço de Almeida as ilhas *Maldivas.*

Tristão da Cunha pôz em *Melinde* hum portuguez, por nome Fernam Gomes o Sardo (*Castanh.* diz *João Gomes ho jardo*) hum mourisco christão, chamado João Sanches, e hum mouro de Tunes, por nome Cide Mahamede, mandados por elRei D. Manoel com cartas suas ao Imperador *Abexi.* O bom Rei de Melinde encarregou-se de lhes dar aviamento para a viagem; mas como o não podesse fazer com a segurança, que desejava, ficou a viagem sem effeito por aquelle caminho.

Tristão da Cunha, correndo a costa de *Ajan*, expugnou e destruio *Oja* e *Brava*, e fez tributaria *Lamo.* Em *Brava* foi armado cavalleiro pelo grande Albuquerque, que o acompanhava nestas expedições. D'ahi passou a *Çocotorá*, cuja fortaleza tomou, e reformou, dando-lhe o nome de *S. Miguel*, e

deixando-a guarnecida de Portuguezes, e tendo ordenado o governo da ilha, partio para a India. (*Castanh.* liv. 2. cap. 36. e 38. — *Goes. Chron. de elRei D. Man.*)

Duarte de Mello fundou a fortaleza de *Moçambique*, e nella huma igreja, e hum hospital.

Affonso de Albuquerque correo a costa da *Arabia* e *Persia*: assentou paz com *Calaiate*: expugnou *Curiate* e *Mascate*: fez tributaria *Soar*: mandou saquear *Orfaçam*, que achou despejada de habitantes: e entrando em *Ormuz* fez o seu Rei vassallo, e tributario de Portugal, e começou a 24 de Outubro a levantar ali a fortaleza, a que pôz o nome « *Nossa Senhora da Victoria.* » (*Castanh.* liv. 2. cap. 53. e segg. *Goes, Chron. de elRei D. Man.*)

No mesmo anno de 1507 os Portuguezes, commandados por Diogo de Azambuja, entrárão na cidade de *Azaafi* (que nós chamamos *Çafim*) na Mauritania Tingitana, da qual

se assenhoreárão completamente no anno seguinte de 1508.

Guerra que o Rei de Cananor faz aos nossos. Cerco da nossa fortaleza, defendida valerosamente pelos Portuguezes, capitão Lourenço de Brito. (*Castanh.* liv. 2. cap. 45 e 52.)

Anno de 1508 e 1509.

No anno de 1508 foi Diogo Lopes de Sequeira mandado por elRei a reconhecer a ilha de *Madagascar*, e a descobrir *Malaca*.

Chegou á ilha a 4 de Agosto. A 10 avistou, na parte oriental, hum cabo, a que pôz nome de *S. Lourenço*. Tocou algumas ilhas, aonde achou Portuguezes, que ali tinhão naufragado. Entrou no porto de *Turumbaia*, aonde se vio com o senhor da terra, e achou outro Portuguez. D'aqui navegou a outras ilhas, que denominou de *Santa Clara*, e nellas fez provisões. Passou ao reino de *Matatana;* aonde sahio em terra, e chegando ao rio que tem o mesmo nome, tambem ahi achou Portuguezes. Correo ainda ao longo da costa, por onde vio muitas povoações, até chegar a huma grande bahia, que denominou de *S. Sebastião*, pola ter descoberto a 20 de Janeiro de 1509. D'aqui partio para a India, e chegou a *Cochim* a 21 de Abril de 1509.

Em Agosto do mesmo anno de 1509 navegou ao descobrimento de *Malaca*, conforme as ordens que tinha de elRei D. Manoel. Passadas as ilhas de *Niçuar*, foi ter a *Pedir*, e a *Pacém*, na ilha de *Çamatra*, e em ambas

cidades levantou padrões, depois de ter assentado capitulações de paz com os seús Reis. D'ahi navegando foi surgir a 11 de Setembro em *Malaca*, cidade principal da peninsula do mesmo nome, e grande emporio de todo o oriente, arrumada pelos escriptores Portuguezes em 2° e ½ lat. septemtr. Em *Malaca* assentou artigos de paz, e commercio com o Rei, e estabeleceo feitoria. Nesta expedição hia Fernam de Magalhães.

Anno de 1508 e 1509.

Os tres mensageiros de elRei, que Tristão da Cunha pôz em Melinde para passarem á Abyssinia, e que por ali não podérão penetrar (v. an. de 1507) forão em 1508 ter com Albuquerque, que andava no cabo de *Guardafui*. Elle os pôz em hum lugar a 3 leguas do cabo, donde, levando tambem cartas de Albuquerque, penetrárão com effeito até á côrte do *Abexi*, aonde reinava David, e por sua menoridade governava sua Avó Helena. Desde então resolvêrão estes principes mandar hum embaixador a Portugal, e derão este cargo ao Armenio Mattheus, de que a seu tempo se dirá (an. 1514.) (*Castanh.* liv. 2. cap. 85.)

Em dia de S. Braz 3 de Fevereiro de 1509 foi a grande batalha naval, em que o insigne Vice-Rei D. Francisco de Almeida venceo a armada do Soldão do Egypto, combinada com a de Calecut e de Cambaya, e afugentou da India os Rumes destroçados. Assentou então pazes com Melique-As, senhor de Diu: confirmou as que tinhamos com o Rei de

Chaul, de quem recebeo as páreas, dando-lhe carta de vassallagem: avistou-se com o Rei de *Onór*, e augmentou o tributo, que já pagava a Portugal: fez vassallo de Portugal o Rei de *Baticala*, e lhe impôz tambem tributo. Finalmente recolheo-se a *Cochim*, e pouco depois entregou o governo da India a Affonso de Albuquerque, que para elle fôra nomeado, como já indicamos ao anno de 1506.

De volta para Portugal, já no anno de 1510, e no 1.º de Março, foi este insigne capitão morto cruelmente pelos barbaros na *Agoada do Saldanha*, aonde sahira em terra: verificando-se nelle tambem aquella terrivel ameaça do implacavel Adamastor:

« *E do primeiro illustre, que a ventura*
« *Com fama alta fizer tocar os Céos*
« *Serei eterna, e nova sepultura.* »

Additamento.

Em 1508 partio Tristão da Cunha de Moçambique, de volta para Portugal, a 17 de Janeiro, *e de caminho descobrio a ilha da Ascensão*, diz Castanheda liv. 2. cap. 84.

N. B. Duas ilhas tem o mesmo nome *da Ascensão* huma em 20° e ½ sul, a 120 le-

guas da costa do Brazil, descoberta por João da Nova em 1501, de que fallámos a esse anno. Outra no mar da Ethiopia a 8° sul, e a 6° 48′ long. da ilha do Ferro, que deve ser esta de que falla Castanheda. *(Pimentel, Art. de Naveg.)*

Anno de 1510.

Mandou elRei tres armadas ao oriente, constantes todas tres de 14 náos.

Huma destas armadas, de que era capitão João Serrão, hia encarregada de assentar paz, e amizade com os Reis de *Matatana*, e *Torumbaia* na ilha de *S. Lourenço (Madagascar)* e fazer ajustes de commercio.

João Serrão entrou no porto de *Antepara*, no reino de *Torumbaia*; foi aos ilhéos de *Santa Clara*, entrou no rio de *Monaibo*, e tomou outros portos da ilha: mas *não achando as especiarias que buscava* (diz Goes) *partio para a India.*

Anno de 1510.

Neste anno, a 25 de Novembro, dia de Santa Catharina, expugnou, e conquistou Affonso de Albuquerque a cidade de *Góa*, na costa occidental da India áquem do Ganges, reino do *Dekham.* (*Castanh.*, *Barros*, *Goes*, *&c.*)

Ahi levantou logo fortaleza: bateo moeda de ouro, prata, e cobre: casou muitos Portuguezes com moças naturaes da terra, fazendo a todos mercês, e distribuindo-lhes terras, e palmares: organisou o governo municipal; e deo sabias providencias para conservação, augmento, povoação, e policia de huma cidade, que no seu pensamento era já destinada para assento do governo Portuguez, e capital do imperio lusitano oriental.

Os Reis de *Baticala*, de *Chaul*, de *Narsinga*, o Çamori de *Calecut*, o Rei de *Cambaya*, e outros principes lhe mandárão por seus embaixadores os emboras da victoria.

No muro da nova fortaleza mandava o inclito capitão metter huma lapida, em que fizera gravar os nomes dos capitães, que forão com elle na empreza d'aquella conquista. Como porém os proprios capitães entrassem

em discordias, e ciumes sobre as preferencias dos nomes, Albuquerque mandou voltar a face da pedra para o interior da muralha, e ordenou que na face exterior se gravassem aquellas palavras:

« Lapidem, quem reprobaverunt ædificantes. »
« Pedra reprovada pelos edificadores. »

Anno de 1511.

No mez de Agosto deste anno expugnou, e conquistou Affonso de Albuquerque a grande cidade de *Malaca*, cujo Rei havia intentado perfidamente dar a morte a Diogo Lopes de Sequeira, depois de ter assentado com elle paz, e commercio, como dissemos ao anno de 1509.

Levantou logo fortaleza; bateo moeda de ouro, prata, e estanho; e ordenou as cousas do governo e administração pública com singular prudencia, e discrição.

Immediatamente despachou embaixadores, e descobridores para differentes partes d'aquelle remoto oriente, para *Sião*, *Maluco*, *Pegú*, *Jahua*, e *China*.

1.° Para assentar o trato de *Maluco* mandou tres náos, e hum junco. Nas náos hião Antonio de Abreu, capitão-mór da armada, e Francisco Serrão, e Simão Affonso; no junco hia por capitão hum mouro, que costumava navegar para *Maluco*, e era vassallo de Portugal. Huma das náos se perdeo através de *Jao*. As mais forão ter á ilha de *Banda* onde estiverão quatro mezes, voltando

a *Malaca*, sem hirem ao seu destino, tanto pela demora da monção, como porque ali mesmo recebêrão de *Maluco cravo*, com que se carregárão as náos, e ali mesmo tomárão *maça*, e *nóz*. Abreu porém enviou ao Rei de Maluco as cartas de Albuquerque.

Nesta viagem, e já no anno de 1512 descobrio Antonio de Abreu a ilha de *Amboino*, e Francisco Serrão passou a *Ternate*, huma das *Malucas*.

2.° Ao Rei de *Siam* mandou Albuquerque cartas, e recados seus por Duarte Fernandes: e como o Rei recebesse bem o cumprimento, e mandasse embaixada a Albuquerque com ricos presentes, e com carta para elRei de Portugal, Albuquerque lhe correspondeo, enviando a *Hodiá*, côrte de Siam, por embaixadores Antonio de Miranda de Azevedo, e Duarte Coelho.

3.° Ao *Pegú* foi mandado Ruy da Cunha (que outros chamão Gomes da Cunha) o qual assentou ajustes de paz com o Rei, &c.

Pelo mesmo tempo recebia Albuquerque em Malaca embaixadores de hum Rei da *Jahua*, do Rei de *Campar*, de hum dos Reis da ilha de *Çamatra*, e de outros Reis, e senhores do sertão, e das ilhas visinhas, parte dos quaes se fizerão vassallos, e parte amigos e confederados de elRei de Portugal. (*Castanh.* liv. 3.

da *Hist. da India*, e *Goes* na *Chron. de elRei D. Manoel.)*

Ao tempo que Albuquerque sahio de Malaca para a India, encommendou muito ao capitão que ali deixou, e depois ao seu successor, *que não partisse navio de mercadores d'aquella cidade, onde não fosse hum Portuguez homem de bom espirito, e discrição, para trazer informação do que visse, e ouvisse d'aquellas regiões, e tantas mil ilhas como aquelle mar oriental tem. (Barros.* 3. 2. 6., &c.)

Anno de 1512 e 1513.

Albuquerque voltando á India, recebeo embaixadores do Rei de *Visapor* (ou *Vigapor*), do *Çabaimdalkan*, do Rei de Cambaya, &c.

Recebeo tambem o Armenio *Mattheus*, embaixador do *Abexi*, que vinha para passar a Portugal com cartas, e recados d'aquelle principe: e outro embaixador do Rei de *Ormuz* que vinha com o mesmo destino.

Nos fins de 1512, e principios de 1513 ajustou capitulações de paz com o *Çamori de Calecut*, o qual consentio que ali fundassemos logo fortaleza, e despachou dous embaixadores seus a Lisboa.

Restituio o Rei das *Maldivas* á posse de algumas ilhas, que lhe andavão usurpadas, e o Rei se fez vassallo, e tributario de Portugal.

Navegou depois para o golfo arabico, e entrou as suas portas pela parte da Arabia: tomou a ilha de *Camaram*: collocou hum padrão na ilha de *Mehum* ás portas do Estreito, com a denominação de *Vera-Cruz*; e mandou Ruy Galvam, e João Gomes a descobrir *Zeila*.

No mesmo anno de 1513 foi enviado ao

Albuquerque hum Judeo portuguez do Cairo, morador em Jerusalem, mandado pelo Guardião do convento de S. Francisco da Santa Cidade, para o avisar das ameaças que fazia o Soldão do Egypto, das quaes já fallámos no anno de 1504. Albuquerque dirigio este mensageiro a Portugal, aonde elRei recebeo, ou tinha recebido outros similhantes avisos por via de Roma, e por cartas do S. Padre, que parecia mui assustado d'aquellas ameaças. ElRei D. Manoel respondeo com a dignidade que devia, desprezando os feros, e ameaças do Soldão. Dizia ao Papa que sentia muito não ter dado ao Soldão mais, e maiores motivos de seu desgosto, e queixumes, &c. E foi continuando em seu plano. (Goes, *Chron. de elRei D. Manoel.* part. 1. cap. 93.; &c.)

A este anno de 1513 reduzimos o descobrimento da ilha *de Mascarenhas*, a éste de Madagascar: porque constando que ella fôra descoberta por Pedro de Mascarenhas, de cujo appellido tomou o nome, não sabemos que este fidalgo passasse á India senão em 1511; chegando a Moçambique em 1512, pelo que ou nesse mesmo anno, ou no de 1513 a descobriria, segundo nossa conjectura. Com-

tudo alguns geografos estrangeiros a suppõem descoberta em 1505, e Malte Brun assigna ao descobrimento o anno de 1545, no que parece haver manifesto engano.

Esta ilha he a mesma que os Francezes chamárão de *Bourbon*, quando della se apossárão: mudança de nome, que sómente póde servir para escurecer a memoria do descobridor: mas não nos admiremos. Esta mesma ilha a que os Francezes tirárão o nome de *Mascarenhas*, e derão o de *Bourbon*, foi por elles mesmos, e no espaço de poucos annos, chamada *ilha da Reunião;* logo depois *ilha Bonaparte;* mais depois outra vez *ilha de Bourbon;* e ao presente deverá admirar, que se lhe não tenha dado o nome de *ilha de Orleans!* Os Portuguezes a povoárão de animaes domesticos, e muitas vezes hião ali as náos prover-se de refresco.

Anno de 1513.

Os Portuguezes commandados pelo Duque de Bragança D. Jayme, conquistárão neste anno *Azamor*, *Tite*, e *Almedina*, na Mauritania Tingitana, sobre a costa do Atlantico.

Diz *Dam. de Goes*, que a armada constava de mais de 400 velas de todos os portes, e que hião nella 18:000 infantes, e 2:500 cavallos, além da gente da manobra e serviço do mar. Esta grande armada apromptou-se em quatro mezes e meio.

ANNO DE 1514.

MANDOU elRei ao oriente duas náos, capitães Luiz Figueira, e Pedro Sañes Francês, com o determinado intento de concertarem ajustes de commercio com os habitantes da *ilha de S. Lourenço*, e levantarem fortaleza em *Matatana*. Os dous capitães estiverão cousa de 6 mezes neste porto; mas retirarão-se sem outro effeito.

Em Fevereiro deste anno recebeo elRei em Lisboa o Armenio Mattheus, embaixador de David Rei da *Ethiopia sobre o Egypto*, com cartas deste principe, e de sua Avó Helena. Mattheus tinha precedentemente chegado a *Góa* para d'ali vir a Portugal, e dava noticia de tres Portuguezes, que estavão na Ethiopia, hum, por nome *João*, que *havia muito tempo tinha sido mandado por hum Rei de Portugal*, e os outros dous que de pouco tempo tinhão lá chegado.

Recebeo tambem elRei o embaixador do Rei de *Ormuz*.

Veio a Lisboa hum *Naire* mandado a elRei pelo *Çamori* de *Calecut* para aprender

a lingua portugueza, e andar na côrte, e vêr os costumes portuguezes. Este Naire recebeo o baptismo, e tomou o nome de D. João.

Neste mesmo anno, em hum domingo, 12 de Março foi apresentado ao Papa Leão X., em nome de elRei de Portugal, hum riquissimo presente *(insolita ac prorsus magnifica munera)* em que hião muitas cousas ricas e preciosas da Azia, e algumas curiosidades d'aquellas terras, como era, por exemplo, hum elefante governado por hum Indio, e hum cavallo persio com sua onça de caça, dadiva do Rei de Ormuz, &c. Foi embaixador de elRei a Roma Tristão da Cunha, assistido dos Doutores Diogo Pacheco, e João de Faria, e levando por Secretario da embaixada Garcia de Rezende.

Anno de 1515.

Neste anno o grande Albuquerque pôz definitivamente á obediencia de elRei de Portugal a importante cidade de *Ormuz:* recebeo nella com grande solemnidade o embaixador do Schach Ismael, Rei da Persia: e mandou com o mesmo caracter á côrte de *Ispahan* Fernam Gomes de Lemos, senhor da Trofa.

Fernam Gomes já estava de volta na India em 1517, e de Cochim mandou a elRei *hum Livro em que dava conta da sua embaixada, e do caminho que fizera.*

Neste mesmo anno, o grande Affonso de Albuquerque, este não menos homem de estado, que insigne capitão, vindo de Ormuz para Gôa, falleceo no mar á vista de Gôa, em domingo 16 de Dezembro, aos 63 annos de sua idade.

Nos seis annos do seu governo fundou, e firmou o imperio portuguez do oriente pela conquista dos tres importantes pontos de *Góa, Malaca*, e *Ormuz*, que na sua vasta idéa abrangião todo o commercio do oriente, e

fazião os Portuguezes senhores de seus mares, e de suas ricas e variadas producções.

Malaca era o emporio geral a que concorria o *cravo* das *Molucas*, a *nóz* de *Banda*, o *sandalo* de *Timor*, a *canfora* de *Borneo*, o *ouro* de *Çamatra*, e do *Lequio*, e as gommas, aromas, e mais mercadorias preciosas da *China*, do *Japão*, de *Siam*, de *Pegú*, *&c.*

Góa reunia ao que lhe vinha de *Malaca* os estofos de *Bengala*, as perolas de *Kalckar*, os diamantes de *Narsinga*, a canella e rubis de *Ceilão*, a pimenta, gengibre, e outras especiarias do *Malabar*, que até então enriquecião *Calecut*, *Cambaya*, e *Ormuz*.

Ormuz finalmente era como entreposto, aonde se depositavão todas as producções da India, e mais paizes orientaes para d'ahi passarem pelo golfo persico a *Bassora*, e logo em caravanas á *Armenia*, *Trebisonda*, *Alepo*, *Damasco*, *&c.*

Já dissemos muito em summa, como este grande homem extendeo, e ampliou em todo o oriente o nome Portuguez, mandando embaixadores, e descobridores aos paizes mais remotos, ajustando pazes, e commercio com muitos principes, e recebendo de todos elles testemunhos de respeito. Muitos delles derão mostras de grande sentimento pela sua morte, e alguns tomárão lucto por ella... Nunca

a inveja e a ingratidão sacrificárão mais illustre victima!

Albuquerque era mui douto nos estudos astronomicos, cosmograficos, e nauticos, como educado que fôra na escóla portugueza d'aquelles felices, e saudosos tempos: e frequentes vezes propunha difficeis problemas nestas sciencias ao grande geometra portuguez Pedro Nunes.

Alguns escriptores estrangeiros lhe attribuem o pensamento e projecto de derivar o *Nilo* para o golfo arabico, com o fim de dar hum grande golpe no poder do Soldão do Egypto.

Hum filho deste illustre capitão, por nome *Braz de Albuquerque*, a quem elRei D. Manoel mandou tomar o nome de *Affonso* em memoria de seu Pai, escreveo « *Commentarios de Affonso de Albuquerque* » que se imprimírão em Lisboa em 1576, em fol.

Anno de 1516.

O primeiro Portuguez (diz hum escriptor antigo) que descobrio o reino da *Cauchinchina* foi Duarte Coelho, aos 18 annos da nossa entrada na India, deixando em memoria disso hum padrão com o seu nome, e tempo do descobrimento. Este fidalgo teve depois em remuneração dos seus serviços da India as terras da capitania de Pernambuco no Brazil, que começou a povoar, quando se resolveo a colonisação d'aquelle grande continente, como em seu lugar tocaremos.

Neste anno de 1516 acabou de escrever o seu *Livro* Duarte Barbosa, descrevendo nelle a maior parte de nossos descobrimentos, e os lugares e portos desde o cabo de S. Sebastião até aos Lequios, &c. (Vej. a edição da Academ. R. das Scienc. que o imprimio em 1813.)

Não se nos estranhará, que façamos aqui menção de *tres nobres Sarmatas*, que movidos

da grande fama, que corria do nome de elRei D. Manoel entre aquelles póvos, vierão a Lisboa com o unico intento de verem hum tão grande principe, e de receberem delle a Ordem da Cavallaria. ElRei os armou cavalleiros neste anno de 1516, e com generosas dadivas os despedio contentes. Isto prova (a nosso parecer) o brado que davão pela Europa os nossos descobrimentos, e navegações, que os escriptores estrangeiros tratão hoje com tanto desdêm, e quasi desprezo. *(Goes, Chron. de elRei D. Man.)*

Anno de 1517.

Fernam Peres de Andrade, mandado á *China*, tocou *Pacêm* na ilha de *Çamatra*, onde os Portuguezes já tinhão commercio; assentou pazes com o Rei de *Patane*, e neste anno de 1517 passou á *China*, aportando primeiro á *ilha de Tamou*, a pouca distancia do continente d'aquelle grande imperio. Chegando ao continente, fez ajustes de paz e commercio com os Governadores de *Cantam*, e lançou em terra o embaixador que levava com esse destino, por nome *Thomé Pires*, o qual depois de quatro mezes de caminho entrou na côrte de *Nanquim*. Fernam Mendes Pinto ainda encontrou na *China* huma filha deste embaixador, e hum Vasco Calvo, que o tinha acompanhado na sua infeliz missão. (Vej. as *Peregrinações de Fern. Mend. Pinto* cap. 91. e 116.) Fernam Peres de Andrade voltou da *China* com Simão de Alcaçova, e Jorge Mascarenhas, e chegou á India em 1519. (Vej. *Castanh*. liv. 4. cap. 27. e segg., e liv. 5. cap. 80., &c.)

Neste mesmo anno foi expugnada e destruida a cidade de *Zeila* ás portas do estreito

do *golfo arabico*, da parte de Africa. (*Livr. de Duarte Barbosa*, art. *Zeila.*)

O Schá da Persia mandou embaixador a Portugal pedindo a elRei a sua amisade, e annunciando as disposições, em que estava, de ligar-se com S. Alteza contra os Turcos inimigos de ambos. Pelo mesmo tempo chegavão avisos dos cavalleiros de Rhodes, prevenindo a elRei da armada, que se aprestava no Egypto contra os Portuguezes da India.

No mesmo anno falleceo na ilha de *Camaram*, dentro do *golfo arabico*, Duarte Galvão, mandado por elRei D. Manoel como seu embaixador á Abyssinia, onde não chegou a entrar.

Depois de Fernam Peres estar em *Cantam*, foi Jorge Mascarenhas, de seu mandado, descobrir *huma terra mui grande* ao sueste, que se chamava *Lequia*. (*Castanh.*, Hist. da India liv. 4. cap. 40.) (Vej. adiante anno de 1544.)

Anno de 1518.

Duarte Coelho de Albuquerque (de quem já fallámos aos annos 1511 e 1516) assentou paz, e commercio com o Rei de *Siam*, e levantou na côrte de *Hodiá* hum padrão com as quinas portuguezas. *(Barros.* 3. 2. 1.)

Passou depois ao reino de *Pam*, cujo Rei se fez tributario a Portugal, como d'antes o era ao Rei de *Malaca. (Ibid.)*

Fundou-se em *Columbo* fortaleza. *(Castanh.* liv. 4. cap. 42. e 43.)

O Papa Leão X. concedeo por hum seu Breve, que se podessem ordenar de Sacerdotes os Ethiopes, e Indios, que concorrião em Lisboa, a fim de serem uteis á Religião, quando voltassem a suas patrias.

Em Dezembro deste anno de 1518 foi despachado D. Tristão de Menezes a *Maluco* com cartas e presentes de elRei de Portugal para os Reis d'aquellas ilhas, e para assentar com elles o trato do cravo. *(Castanh.* liv. 4. cap. 47.)

Anno de 1519.

Antonio Corrêa ajustou paz, e amizade com o Rei de *Pegú.* (*Breve Discurs. em que se conta a Conquista de Pegú pelos Portuguezes*, edição de 1829. 12.)

A 10 de Agosto deste anno começou a sua famosa viagem o illustre cavalleiro Portuguez Fernam de Magalhães, que por desgosto se desnaturalisou de Portugal, e foi offerecer seus serviços a Castella.

A derrota e os varios successos da armada pódem vêr-se no *Roteiro*, ha pouco impresso na « *Collecção de Noticias para a historia, e geografia das nações ultramarinas* » da Academ. R. das Scienc. de Lisboa, vol. 4.° num. 2. que nos dispensa de aqui repetirmos a sua descripção.

Das cinco náos, de que constava a armada, huma só voltou á Europa, e a Sevilha, a náo *Victoria, a primeira que fez hum giro inteiro á roda do globo da terra.* O insigne, e intrepido capitão foi morto em huma das Filipinas, sem ter o gosto de vêr o fim á sua arrojada empreza.

Duarte Resende, que então servia de feitor de Portugal em *Ternate*, e que teve em sua mão os papeis, e roteiros da viagem, escreveo hum « *Tratado da navegação de Fernam de Magalhães* » que offereceo a João de Barros.

ANNO DE 1520.

O GOVERNADOR da India, hindo ao *golfo arabico*, sondou e medio o porto e ilha de *Maçuá*, aonde elRei mandava levantar fortaleza. Ajustou paz, e amizade com o *Barnagaes*, que pelo Abexi governava aquella provincia, e entregou o embaixador de Ethiopia Mattheus, que em 1515 tinha sahido de Lisboa em companhia de Duarte Galvão, e que só agora pôde ser restituido á Abyssinia no porto de *Arquico*.

Ahi mesmo sahio em terra D. Rodrigo de Lima, mandado embaixador de elRei á Abyssinia, por ter fallecido Duarte Galvão, como notámos ao anno de 1517.

Com D. Rodrigo foi, entre outros Portuguezes, o P. Francisco Alvares, que havia sahido de Portugal com Galvão, como Capellão da embaixada, e depois escreveo « *Verdadeira informação das terras do Preste João das Indias* » Obra que se imprimio em Lisboa em 1540, e se traduzio em varias linguas.

Anno de 1521.

Neste anno despachou elRei tres náos, capitão-mór Sebastião de Sousa de Elvas com ordem de hir á *ilha de S. Lourenço*, e levantar fortaleza no porto de *Matatana.* Este projecto não teve execução, por se haver desgarrado o navio, que levava os materiaes da obra.

O Rei de *Pacém*, restituido pelas armas portuguezas aos seus estados, que lhe andavão usurpados, fez-se tributario a Portugal, e consentio que os Portuguezes levantassem fortaleza no seu porto. Foi capitão desta expedição Jorge de Albuquerque.

Antonio Corrêa, com alguns Portuguezes, restituio a ilha de *Baharem*, no golfo persico, á vassallagem do Rei de Ormuz, matando em guerra o Rei usurpador. Por esta expedição teve Antonio Corrêa o appellido de *Baharem*, e no seu escudo de armas *huma cabeça de mouro coroada, cortada em vermelho, com coróa de ouro. (Castanh.* liv. 5. cap. 59. *Goes, &c.)*

Fundou-se a fortaleza de *Chaul.*

Neste mesmo anno de 1521, querendo elRei D. Manoel executar hum projecto, que

muito d'antes tinha meditado, mandou ao *Congo* Gregorio de Quadra com ordem de investigar o caminho de *Congo* para *Abyssinia*, atravessando a Africa. O Quadra achou no *Congo* embaraços ordidos pela inveja e malevolencia, e como voltasse a Portugal para os remover, soube que elRei tinha fallecido, e o projecto desvaneceo-se. (*Goes*, *Chron. de elRei D. Man.* P. 4. cap. 54.)

Anno de 1521.

Neste anno de 1521 a 13 de Dezembro falleceo elRei D. Manoel, appellidado entre nós *o Venturoso.* Delle dizem alguns escriptores que deixára de sua propria composição « *Commentarios dos successos da India.* » Succedeo-lhe no throno elRei D. João III. seu filho.

Ao tempo do fallecimento deste feliz Monarca, erão tributarios á Corôa de Portugal muitos Reis, e Principes do oriente, e tinhamos fundado na India muitas fortalezas em differentes portos.

Em Africa na Mauritania, ás cidades e fortalezas ganhadas por seus antecessores, accrescentou *Çafim*, *Azamor*, e outras, e fez tributarias algumas provincias até além de *Marrocos.*

N. B. Nas primeiras ordens de elRei D. João III. que chegárão á India, mandava elle, *que nenhuma fortaleza, das que elRei seu Pai mandava fazer de novo, se fizesse; porém que as que estivessem começadas se acabassem.* (*Castanh. Hist. da India* liv. 5. cap. 79.)

REINADO DE ELREI D. JOÃO III.

1521 — 1557.

Anno de 1522.

Neste anno lançárão os Portuguezes os primeiros fundamentos á *cidade de S. Thomé*, a pouca distancia da antiga *Meliapór*, na costa de *Coromandel*, aonde já tinhão algum commercio desde o anno de 1514.

Antonio de Brito fundou a fortaleza de *Ternate* nas *Molucas*, e ajustou artigos de paz, e commercio com a Rainha que por seu filho menor governava a ilha. Começou-se a fortaleza a 24 de Junho de 1522. (*Castanh.* liv. 6. cap. 12.)

N. B. Antes deste anno, e depois delle, já os Portuguezes tinhão descoberto e continuárão a descobrir muitas das ilhas d'aquelle vastissimo archipelago, posto que ignoramos as datas precisas de muitos dos descobrimentos. Estes porém forão em tanto numero, que já hum antigo escriptor portuguez queria que se lhes désse o nome de *Asia Insular*, e que se distribuissem em cinco provincias, a saber «provincia de *Maluco*, de *Amboino*, do *Moro*, dos *Papuás*, e das *Celebes*, ou *Macassar.*» Pelo que não parece de todo original a

lembrança dos modernos geografos, que tem feito de todas aquellas terras, e mares huma *quinta parte do mundo*, a que dão o nome de *Oceania*, dividindo-a em *Australasia*, *Polinesia*, e *Asia Insular*.

A este mesmo anno se deve referir o principio das *Viagens* de Antonio Tenreiro. Sahio este Portuguez de *Ormuz* em companhia de Balthazar Pessoa, que de mandado do governador da India D. Duarte de Menezes hia por embaixador á Persia. Esteve na *Persia*, passou á *Armenia*, veio á *Syria*, ao *Cairo*, a *Alexandria*, á ilha de *Chipre*. De Chipre voltou ao continente, e logo a Ormuz por terra, e ficando ahi cinco, ou seis annos, (como elle mesmo diz) tornou a sahir para vir por terra a Portugal, com recados a elRei, sobre a armada do Turco, sendo governador da India Lopo Vaz de Sampaio, e capitão de Ormuz Christovão de Mendoça. Sahio de Ormuz nos fins de Setembro de 1528, e chegou a Portugal no anno seguinte, com alguns mezes de viagem. Elle mesmo escreveo o seu *Itinerario*, que se imprimio em Coimbra em 1560, e depois de outras reimpressões, sahio novamente á luz em Lisboa, em 1829.

Anno de 1523.

Fez elRei D. João III. doação do reino de *Ormuz* a *Mahumede Xaa*, filho mais velho de elRei *Çafadim Abanader*, em 19 de Agosto deste anno de 1523, e na carta de doação usa do dictado « *Rei de Portugal e dos Algarves d'aquem e d'além mar em Africa, Senhor de Guiné e da Conquista, Navegação e Commercio da Ethiopia, Arabia, Persia, e India, e Senhor do reino e senhorio de Malaca, e do reino e senhorio de Góa, e do reino e senhorio de Ormuz, &c.* » (*Dissert. Chronol. e Crit.*, tom 3. part. 2. pag. 203.)

Expugnárão os Portuguezes a cidade de *Xael.*

Anno de 1524.

Foi terceira vez á India com o titulo de Vice-Rei o Almirante D. Vasco da Gama, já então Conde da Vidigeira; porém aos tres mezes e vinte dias da sua estada na India, falleceo em *Cochim* a 25 de Dezembro deste anno. Os seus ossos vierão para Portugal, e forão sepultados no convento carmelitano da Vidigueira, na igreja, ao lado do Evangelho.

Heitor da Silveira ajustou pazes com o Rei de *Adem*, que se fez tributario a Portugal. Estas pazes não durárão muito.

Anno de 1525.

Antonio de Brito, capitão de *Ternate*, armou huma fusta com 25 Portuguezes, piloto Gomes de Sequeira, e a mandou com fazendas ás ilhas *Celebes*, aonde se dizia que havia muito ouro. Os Portuguezes forão ao principio bem recebidos dos insulares; mas sendo depois obrigados a sahir d'ali, e navegando com grandes tormentas, foi a fusta arrojada a hum *mar largo*, *e desconhecido*, e havendo corrido obra de 300 leguas a léste, achou-se em frente de huma grande, e formosa ilha, que do *nome do piloto* (diz a Relação que seguimos) se ficou chamando *ilha de Gomes de Sequeira*, e aonde os Portuguezes achárão bom acolhimento.

Aqui (diz a mesma Relação) *achárão homens mais alvos que morenos, cabellos corredios, barbas extendidas, presença agradavel, corpos enxutos, e grande candura, e simplicidade no trato, de maneira, que a ilha se poderia bem chamar « ilha da simplicidade » pela mansidão, e bondade de seus habitantes.* Vestião humas *tunicas interiores de esteira mui fina, e outras sobre-vestes tecidas em tranças mais grossas, sem talho algum, e cobrindo tão*

sómente da cintura até aos pés. Sustentavão-se de inhames, legumes, cocos, bananas, &c.

Os Portuguezes demorárão-se quatro mezes nesta bella ilha, e o piloto a demarcou na sua carta; mas logo que tiverão moução, sahírão della (a 20 de Janeiro de 1526) e voltárão a *Ternate.*

Parece-nos haver alguma analogia entre o caracter, costumes, e usos destes insulares, e os da ilha, que os castelhanos depois denominárão *ilha da bella nação*, situada a 13° austr., e descripta na Relação de Fernando de Queiroz, citada por Buffon, na *Hist. natur. de l'homme.* (Vej. Andrade, *Chron. de elRei D. João III.* P. 1. cap. 92., e o *Oriente Conquist.* do P. Sousa: e veja-se tambem Castanheda, liv. 6. cap. 127.)

Alguns escriptores estrangeiros dizem, que *neste anno, ou ainda antes, fóra descoberta pelos Portuguezes* a grande terra, que depois se chamou *Nova Hollanda:* a qual ficando por então em esquecimento, fôra depois reconhecida pelos Hollandezes desde 1616 em diante por varias vezes. Póde vêr-se o que diz a este respeito o illustre geografo Malte Brun no liv. 28. da *Historia da Geograf.* pag.

630, aonde não duvída affirmar que os *direitos dos Portuguezes á honra deste descobrimento vem de receber nova luz por duas antigas cartas, que se achão no Museu Britannico, &c.*

Anno de 1526.

Neste anno hindo D. Jorge de Menezes para *Maluco*, foi mandado tomar o caminho de *Borneo*, e descobrir esta navegação, como mais commoda, que a que se costumava fazer por *Banda.*

Com este designio foi dar a través das *ilhas do Moro*, e em huma noite, que o vento foi calma, escorreo tanto com as grandes correntes que ha por entre aquellas ilhas, que foi parar ao *grande golfo do estreito de Magalhães*, aonde com rijo temporal foi arrojado á *terra dos Papuás.* Aqui, forçado dos ventos de oeste, invernou, e demorou-se tanto tempo que só pôde chegar a Maluco em Maio de 1527. (Andrade, *Chron. de D. João III.* P. 2. cap. 19. Veja-se Barros, Dec. 4. liv. 1. cap. 16.)

Neste mesmo anno entrou effectivamente em *Borneo* Vasco Lourenço, achando já nesta ilha outro capitão Portuguez.

No golfo arabico se fizerão tributarias a Portugal as ilhas de *Maçuá*, e de *Dalaca.*

Sahio da *Ethiopia* D. Rodrigo de Lima

(v. anno de 1520): e o imperador David enviou a elRei por seu embaixador *Zagata-Ab*, sacerdote, e bispo (que os nossos escriptores commummente chamão *Zagazabo)* com cartas para elRei D. João III., e para o Papa Clemente VII., datadas do anno de 1524. Com este embaixador voltou ao reino o P. Francisco Alvarez, de quem fizemos menção ao referido anno de 1520.

Anno de 1527.

Neste anno Diogo Garcia, Portuguez, que andava no serviço de Castella, navegando para o sul, aportou hum pouco afastado da bôca do *Uruguay*: e achando ali os navios de Sebastião Caboto, e sabendo que este tinha subido pelo *Paraguay*, subio tambem com as suas lanchas até muito acima da confluencia do *Paranná*, aonde o encontrou acabando de construir o Fortim de Santa Anna, e ahi derão ambos ao *Paraguay* o nome de *Rio da Prata*, por verem alguns pedaços deste metal nas mãos dos indigenas. *(Gaeth, Herrera, &c.)*

Henrique Gomes Leme entrou na ilha *da Sunda*, cujo Rei offereceo lugar para huma fortaleza, e dar de tributo 350 quintaes de pimenta em cada anno. Este ajuste porém não teve effeito.

O Rei de Bintão restituido pelas armas portuguezas aos seus estados, fez-se tributario a Portugal.

Nuno da Cunha fez tributario o Rei de Mombaça. *(Barros 4. 3. 5.)*

Belchior de Sousa Tavares foi em auxilio do Rei de *Baçorá* contra o de *Gizaira*, e foi o primeiro Portuguez, que entrou pelos rios Tigre e Eufrates.

Anno de 1529.

Neste anno a 22 de Abril foi celebrada a Capitulação de Saragoça entre Portugal e Hespanha, pela qual o Imperador Carlos V. Rei de Castella vendeo a elRei de Portugal o dominio, propriedade, posse, ou quasi posse das Molucas por 350:000 ducados de ouro, com condição que pagando elRei de Castella integralmente esta quantia, ficarião as partes contratantes cada huma com o direito e acção que ao tempo do contracto tinha, ou pretendia ter naquellas ilhas. Vem este notavel Contracto por integra na *Collecção das Viagens e Descobrimentos dos Hespanhoes* por D. M. F. de Navarrete, tom 4. pag. 389.

Anno de 1530.

A 20 de Novembro deste anno são datadas as Cartas Regias, pelas quaes elRei mandou, que Martim Affonso de Sousa sahisse com huma armada a investigar as costas e terras do Brazil, autorisando-o para repartir terrenos áquelles que nellas quizessem habitar. (Veja-se o *Diario* desta navegação, ha pouco publicado pelo Sr. Francisco Adolfo de Varnhagen com mui eruditas e interessantes Notas.)

Aqui se deve fixar (a nosso parecer) a época da Colonisação do Brazil, que logo depois se continuou com regularidade.

Martim Affonso reconheceo nesta viagem o *Rio de Janeiro*, chegou ao *Rio da Prata*, descobrio a 30° austr. o rio que do seu nome se ficou chamando *Rio de Martim Affonso;* e a 22 de Janeiro de 1532, dia de S. Vicente, surgio no porto de *S. Vicente*, aonde lançou os fundamentos á primeira Colonia Portugueza do Brazil.

Anno de 1533.

Nos principios deste anno foi Nuno da Cunha com huma armada de cousa de 80 velas sobre *Baçaim*, e alcançando gloriosa victoria, tomou e destruio a fortaleza que ali tinha levantado o Rei de Cambaya. (*Castanh.* liv. 8. cap. 59. e 62.)

Anno de 1534 e 1535.

O Rei de Cambaya implorando o auxilio das armas portuguezas contra os Magores, cedeo a Portugal *Baçaim* com todas as suas terras, e portos maritimos.

Permittio tambem que os Portuguezes fundassem em *Diu* a fortaleza, que tanto desejavão, e que depois lhes foi tão pertinazmente disputada. Fundou-a o governador da India Nuno da Cunha. E como todos sabião quanto elRei de Portugal era empenhado em ter ali fortaleza, hum Diogo Botelho, querendo adiantar-se a lhe trazer tão grata noticia, veio, quasi furtivamente, da India a Lisboa em huma fusta de 18 pés de comprido, 6 de largo, e 4 de alto, trazendo a elRei a planta de Diu, e os artigos da capitulação: viagem que maravilhou a todos, e que certamente merece esta memoria. (*Annaes da Marinh. Portugueza* ao anno de 1535.)

Em 1534 navegou para a India *Garcia de Horta*, Portuguez, que lá escreveo, e imprimio em *Góa* em 1563 o *Colloquio sobre as*

drogas e simplices do Oriente, obra que deve ser conhecida dos naturalistas.

No mesmo anno de 1534 chegou á India Martim Affonso de Sousa com o cargo de *capitão-mór do mar da India* levando armada em que tambem hia Diogo Lopes de Sousa seu irmão. (*Barros* 4. 4. 27.) Mandou arrazar a fortaleza de *Damam*, e correo a costa até Diu, fazendo grande guerra a Cambaya.

Anno de 1536.

Francisco de Castro, mandado pelo illustre capitão das Molucas Antonio Galvão a *Macassar*, foi levado pelos ventos 100 leguas ao norte das Molucas, e aportou á ilha *Santigano*, d'onde passou ás outras ilhas *Soligano*, *Mindanáo*, *Buticano*, *Pimilarano*, e *Camizino*.

Desta viagem resultou fazerem-se muitos christãos por aquellas ilhas: e como concorressem a *Ternate* em grande numero, pedindo o baptismo, fundou o insigne e virtuoso Galvão ahi hum seminario, em que se recolhessem e instruissem os meninos, que d'aquellas diversas gentes viessem a doutrinar-se na religião christãa. Fundação memoravel! que foi a primeira de nossas conquistas, e honrará em todo o tempo a memoria do fundador.

Anno de 1537.

Começou o celebre Fernam Mendes Pinto as suas extensas peregrinações, em que gastou desde a sahida até á volta de Portugal 21 annos, recolhendo-se ao reino em 1559. Imprimirão-se estas *Peregrinações* em Lisboa em 1614, e depois de varias reimpressões, sahírão novamente á luz em Lisboa, 1829, 4 vol. 12.

Fernam Mendes, sendo mandado a Çamatra, pelos annos de 1540 ou 1541, e voltando a Malaca, informou o capitão Portuguez de tudo que lhe succedêra na viagem, tratando miudamente do descobrimento dos rios, portos, e angras, que novamente achára na ilha Çamatra, assim da parte do mar mediterraneo, como do oceano, e do trato da gente que habitava aquellas terras. E arrumou por suas alturas toda aquella costa, com seus portos, e rios, &c. (Vej. *Peregrinações*, cap. 20.)

Anno de 1538.

Por este tempo vierão a Lisboa quatro principaes *Malabares*, ou *Paravás da costa da Pescaria* com o fim de aprenderem a lingua portugueza, e poderem ser melhor instruidos na doutrina da religião. ElRei os mandou recolher na Casa de Santo Eloy, com os Ethiopes nobres do Congo, que nella tambem estudavão. Para elles compôz João de Barros a sua « *Grammatica da Lingua Portugueza* » que se imprimio em 1539.

No mesmo anno de 1538 foi o primeiro cerco da fortaleza de *Diu*, defendida heroicamente por Antonio da Silveira contra as forças reunidas dos Guzarates, e Turcos. Quando o illustre capitão chegou a Lisboa recebeo o parabem de alguns Soberanos da Europa por seus embaixadores, e refere a historia, que elRei de França Francisco I. mandou tirar o retrato do heroe, e o fez collocar em huma sala do seu palacio entre outros de famosos varões, que tinhão merecido a mesma honra. Lopo de Sousa Coutinho escreveo a historia deste cerco, que se imprimio em Coimbra, em 1556, e he obra rara.

Anno de 1540.

A este anno referem Diogo de Couto, e Lucena o descobrimento das ilhas *Celebes* pelos Portuguezes: o que se deve entender de hum mais largo conhecimento ou trato d'aquellas ilhas, porque os Portuguezes já as tinhão achado, e tocado em 1525, como dissemos a esse anno.

O Rei de *Cota* em *Ceilão*, não tendo filho que lhe succedesse, mandou embaixadores a elRei D. João III. rogando-lhe houvesse por bem que a successão passasse ao neto. Os embaixadores trazião a estatua deste futuro successor, de ouro; e elRei o coroou solemnemente em Lisboa, impondo huma preciosa corôa sôbre a cabeça da estatua.

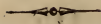
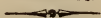
Fundou Fr. Vicente de Lagos, frade menor de S. Francisco, o Collegio de Santiago de *Cranganor*, para nelle serem educados 80 mancebos, filhos de gentios convertidos. Este Collegio foi depois dotado por elRei de Portugal.

Anno de 1541.

Foi neste anno a expedição, em que o governador da India D. Estevão da Gama navegou com huma grande armada todo o *golfo arabico até Suês*, com o intento de destruir a armada dos Turcos que ali estava ancorada.

Em frente do monte *Sinai* sahio em terra, e armou alguns cavalleiros, entre elles D. Alvaro de Castro, filho de D. João de Castro, e D. Luiz de Ataide, que depois foi Vice-Rei da India. A isto alludia o letreiro, que se escreveo sôbre a sepultura de D. Estevão da Gama:

« *O que armou cavalleiros no monte*
« *Sinai veio acabar aqui.* »

O grande D. João de Castro, que hia na expedição por capitão de hum dos navios da armada, sondou, examinou, e arrumou os portos, enseadas, rios, costas, e lugares d'aquelle mar, e escreveo o *Roteiro do mar vermelho*, com huma exacção, miudeza, e verdade, que não tem sido excedida dos modernos. Este *Roteiro* imprimio-se em París no anno de 1833. 8.°

No mesmo anno foi a outra expedição de D. Christovão da Gama com 500 Portuguezes em auxilio do *Abexi*, os quaes D. Estevão da Gama lançou em terra no porto de *Maçuá*. Miguel de Castanhoso que hia nesta expedição, *escreveo os successos della*, dos quaes tambem tratou D. João Bermudes patriarcha da *Ethiopia* na sua *Relação* offerecida a elRei de Portugal D. Sebastião.

Fundou-se neste mesmo anno o *Seminario de Santa Fé de Góa*, para nelle serem educados e instruidos os neofitos gentios, e os meninos christãos, filhos de gentios convertidos dos varios reinos d'aquelle Oriente. Nos papeis primitivos da fundação se nomeávão os meninos dos *Canarins*, *Decanis do norte*, *Malabares*, *Chingalas*, *Bengalas*, *Pegús*, *Malaios*, *Jáos*, *Chinas*, e *Abexis*, por onde se vê quantas, e quam vastas regiões, e póvos tinhão já então trato com os Portuguezes.

Anno de 1542.

Antonio da Motta, Francisco Zeimoto, e Antonio Peixoto, navegando para a *China*, forão arrojados pelo temporal ás costas do *Japão*, onde tomárão porto. Pelo mesmo tempo aportárão tambem a *Japão* Fernam Mendes Pinto, Christovão Borralho, e Diogo Zeimoto.

Neste mesmo anno entrou na India o Santo *Xavier*, appellidado o *novo apostolo do Oriente.*

ElRei D. João III. mandava ao descobrimento da *ilha do Ouro*, que se dizia estar no oceano oriental a 5° lat. austr., e a 150 leguas de *Çamatra.* Esta expedição não chegou a effeituar-se.

Por este tempo tinhão já os Portuguezes hum consideravel estabelecimento, a que davão o nome de cidade, em *Liampó* (ou *Limpó*, ou antes *Nim-pó)* na costa oriental da *China*

a 30° septemtr. D'aqui passárão a fazer outro estabelecimento em *Chinchéo* pelos annos 1549, e ultimamente vierão a fundar o de *Macáo*, na ponta do sul da ilha de *Gaoxam* (ou *Yanxan)* em 1557, de que adiante se fallará.

Anno de 1544.

Antonio de Paiva entrou na ilha de *Macassá*, e passou á de *Sian* (ou *Siang)* aonde se fizerão muitas conversões ao christianismo.

Fernam Mendes Pinto, e outros Portuguezes aportárão ás ilhas *Léquias* (de *Lieu-kieu)* ao nordeste da *ilha Formosa*, e ao oriente da costa da *China*. Dellas falla o mesmo Fernam Mendes em suas *Peregrinações* cap. 138., e 143.

O Rei de *Ternate* Tabarija (que depois do baptismo se chamou D. Manoel) fallecendo em *Malaca*, deixou os seus estados a elRei de Portugal.

Martim Affonso de Sousa fez tributarios a Portugal os Reis de *Jafanapatam*, e de *Travancor*.

Anno de 1545.

Passando neste anno o illustre D. João de Castro a governar a India, escreveo de *Moçambique* a elRei, e lhe annunciava o recente descobrimento da bahia, e rios, que do seu descobridor se ficárão chamando de *Lourenço Marques*. O principal rio tinha a sua entrada no mar, segundo as cartas portuguezas, a 25° e 15′ lat. sul. As cartas modernas demarcão a bahia a 26° na costa oriental de Africa.

ElRei respondendo a D. João de Castro no anno seguinte de 1546, recommendava a continuação do mesmo descobrimento. *(Collecção de Cartas originaes.)*

Anno de 1546.

A 13 e 15 de Março deste anno são datadas duas cartas de elRei D. João III., huma para o Rei dos *Abexis*, e outra para os Portuguezes, que ainda lá estavão, e tinhão ficado da expedição de D. Christovão da Gama. Nellas recommendava elRei com muito encarecimento, que por pessoas para isso idoneas se mandasse indagar, e descobrir hum *caminho, que da Abyssinia viesse ter á costa de Melinde, ou a alguma outra parte d'aquella banda: E porque póde ser* (diz elRei) *que a terra do Abexi venha tanto para oeste, e a do Manicongo vá tanto para o léste, que não seja grande distancia de huma terra a outra*: queria que tambem se tentasse este caminho *do Abexi para Manicongo, ou para qualquer outro rio, do cabo da Boa Esperança para cá, &c. (Carta original*, na minha collecção.)

Neste anno de 1546 foi o segundo cerco de *Diu*, defendido heroicamente por D. João Mascarenhas, e ultimamente rematado com huma assignalada victoria por D. João de Castro.

Este grande homem falleceo em Gôa em 1548, tendo recebido pouco antes a mercê

do titulo de *Vice-Rei da India* para com elle continuar a governa-la. Delle diz hum escriptor, que *era no mar soldado*, *piloto*, e *geografo*, *como mostrão seus escriptos.* Nós sómente accrescentaremos, que foi no mar, e na terra hum exemplar das grandes virtudes, e eminentes qualidades, que constituem o verdadeiro heroismo, e fazem o homem digno da immortalidade. (Vejão-se as historias do cerco, e a *Vida de Castro.)*

Anno de 1549.

Thomé de Sousa lançou os fundamentos á cidade de *S. Salvador da Bahia*, na *Terra de Santa Cruz* (Brazil), a qual cidade mandava elRei fundar para capital de todo aquelle Estado. Ordenou o governo da justiça, e fazenda, fundou igreja, fortificou o lugar, &c.

Neste anno navegou o S. Xavier para *Japão*, aonde já as náos portuguezas hião commerciar. Entrou em *Cangoxima*, *Exiando*, *Firando*, *Amanguchi*, *Meaco*, e *Figem*, demorando-se nesta sua apostolica expedição dous annos, e quatro mezes. Em 1552 falleceo na ilha de *Sanchoan*, ás portas da *China*, aonde se dirigia.

Anno de 1551.

Tomárão os Portuguezes a cidade de *Geilólo*, capital da ilha do mesmo nome no archipelago das *Molucas.* O Rei ficou continuando o governo com o titulo de *Sangage* (governador) sujeito, e tributario a Portugal. (*Hist. da India* no tempo de D. Luiz de Ataide por Antonio Pinto Pereira, liv. 1. cap. 31.)

Anno de 1552 a 1556.

Em 1552 no galeão, em que naufragou Sepulveda vinhão a elRei de Portugal cartas de *Nautaquim* principe de *Tanixumaa*, ilha do *Japão*, pedindo o auxilio de 500 Portuguezes para conquistar a ilha *Lequia* (de *Lieukieu)* e offerecendo em reconhecimento o tributo annual de 5:000 quintaes de cobre, e 1:000 de latão.

Em 1554 teve o Vice-Rei da India cartas dos Reis Japonezes de *Firando*, *Amanguchi*, e *Bungo*.

Em 1556 fundárão os Portuguezes em *Funay*, capital do *Bungo* no *Japão*, hum hospital para os leprosos, que aquella gente costumava abandonar, como feridos do Céo, e para meninos, que muitos pais engeitavão, e talvez matavão por pobreza, ou por outros similhantes motivos. O Rei de *Bungo* commovido desta humanidade dos Portuguezes, favorecéo o estabelecimento, e prohibio que d'ahi em diante os pais matassem, ou ex-

pozessem os filhos. O estabelecimento teve consideraveis progressos, e elRei D. Sebastião mandava concorrer para as suas despezas.

Neste mesmo anno de 1556 prégava a fé christãa na *China*, o dominicano Fr. Gaspar da Cruz que tinha passado á India em 1548, e que depois escreveo « *Tratado das cousas da China com suas particularidades, e assi do reino de Ormuz, &c.*, que se imprimio em Evora em 1570, e ha pouco se reimprimio em Lisboa em 1829.

Anno de 1557.

Por este tempo alcançárão os Portuguezes, que os mandarins de *Cantão* lhe concedessem o porto da peninsula de *Macáo*, para nelle viverem e commerciarem. (Veja-se o anno de 1542.) Ahi fundárão huma colonia independente, que por tempo cresceo, e chegou a constar de algumas 700 familias portuguezas, quasi todas ricas com o trato da *China*, *Japão*, *Manilha*, e outros reinos, e terras orientaes. Pelos annos de 1622, começando a ser inquietados pelas esquadras hollandezas, pedírão soccorro, e defeza ao Vice-Rei da India, e então se sujeitárão ás leis de Portugal, tiverão governador portuguez, e a colonia teve o nome de *cidade*, que se chamou *do Nome de Deos de Macáo.*

Falleceo elRei D. João III. a 11 de Junho de 1557, e succedeo-lhe no throno seu neto elRei D. Sebastião ainda muito menino.

REINADO DE ELREI D. SEBASTIÃO.

1557 — 1578.

Anno de 1559 e 1560.

O Vice-Rei D. Constantino de Bragança tomou em 1559 a cidade de *Damam*, e em 1560 a ilha de *Manar* principal pescaria das perolas de *Ceilão*, aonde levantou fortaleza.

Em 1560 navegando a náo S. Paulo (que depois veió a naufragar em *Çamatra)* pelos mares do sul, em que chegou aos 42° austr., avistou em 37° e 45′ huma formosa ilha, que os mareantes desenhárão, encantados da sua bella apparencia. O piloto lhe quiz dar o seu nome, chamando-lhe *ilha de Antonio Dias;* mas hoje a achamos denotada nas cartas com o nome de *ilha de S. Paulo.* E diz a *Relação* do naufragio, que estava norte-sul com a dos *Romeiros*, e as *Sete Irmãas.*

No mesmo anno foi a missão do P. Gonçalo da Silveira á *Cafraria.* Entrou por *Inhambane* até á côrte de *Otongue:* veio aos rios de *Cuama*, entrou pelo *Quilimane* até *Giloa*, á bôca do *Zambeze*, a *Inhamoi*, á côrte de *Simbaoe*, *&c.* No anno seguinte de 1561 foi morto pelos barbaros.

Duarte de Albuquerque Coelho donatario da capitania de *Parnambuco* no Brazil, com Jorge de Albuquerque Coelho seu irmão, andando na conquista, e defeza das terras da capitania, descobrírão o *rio de S. Francisco.*

Anno de 1562 a 1566.

Em 1562 tomando o Cardeal Infante D. Henrique a tutoria de elRei D. Sebastião, ainda menor, lhe apresentou Lourenço Pires de Tavora huns apontamentos sôbre varios objectos do governo. Em hum delles recommendava o *descobrimento de Tombuctu*, no interior de Africa, e a escolha de pessoas aptas para esta empreza.

Entrárão os Portuguezes nas ilhas de *Gotò* as mais occidentaes de Japão em 1566: e elRei de Portugal mandou hum rico presente a D. Bartholomeu, Rei de *Omurá* no mesmo *Japão*.

Achamos escripto que a celebre mina de mercurio de *Guanca-Velica*, a 30 leguas ao norte de *Guamanga* no *Perú* fôra descoberta pelo Portuguez Henrique Garcês, ao qual se attribue tambem o descobrimento de outra mina do mesmo metal em *Paraz* em 1564.

Anno de 1566.

Quando Gonçalo Pereira hia á conquista de *Amboino* em 1566, sabendo da estada dos castelhanos em *Cebu*, e determinando hir em busca delles; *como os seus pilotos não tinhão muita noticia d'aquellas partes, não passou da ponta de huma ilha, que chamão terra dos negros*, 25 *leguas atraz de Cebu, aonde ficou bordejando em* 9° *da banda do norte, mandando d'ali navios a descobrir por todas as partes, &c.* (*Hist. da India* no tempo do Vice-Rei D. Luiz de Ataide, por Ant. Pint. Pereira, liv. 1. cap. 29.)

Anno de 1567.

Mem de Sá governador geral do Brazil, lançou os fundamentos á cidade do *Rio de Janeiro*, da qual foi primeiro capitão Salvador Corrêa de Sá. Deo-lhe o nome de cidade de *S. Sebastião* em memoria de elRei.

Anno de 1569.

Tendo elRei D. Sebastião dividido o imperio lusitano-oriental em tres governos, o 1.° desde o *cabo das Correntes* até o de *Guardafui*; o 2.° desde *Guardafui* até *Ceilão*; e o 3.° desde *Ceilão* até á *China*: deo o governo da primeira divisão a Francisco Barreto, que neste anno partio para a costa oriental de Africa. D'ahi capitaneou a expedição ao *Monomotapa*, e minas de *Çofala*: ajustou pazes com os Reis de *Chicanga*, e *Quiteve*: passou a *Sene* capital das possessões portuguezas na *Cafraria*: e mandando embaixadores a *Simbaoe*, obteve do imperador as minas de prata de *Chicova*, de *Rutroque*, e de *Mocarás*. Foi a *Chicova*, e vindo a *Tete*, estabelecimento portuguez, ahi falleceo em 1573. O seu successor Vasco Fernandes Homem ainda continuou a commandar a expedição, e penetrou até ás minas de *Chicanga*, de *Manhica*, *&c.*

No Malabar rendêrão-se ás armas portuguezas *Onór*, e *Barçalor*: e Gonçalo Pereira Marramaque fundou fortaleza em *Amboino*,

e descobrio n'aquelle mar algumas ilhas, ainda não conhecidas dos Portuguezes. *Hist. da India* no Governo de D. Luiz de Ataide por Antonio Pinto Pereira, liv. 1. cap. 30.

Parece-nos digno de louvada memoria o honrado desinteresse do insigne capitão D. Luiz de Ataide, o qual sahindo da India para o reino a 6 de Janeiro de 1572, quiz trazer quatro vasilhas com agoa dos rios *Indo*, *Ganges*, *Tigre*, e *Eufrates*, as quaes depositou, e se conservárão por muito tempo no seu castello de Peniche, como testemunho das unicas riquezas, que trouxera d'aquelles Estados.

Antonio Pinto Pereira escreveo a Historia da India no tempo em que a governou D. Luiz de Ataide, offerecida a elRei D. Sebastião, e impressa em Coimbra em 1616. folh.

Anno de 1570.

No mez de Setembro começou a desenvolver-se a grande liga dos Reis da India contra os Portuguezes, favorecida pelo Turco e Persa. — Notavel defeza de Chaul e de Gôa, e outras fortalezas do Malabar contra o Nizamaluco, Hidalkan, e outros Reis e Principes colligados.

Anno de 1574 e 1575.

Havendo-se já em 1559 e 1560 feito as primeiras tentativas para a fundação do estabelecimento portuguez em *Angola*, mandou elRei D. Sebastião renova-las neste anno de 1574. Foi o capitão da empreza, e fundador, conquistador, e governador d'aquelle nascente reino Paulo Dias de Novaes, neto, e digno descendente de Bartholomeu Dias, descobridor do cabo da *Boa Esperança.* Sahio de Lisboa em 1574, e chegou a Africa em 1575. Construio logo o forte de S. Miguel, fundou a primeira povoação, e igreja, ordenou as cousas do governo civil, e intitulava-se « *capitão, e governador do novo reino de Sebaste, na conquista da Ethiopia* » dando-lhe o nome de *Sebaste* em memoria de elRei de Portugal. Este nome foi logo esquecido, como era de presumir, e o reino tomou o nome de *Angola*, que era o de hum Rei do paiz, a cujas instancias se tinha emprehendido ao principio aquelle estabelecimento.

Pelos annos adiante, e por differentes circunstancias se forão os Portuguezes alargando pela costa, e pelo sertão: e em 1784 erão pertenças do reino de Angola.

O presidio de *Massangano*, fundado em 1583
——— de *Muxima* .... ?
——— de *Cambambe* 1603
——— de *Ambaca* 1614
——— de *Benguella*.............. 1617
——— das *Pedras de Pungo andongo* 1671
——— de *Caconda* 1682
——— de *Novo Redondo* .... ?
——— de *Encoge* 1759

&c.

Anno de 1578 e 1579.

Em 1578 concorrião á pescaria dos mares da *Terra nova*, pelo menos, 50 navios portuguezes, que importavão cousa de 3:000 toneladas. Os navios hespanhoes que ahi concorrião ao mesmo tempo erão 100; os francezes 150; os inglezes 30!

Em 1579 se entregou ao capitão Portuguez de *Amboino* a ilha do *Bouro grande*, no archipelago das Molucas.

Periodo 4.º

DESDE O ANNO DE 1578 ATÉ AO PRESENTE.

Anno de 1580 a 1599.

Em 1580 o Rei de *Ceilão* Prea Pandar fez doação de seus estados a elRei de Portugal D. Henrique por não ter filhos que lhe succedessem.

Em 1582 se submetteo aos Portuguezes, acceitando a religião christãa, a *ilha de Labua*, situada no archipelago das Molucas a pouca distancia de *Ternate*.

Em 1583 o Rei de *Chale*, se fez tributario, e os Portuguezes levantárão ali fortaleza.

Em 1587 ou 1588 levantárão os Portuguezes fortaleza em *Mascate*. D. Paulo de Lima expugnou a cidade de *Jor*, e entrou triunfante em *Malaca*.

Em 1590 foi tomada pelos Portuguezes *Candia*, capital do reino do mesmo nome em *Ceilão*.

Em 1595 levantárão os Portuguezes fortaleza em *Solór* (v. anno de 1509.)

Em 1597 por fallecimento do Rei de Columbo sem successão foi acclamado Rei o de Portugal, a quem elle doára os seus estados.

Em 1599, D. Fr. Aleixo de Menezes, Arcebispo de Gôa, visitou a christandade das *Serras do Malabar*, e celebrou Synodo. Fr. Antonio de Gouvêa, augustiniano, escreveo « *Jornada do Arcebispo de Góa, &c.* » Coimbra, 1606.

Anno de 1600.

O celebre Portuguez Salvador Ribeiro de Sousa fundou neste anno huma casa forte no *Pegú*, na fóz de *Serião*, e depois de varios casos, e extraordinarias façanhas, chegou a ser acclamado Rei de *Pegú* em 1603. Acha-se a Relação deste notavel facto impressa com o *Itinerario* de *Tenreiro* em algumas edições de Fernam Mendes Pinto, e determinadamente na ultima de 1829.

Anno de 1602.

Bento de Goes, Jesuita Portuguez, que tinha bom conhecimento da lingua persiana, e de outras orientaes, foi mandado ao descobrimento do *Gran-Cataio*. Viajou mais de tres annos pelos sertões da Asia, caminhando sempre pelo norte do imperio do Mogol, desde o paiz dos *Usbegs* para o oriente até á *China*, tirando em resultado que o *Gran-Cataio* era o proprio imperio da *China*. Na *China* falleceo em 1607.

No mesmo anno de 1602 passou da India á Persia o augustiniano Fr. Antonio de Gouvêa, mandado pelo governador da India como embaixador ao Schach-Abbas. Este principe o enviou, em companhia de outro embaixador seu, a Roma e a Hespanha. Voltou á *Persia*, e d'ahi á Europa, atravessando os desertos da *Arabia*. Chegado a *Alepo*, e embarcando para *Marselha*, foi tomado por Corsarios Argelinos, e esteve captivo em Argel, &c.

Anno de 1606.

O governador de Angola D. Manoel Pereira Forjaz, intentando a communicação com a contra-costa, nomeou para o descobrimento deste caminho a Balthazar Rebello (ou Pereira) de Aragão, homem capacissimo para a empreza, assim pelo valor, como pelos conhecimentos que tinha do sertão. — Começou, e tinha já penetrado no interior do paiz, quando se vio obrigado a retroceder, para acudir á fortaleza de Cambambe, sitiada por hum Sova visinho, e pelos negros do *Mosseque*.

Anno de 1606 e 1607.

Nicoláo D'orta, natural de Santo Antonio do Tojal, sahio de Gôa em 1606 com destino de vir a Portugal por terra. Nos principios de Agosto estava na fortaleza de *Comorom:* d'ahi partio para Lara, Xirás, Romus, Bagadet, Ana, Taibe, e Alepo, aonde entrou a 16 de Janeiro de 1607; d'ahi veio por Alexandreta, e por fim chegou a Marsélha, e logo a Madrid, d'onde elRei D. Filippe o mandou de novo á India. Escreveo o seu *Itinerario*, que deo a Pedro de Mendoça Furtado, e do qual existe huma cópia incompleta (de que falla Barbosa Machado) na Bibliotheca publica de Lisboa (B — 4 — 8 — numeração provisoria.) Parece que seguio o mesmo caminho que trouxe Fr. Gaspar de S. Bernardino, e he provavel que o mesmo trouxesse D. Alvaro da Costa em 1611 por ser o das *caravanas*, que tinhão roteiro determinado.

Anno de 1607.

O imperador *Monomotapa*, tendo sido auxiliado pelos Portuguezes, fez doação a el-Rei de Portugal das minas de ouro, prata, cobre, &c., que houvesse nos seus estados. Esta doação foi acceitada, em nome de elRei pelo capitão de *Téte* Diogo Simões Madeira.

D. Estevão de Ataide foi no anno seguinte de 1608 ao exame, e posse destas minas, e especialmente das de ouro e prata de *Chicova*. E escreveo a *Relação* do seu trabalho, e exame.

Por occasião da exploração destas minas se fundárão em 1614 as fortalezas de *Massapa*, e *Chicova*.

Anno de 1609.

Conquistárão os Portuguezes a ilha de *Sundiva*, a pouca distancia da terra firme de *Bengala*, e dependente do reino de *Arracan*. Sebastião Gonsalves Tibao a governou com poder independente; tomou ao Rei de *Bacalá* as ilhas de *Xavapur*, e *Patelavanga*, e a outros principes varias terras n'aquellas paragens.

Anno de 1610 a 1612.

Em 1610 publicou Pedro Teixeira as suas « *Relaciones del origen, descendencia, y succession de los Reys de la Persia, y de Hormuz, y de un viage hecho des de la India Oriental hasta Italia por terra.* » Amberes, 1610. 8.° Este celebre Portuguez passou de Lisboa á *India*, veio a *Ormuz*, correo a *Persia*, esteve nas *Filipinas*, e *nova Hespanha*, e aportou a S. Lucar em 1601. Voltou depois á *India*, e de Gôa veio a *Baçorá*, *Bagdad*, *Alepo*, *&c.* D'ahi passou a *Veneza*, e de Veneza a *Anvers*, aonde residio e falleceo.

Em 1612 apossarão-se os Portuguezes de *Bender-abasi (Gomroun)*, entre *Ormuz* e *Kismish*, celebre porto no golfo Persico, aonde levantárão dous fortes para defeza. (Godinho escreve « *Bandel Abassi* — e *Comorom.* »)

Anno de 1613 a 1620.

Em 1613, e nos annos seguintes mandou o Vice-Rei da India algumas expedições á ilha de *S. Lourenço* com o fim de examinarem os seus portos, e se informarem da gente, costumes, e producções da terra, e de indagarem se por ali existião alguns dos Portuguezes, que por vezes havião naufragado n'aquellas costas.

Em huma destas expedições tocou hum dos pilotos a bella ilha do *Cirne*, descoberta em outro tempo pelos Portuguezes. Esta ilha he a que os Hollandezes depois denominárão *ilha Mauricia*, e os Francezes *ilha de França.*

« Desta jornada de exploração, ordenada pelo Vice-Rei D. Jeronymo de Azevedo, nos ficou huma *Relação* manuscripta por Paulo Rodrigues da Costa. »

Em 1614 e 1615 Jeronymo de Albuquerque Coelho expelio do *Maranhão* os Francezes, que ali estavão havia perto de tres annos com grandes forças: e fundou a nova colonia, que deo principio áquelle Estado. Teve grande parte nesta honrada facção o Sargento-mór do Estado do Brazil Diogo de Campos Mo-

reno, que escreveo a relação do successo com o titulo « *Jornada do Maranhão por ordem de Sua Magestade feita o anno de* 1614. »

Em 1615 e 1616 se começou a povoação do Pará, sendo fundador da cidade, e seu primeiro Capitão-mór Francisco Caldeira de Castello Branco.

O Rei de *Siam* mandou fazer proposições de alliança ao Vice-Rei da India, offerecendo lugar para a fundação de huma fortaleza no porto de *Martavam.*

O porto e fortaleza de *Soar*, na costa da *Arabia* foi expugnado, e tomado pelos Portuguezes.

Pelos annos de 1619 e 1620 avassallárão os Portuguezes o Rei de *Dongo*, no sertão de *Angola*, ficando elle tributario a Portugal com o reconhecimento de 100 escravos cada anno.

Anno de 1622.

Em 1622 chegou a Gôa o P. Jeronymo Lobo Jesuita Portuguez, mandado ás missões da India. Veio a Moçambique em 1624, e entrando no paiz dos Galas passou á Abyssinia, aonde viveo muitos annos. Depois de largos, e perigosos successos voltou a Portugal aonde falleceo em 1658. Escreveo o seu *Itinerario* geralmente estimado dos eruditos.

Anno de 1623.

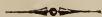
Estabelecimento do Governo do Estado do *Maranhão*, e *Gran-Pará* como separado do Governo Geral do Estado do Brazil. He seu primeiro governador, e Capitão General Francisco Coelho de Carvalho, que toma posse, e realisa a separação em Setembro de 1626.

Anno de 1624.

Por estes annos sahio do *Dely* o P. Antonio de Andrade Jesuita Portuguez, com o intento de descobrir a christandade do *Tibet*. Conseguio com effeito, depois de huma longa e trabalhosa peregrinação, chegar á côrte de *Caparanga*, capital do reino. Recolhendo-se a Gôa, fez ainda segunda viagem, levando em sua companhia o P. Gonçalo de Sousa: e quiz fazer terceira, que os seus superiores lhe não permittírão. De ambas ha *Relações* impressas, que se traduzírão em varias linguas. O epitafio da sepultura do P. Andrade o denomina « *primus missionis Thibetensis explorator et fundator.* » Falleceo em 1634.

Anno de 1629.

D. Fr. Miguel Rangel, Bispo de Cochim, visitando a ilha de *Solor* habitada por Portuguezes, fez reparar a muralha, e melhorou a povoação, deixando ahi por governador o valeroso Nuno Alvares Botelho. *(Memoria comtemporanea.)*

Anno de 1635.

Depois da morte do P. Andrade (v. anno 1624) foi mandado á missão do Tibet o P. João Cabral, tambem Jesuita, natural de Celorico da Beira, que escreveo « *Relação copiosa dos trabalhos, que padeceo na missão do Tibet.* » (V. Barb. Mach. *Bibliothec. Lusit.)*

Anno de 1637 a 1639.

Pedro Teixeira, Portuguez, fez neste anno por ordem do Governo do *Pará*, a grande viagem desde o *Pará* até *Quito*. Remontou o rio *Maranham*, ou *das Amazonas*, até onde se lhe ajuntão as agoas do rio *Napo*. Entrou pelo *Napo*, que mais acima tem o nome de *Coca*, e navegou por elle até mui perto de *Quito*, aonde finalmente chegou por terra.

Sahio Teixeira dos confins do Pará a 28 de Outubro de 1637, com 47 canôas de bom porte, levando 2:000 pessoas, entre ellas 70 soldados todos Portuguezes, 1:200 Indios, e os mais mulheres, e rapazes. Commandava huma vanguarda o Coronel Bento Rodrigues de Oliveira, nascido no Brazil. Chegou a *Quito* em fins de Setembro de 1638. Voltou ao Pará em Dezembro de 1639.

(Veja-se *Nuevo descubrimiento del gran Rio de las Amazonas: por el P. Christoval de Acunã.* Madrid, 1641. 4.°)

Em 1639, o capitão Pedro da Costa Favella, Portuguez, he o primeiro, que entra no *Rio Negro*.

Anno de 1645 a 1648.

Pelos annos de 1645 e seguintes andavão na côrte de Portugal dous principes orientaes, vassallos de elRei. Hum era o Rei das *Maldivas*, que tinha vindo pedir auxilio contra hum seu irmão que lhe usurpára o throno. Este principe servio na campanha de *Além-Tejo*. O outro era D. Martinho principe de *Arracan*, que tendo sido baptisado, e creado em Gôa, e tendo servido nas armadas portuguezas da India, obteve de elRei a capitania de Gôa por Alvará do anno de 1646.

Em 1647 sahio de S. Luiz do Maranhão Bartholomeu Barreiros de Ataide, mandado por elRei ao descobrimento das minas do rio *Aguarico*, ou *do Ouro*, e foi acompanhado do religioso Carmelitano Fr. José de Santa Teresa, que por ter sido muitos annos captivo do gentio sabia a lingua de varias nações d'aquelle sertão. Desta expedição parece que não houve resultado algum.

Em 1648 se recobrárão os Estados de Angola do poder dos Hollandezes. Foi o illus-

tre fidalgo Salvador Corrêa de Sá e Benavides, governador que então era do Rio de Janeiro, o que executou esta gloriosa empreza com poucos meios, mas com grande valor, industria, e ardideza. Todas as dependencias de Angola ao sul e ao norte ficárão limpas de tão perniciosos inimigos. O Rei de Congo, que com elles se tinha alliado, obteve a paz, cedendo á Corôa de Portugal a ilha de *Loanda*.

Anno de 1651.

Principios da povoação da *ilha dos Patos* (hoje *ilha de Santa Catharina)* sôbre a costa do Brazil por Francisco Dias Velho Monteiro, com a sua familia, e 500 Indios domesticados. *(Rezum. Histor. de Santa Catharina* pelo Visconde de S. Leopoldo. París 1839.)

Anno de 1660.

A este anno se faz memoria de hum Portuguez appellidado *Melgueiro*, que sendo mestre, e piloto de hum navio hollandez, sahio do *Japão* em Março; dirigio-se aos mares do pólo arctico, subindo até 84°; passou entre a antiga *Groenlandia*, e *Spitzberg*, e deixando á esquerda a *Scotia*, viera a Portugal.

O escriptor que nos subministrou esta noticia, cita *Mr. de Buache*, no *Parallèle des Fleuves*, Hist. da Academ. das Scienc. de París, an. 1753, e *Memorias* da mesma Academia pag. 885. E accrescenta por testemunho de *Mr. de Buache*, que os Batavos tinhão, e occultavão com recato o *Diario* desta navegação, unica até áquelle tempo.

O mesmo escriptor nos dá ainda outra noticia, que diz ser sabida « *Notum etiam est* (diz elle) *Martinum Chack Lusitanum... &c.* » isto he, que hum Portuguez por nome Martim Chack, governando huma náo em conserva de outras duas pelo *mar pacifico*, fôra correndo os mares, arrojado por huma violenta tempestade, e ventos occidentaes, achando-se por fim á parte meridional da Irlanda, d'onde viera a Lisboa.

Anno de 1663.

O P. Manoel Godinho natural da villa de Montalvão, egresso da companhia de Jesus, Prior de S. Nicòláo de Lisboa, e depois de Loures, estando nas missões da India, veio por terra a Portugal, de mandado do Vice-Rei Antonio de Mello de Castro, e segundo parece com alguma secreta, e importante commissão. Escreveo « *Relação do novo caminho que fez por terra, e mar, vindo da India para Portugal no anno de* 1663 » impressa em Lisboa em 1665.

Anno de 1668 e 1669.

Sobre o descobrimento do *Rio-negro* na America portugueza deve vêr-se o *Diario da Viagem* que fez pela *capitania* de *S. José do Rio-negro*, Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio, impressa pela Academ. R. das Scienc. de Lisboa em 1825.

Mandou elRei de Portugal embaixador á *China*, o qual foi recebido do imperador com grandes mostras de benevolencia, e obteve algumas liberdades para a religião e para o commercio.

ANNO DE 1676 A 1680.

AYRES de Saldanha, que por estes annos governava *Angola*, intentou abrir communicação por terra a *Benguella*, e d'ahi á contra-costa de *Sena*. Offereceo-se para esta empreza o capitão José da Rosa, mas sahindo de *Massangano*, a poucas jornadas encontrou tantas difficuldades, e tanta opposição em muitos Sovas, que lhe impedião a passagem, que se vio forçado a retroceder.

Anno de 1682.

Em 1682 pouco mais ou menos, Bartholomeu Boeno da Silva natural de Pernahiba, com hum seu filho do mesmo nome chegárão a Goiazes. O filho foi pouco depois o principal descobridor das terras d'aquella capitania. (Veja-se a *Memoria sobre o descobrimento, governo, população, e cousas mais notaveis da capitania de Goiaz* (no Jornal de Coimbra, Num. 76. Part. 1. Art. 1.) *pelo P. Luiz Antonio da Silva e Sousa, natural do Serro do Frio, capitania de Minas Geraes.)* Parece que em 1726 he que se fez ali estabelecimento de povoação Portugueza, de que foi primeiro governador o de S. Paulo Rodrigo Cezar de Menezes até 1728.

Anno de 1696.

Por estes annos descobrírão os Portuguezes o *aljofar*, e as *perolas* nos mares de *Çofala*, a cousa de 30 leguas da barra de *Luabo.*

Tambem se descobrírão as minas de prata no reino de *Mocranga*, na terra chamada *Nhanace*, quasi confinante com as nossas terras de *Tete* junto do *Zambeze.*

Anno de 1719.

Notaremos aqui, que, segundo hum antigo escriptor Portuguez, *até os ultimos annos de elRei D. Sebastião não se tinhão descoberto no Brazil minas de ouro, nem de prata, nem outras riquezas, e perolas, &c.*

Em 1659 achamos a primeira noticia (ainda duvidosa) de huma *rica mina descoberta ha pouco tempo no Brazil.*

Em tempo de elRei D. Pedro II. *se começárão a descobrir as minas do ouro*, sendo governador do Rio de Janeiro Artur de Sá. Nas exequias que se fizerão a este Soberano em Roma, se lia, entre outras letras, que adornavão o tumulo, esta:

« *Novis in Brasilia inventis aurifodinis*
« *munificentiæ Petri II. servit Natura.* »

Em 1719 se descobrírão as novas minas de ouro de *Cuiabá*, *Goiazes*, e outros districtos, sendo a mais preciosa a do *Serro do Frio*, por della sahirem tambem diamantes.

Em 1727 e 1728 se descobrírão os *diamantes* no Brazil, e achamos em memoria, que a frota, que viera do Rio de Janeiro em 1730, trouxera a Portugal 1146 onças.

Anno de 1722 a 1729.

Em 1722 vierão a Portugal embaixadores de hum Rei poderoso da ilha de *S. Lourenço*, offerecendo a elRei os portos do seu reino para nelles mandar levantar fortalezas.

Em 1723 foi despachado pelo Governo do Pará o capitão Francisco de Mello Palheta com huma tropa de exploração a correr e examinar o rio *Madeira* no Brazil, aonde já tinha hido em 1716 outra expedição portugueza.

Em 1725 mandou elRei embaixador á *China* a cumprimentar o Imperador pela sua exaltação ao throno. O embaixador Alexandre Metello entrou em Pekin em 1727.

Em 1726: primeiro estabelecimento de povoação portugueza em *Goiaz*. (V. o anno de 1682.)

Em 1729 recebeo o Vice-Rei da India huma embaixada do Principe de *Agra*, e ou-

tra do *Raja de Amber* que pedia que de Portugal lhe fosse enviado algum habil mathematico, com quem podesse conferir certos pontos astronomicos. Este embaixador veio a Lisboa com cartas e presentes do mesmo Principe, e do Gran-Mogol Mahamad Shea, que se intitulava *Imperador do Indostan.*

Anno de 1735 a 1737.

Antonio Ribeiro Sanches, sabio Portuguez, primeiro medico dos exercitos da Russia, correo nestes annos, por ordem d'aquelle governo, a *Ukrania*, as margens do *Don* até ao mar de *Zabache*, e os confins do *Cuban* até *Azoff*: atravessou os desertos entre a *Criméa*, e *Backmut*: visitou os *Calmucos* desde o reino de *Cazan* até ás margens do *Don*: e os *Tartaros* da *Criméa*, e de *Nogai*, e os Tartaros de *Kergissi*, e *Tcheremissi* ao norte de *Astracan* desde 50 até 68° de lat., &c. (Buffon, *Hist. natur. de l'homme.)*

Nos mesmos annos foi povoado no Brazil *Mato-grosso* pelos moradores de *Cuiabá*.

Anno de 1741 a 1743.

Foi neste anno a primeira exploração do rio *Aporé* e do celebre sitio do *Corumbijara* por alguns moradores de *Mato-grosso.* (Veja-se *Navegação desde o Pará até Mato-grosso,* impressa pela Academ. R. das Scienc. em 1826.)

Anno de 1749.

Neste anno sahio do Gran-Pará por ordem de elRei de Portugal huma escolta, que navegou pelo *Amazonas* até ao *Madeira*, seu confluente. Começou-se a viagem a 14 de Julho, e a 25 de Setembro chegou a escolta á embocadura do Madeira. Navegou por este rio até 17 de Dezembro, em que chegou ás *Cachoeiras*. Vencidas 19 cachoeiras, navegou pelo *Aporé*, que os Hespanhoes chamão *Ithenes*, e a 14 de Abril de 1750 chegou ás minas de *Mato-grosso*, que era o seu destino, com 9 mezes completos de viagem. Escreveo a *Relação* della *José Gonsalves da Fonseca*, e a Academ. R. das Scienc. de Lisboa a imprimio em 1826.

Anno de 1768 a 1775.

Entre os annos de 1768 e 1774 foi escripto o *Roteiro da Viagem da cidade do Pará até ás ultimas colonias dos dominios portuguezes, em os rios Amazonas, e Negro, illustrado com algumas noticias, que podem interessar a curiosidade dos navegantes, e dar mais claro conhecimento das duas capitanias do Pará, e S. José do Rio-negro.* Escreveo-o o Reverendo José Monteiro de Noronha.

Em 1774 e 1775 foi a viagem pelo *Amazonas*, e *Rio-negro*, feita por Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio, ouvidor da capitania de *S. José do Rio-negro*, impressa pela Academ. R. das Scienc. de Lisboa, em 1825.

Anno de 1783.

Ordenando a Rainha D. Maria I. que se despachassem viajantes aos sertões da America para collegirem noticias dos varios productos da natureza, foi hum delles o Doutor Alexandre Rodrigues Ferreira, levando por desenhadores a Joaquim José do Cabo, e a José Joaquim Freire. (*Memor. da Academ. R. das Scienc. de Lisboa* tom. 5. pag. 65.) O gravador Manoel Marques de Aguilar, tendo hido a Inglaterra aperfeiçoar-se na sua arte, foi depois, pelos annos de 1794 pouco mais ou menos, encarregado de abrir as estampas pertencentes áquellas viagens.

O naturalista Manoel Galvão da Silva foi mandado para *Moçambique* em execução das mesmas Ordens Regias, e para o mesmo fim, levando em sua companhia o desenhador Antonio Gomes. (*Ib.* pag. 63.)

ANNO DE 1787.

O TENENTE Coronel Manoel da Gama visitou neste anno o *Rio Branco* por ordem da côrte, e o descreveo com prolixa investigação, fazendo levantar a carta respectiva pelo Engenheiro Doutor em Mathematica José Simões de Carvalho.

Anno de 1796 a 1798.

Vicente Ferreira Pires, natural da Bahia, partio desta cidade a 29 de Dezembro de 1796 como enviado de S. A. o Principe Regente, em companhia de *D. João Carlos de Bragança, embaixador Ethiope do Rei de Dahomé.* Foi a Dahomé, e voltou á Bahia, aonde chegou a 5 de Fevereiro de 1798. Escreveo, e offereceo ao Principe em 1800 a „ *Viagem de Africa em o reino de Dahomé* " manuscripta, em 4.°, que está na Bibliotheca R. da Ajuda.

Em 1797 partio o Major Francisco Nunez com huma expedição ao descobrimento da communicação do rio *Capim* para o *Piauhy.* Voltou, e deo conta da viagem em 1798.

Anno de 1798.

Estando D. Rodrigo de Sousa Coutinho (depois Conde de Linhares) no ministerio dos negocios da Marinha e dominios Ultramarinos, quiz renovar a empreza (outras vezes tentada) da communicação entre as duas costas occidental e oriental de Africa por terra. Designou para isto a Francisco José de Lacerda e Almeida, Doutor em Mathematica, nomeando-o, com este intento, governador dos *Rios de Sena*, d'onde havia de partir a expedição. Lacerda partio para o seu governo, munido de instrumentos e meios adequados; procurou informações e noticias; e pôz-se a caminho para o interior. Chegando ás terras do Rei Cazembre (que parece ser o ponto central entre as duas costas) ahi falleceo. Os seus companheiros, a quem elle, á hora da morte, recommendou a continuação da empreza, não annuírão a esta recommendação, e a empreza ficou sem o seu completo effeito.

(Vejão-se os Extractos da Obra publicada em Londres, na lingua ingleza, em 1824 com o titulo « *Relação dos desco-*

brimentos feitos pelos Portuguezes no interior de Angola e Moçambique, tirada de manuscriptos originaes por F. E. Bowdich.)

Anno de 1799.

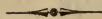
Ao mesmo tempo que da parte oriental de Africa se tentava a empreza da communicação das duas costas pelo interior, de que fallamos no artigo antecedente, tentava-se tambem da parte occidental, por ordem do Capitão General de Angola D. Fernando de Noronha, que encarregou deste descobrimento o Tenente Coronel, Commandante e Director da Feira de *Casange* Francisco Honorato da Costa.

Os exploradores chegárão ao sitio de *Cazembe*, aonde tinha fallecido o Doutor Lacerda; mas ahi achárão embaraços, que por alguns annos os detiverão.

Em 1807, sendo Governador o Capitão General de Angola Antonio de Saldanha da Gama (depois Conde de Porto Santo, e ha pouco fallecido) renovou este a mesma tentativa, mandando huma expedição á contra-costa, a qual com effeito se executou, voltando a Loanda em 1809, e trazendo embaixada dos *Molluas*, nação que já commerciava com *Moçambique*.

Enviou ainda o mesmo Governador e Capitão General segunda expedição com ordem

expressa de hir até *Moçambique*, a qual voltou a Loanda estando já no governo de Angola José de Oliveira Barbosa, e trazendo cartas do Governador de Moçambique.

Anno de 1810 e 1811.

Em 1810 levantou o Capitão Tenente José Joaquim da Silva a carta hydrographica da costa do Pará até o Maranhão.

Em 1811 sahírão da capital do Brazil por ordem do governo exploradores da navegação do Guaporé, Mamoré, Madeira, Arinos, Tapajóz, e Xingu, rios que todos entrão no Amazonas.

FIM DO INDICE CHRONOLOGICO.

MEMORIA

SOBRE

AS VIAGENS DOS PORTUGUEZES

Á INDIA POR TERRA, E AO INTERIOR DE AFRICA.

DESDE OS PRINCIPIOS DO SECULO 15.

Sunt quorum ingenium nova tantum crustula promit,
Nequaquam satis in re una consumere curam.

Horat. L. 2. Sat. 4.

ELREI D. João II., inspirado pelo seu grande animo, e não vulgar instrucção, e munido dos planos, informações e notas de seu tio o immortal Infante D. Henrique, logo que subio ao throno de Portugal em 1481, tomou tanto a peito o descobrimento da India e terras orientaes, como he constante da historia do seu reinado: e não se contentando de continuar as emprezas maritimas na costa occidental de Africa, que originariamente se dirigião áquelle fim, resolveo mandar por terra viajantes exploradores, que trabalhassem por descobrir aquellas apartadas regiões, e por se instruir da situação das terras, das suas producções, do seu commercio, e dos caminhos por onde os Portuguezes poderião a ellas conduzir-se, e finalmente de tudo quanto fosse em utilidade do plano geral, cuja execução se havia emprehendido, e elle desejava concluir.

Havia na Europa desde o seculo 12 a idéa vaga e confusa de hum principe mui poderoso d'aquelle oriente, que seguia e professava a religião christãa, e que se designa-

va commummente com o nome de « *Preste-João.* »

O primeiro, que parece haver trazido á Europa a noticia deste potentado, foi hum Bispo da Syria, que vindo pelos annos de 1145 implorar a protecção do papa Eugenio III., fallava de *hum principe christão, nestoriano, chamado Preste-João,* que reinava no oriente, o qual tinha alcançado algumas victorias contra os Persas, e não duvidaria vir em auxilio dos christãos de Jerusalem contra os infieis (1).

No seculo seguinte, e no anno de 1237, escrevia o prior dos frades prégadores da Terra-santa ao papa Gregorio IX., referindo-lhe os serviços, que os seus religiosos tinhão feito ao christianismo em differentes regiões da Asia, e nesta carta dizia entre outras cousas « *Temos recebido muitas cartas do patriarcha nestoriano, a quem obedece a grande India, o reino do Preste-João, e as terras visinhas do oriente* » onde vemos o nome do *Pres-*

---

(1) Fleuri, *Hist. Eccles.* liv. 69 §. 10 ao an. 1145. *Natal Alexandre* tambem menciona huma carta do papa Alexandre III., escripta em 1177, e dirigida « *illustri et magnifico Indorum Regi, sacerdotum sanctissimo, &c.* » e diz o historiador que era endereçada « *ao Rei dos Ethiopes, a quem chamamos Preste-João* » esta carta vem na Collecção de Concilios do P. Labbe, no tom. 10.

te-João unido ao da *grande India*, e descobrimos a razão provavel porque depois se foi dando áquelle tão nomeado e tão inculcado principe a denominação de *Preste-João das Indias.*

No seculo 14 forão muitas as expedições de missionarios christãos, mandados pelos summos pontifices á Persia, á Tartaria, á China, e a outras terras orientaes, os quaes todos fizerão não pequenos serviços ao christianismo n'aquellas remotas regiões, chegando a fundar estabelecimentos religiosos em *Cambalu*, e *Caiton* na China septemtrional, em *Usbeck*, em *Sultania*, em *Ceilão*, na *Java*, *&c.* E posto que nas relações destes missionarios, ou nas memorias, que delles, e dos seus trabalhos nos tem dado os escriptores ecclesiasticos, não achamos expressamente repetido o nome de *Preste-João*, he comtudo verosimil, que elle se conservasse junto com a lembrança das primeiras e mais antigas noticias; e como por outra parte constava, que em alguns d'aquelles paizes se encontravão christãos da seita, ou rito nestoriano, facil era ligar e confundir estas idéas, que a ignorancia da geografia não permittia ainda rectificar, e apurar (2).

(2) No *Atlas em lingua catalãa*, delineado, e escripto em 1374, e publicado de hum exemplar da *Bibliotheca do*

Ainda no seculo 15, pelos annos de 1461, se faz menção de certos legados orientaes, que tendo vindo a Italia solicitar do santo padre Pio II. auxilio contra os Turcos, passárão a França a empenhar o Rei Carlos VII. em seu favor, sendo acompanhados de hum, que se dizia prelado dos frades menores, e talvez tomava o titulo de patriarcha de Antioquia, nomeando-se *orador*, ou *legado do Preste-João.* A enfermidade de Carlos VII., de que logo falleceo, não permittio que estes legados fossem por elle ouvidos; e o santo padre tendo entretanto podido averiguar, que erão insignes impostores, mandava reter em Veneza o falso patriarcha, que houve por bem retirar-se a tempo com os seus companheiros.

Este facto, bem como os precedentes, mostra quanto na Europa era acreditada des-

---

Rei de França pelo Sr. J. A. C. Buchon no anno passado de 1838, se vê entre as duas palavras « *Affricha* » e « *Nubia* » a figura de hum imperador coroado, com sceptro na mão, e ao lado a legenda « . . . . . *de Sarrayns, ciutat do . . . est . . . de Nubia. Está tos temps en guerra e armes con crestians de Nubia, qui son so seynoria de l'emperador de Etiopia de la terra do preste Johan* » isto he « . . . . . *de Sarracenos, cidade do . . . est . . . da Nubia. Está sempre em guerra e armas com christãos da Nubia, que estão debaixo do senhorio do imperador de Ethiopia, da terra do Preste-João.* » Nova prova do que vamos dizendo sobre a antiguidade do nome do *Preste-João* na Europa.

de antigos tempos a existencia do *Preste-João*, isto he, de hum principe christão, muito poderoso, que reinava na India, ou nos paizes orientaes: crença que não nasceo da *ignorancia dos Portuguezes*, como dizem alguns ignorantes, ou mal intencionados escriptores estrangeiros; mas que tinha tido a sua primeira origem nas antigas relações, e que foi recebida em outros paizes antes que chegasse a Portugal.

ElRei D. João II. pois, dirigido nesta parte pelas idéas, que erão communs em toda a Europa, e sempre possuido do grande pensamento de descobrir a India, desejava muito abrir alguma communicação com aquelle principe, confiando que elle, pela qualidade de christão, se prestaria a huma facil e amigavel correspondencia; e como senhor de grandes estados na India, não só traria consideraveis interesses ao commercio dos Portuguezes, mas tambem concorreria para que elles viessem a conhecer o melhor, mais breve, e mais seguro caminho maritimo para aquellas partes, que ha tantos annos buscavão com incriveis trabalhos e despezas, e não menor constancia e perseverença.

Quando elRei volvia em seu espirito estes pensamentos occorreo hum accidente, que parecia confirma-los e favorecê-los.

Çacuta, ou Zacuta, mandado a Lisboa como embaixador do Rei de *Beni*, informou a elRei, que além do seu paiz, cousa de 250 leguas para o oriente, havia hum principe mui poderoso, denominado *Ogané*, de cuja *Suzerania* era dependente o Rei de Beni: e taes circunstancias acrescentava, e de tal modo descrevia os ritos, e o ceremonial, de que usava aquelle potentado, que elRei combinando tudo isto com as idéas, que havia do Preste-João, facilmente começou a presumir que poderia ser este o proprio principe, e resolveo não poupar diligencia alguma para verificar a sua conjectura, ou presentimento (3).

---

(3) Huma das circunstancias, com que Çacuta descrevia o ceremonial d'aquelle misterioso principe, era que *não se deixava ver dos seus vassallos, ouvindo-os de dentro de cortinas, e amostrando-lhes, quando muito, hum pé*. (Barros, 1. 3. 4.) Esta mesma circunstancia notou muito depois, como propria do Rei dos Abexis, o illustre Castro, no *Roteiro do mar roxo*, aonde tratando dos costumes d'aquelles povos diz « *he ordenança dos Reyes nam se averem de amostrar a seu povo, e passam muitos annos, que nam sam vistos. Quando quer que vão á guerra, ou caminham, levam per derrador de si taes impedimentos, que nam podem ser notados de alguma pessoa.* » O que porém nos parece ainda mais notavel a este respeito he o que lemos na viagem do douto e celebre viajante Arabe Ben-Batuta, que visitando as terras interiores de Africa pelo meio do seculo 14, e fallando do paiz de *Barnu*, cujos habitantes erão musulmanos, diz que « *tinhão hum Rei*,

No anno pois de 1486, ao mesmo tempo que mandava o illustre e intrepido navegador Bartholomeu Dias ao descobrimento do grande cabo meridional de Africa, lhe dava ordem, que nas terras, que fosse descobrindo, *lançasse certos negros e negras, que comsigo levava, já industriados, para que por elles chegasse á noticia do Preste-João este desejo, que elRei tinha de o conhecer, e ter com elle amizade.* (*Barros*, 1. 3. 4.) E não contente o grande principe com estas providencias, que mal satisfazião a sua incessante e ardente curiosidade, despachava tambem por terra varios outros viajantes, ordenando-lhes, que por via do Cairo ou de Jerusalem, que erão pontos então mui conhecidos e frequentados, tentassem penetrar até á côrte do Preste-João,

---

por nome Edris, o qual não apparecia á gente, nem fallava senão por detraz de huma cortina.» Aproveitaremos ainda esta nota para dizer que o principe *Ogané*, assim denominado nas relações portuguezas, segundo a informação do embaixador de Beni, nos parece ter alguma similhança com o Rei de *Õrgana*, de que faz menção o Atlas Catalão, acima citado. Nelle se denota no interior de Africa hum rio, a que chama *Nilo* (o *Niger?*): por baixo se lê « *Nubia* » « *Organa* » e abaixo da palavra *Organa* esta nota « *aqui reina o rei de Organa, sarraceno, que tem continua guerra com os sarracenos maritimos, e com outros alarabes* (alarahps), ou *occidentaes.* » Vej. *Notice sur un atlas en langue catalane, &c.* por Mr. Buchon. París. 1838, em 4.°

e haver as informações e noticias, que tanto se desejavão.

Hum escriptor nosso antigo menciona como primeiro entre estes viajantes hum religioso por nome Fr. Antonio de Lisboa, acompanhado de outro frade leigo; mas logo adverte, que elles não chegárão a passar de Jerusalem, por não fallarem a lingua arabica. E Damião de Goes, na *Chronica de elRei D. Manoel*, part. 3. cap. 58., depois de dizer, que elRei D. João II. mandára *por algumas vezes, e em diversos tempos*, homens que sabião a lingua arabica, sómente refere por seus nomes *Affonso de Paiva, natural de Castello Branco, e João Perez da Covilhãa* (4), que são com effeito os que mais famosos se fizerão nestas expedições terrestres, destinadas a explorar os paizes orientaes, e a se informarem do *Preste-João das Indias.*

Ainda que os nossos escriptores não são perfeitamente uniformes em designar o anno, em que os viajantes sahírão de Portugal para esta importante commissão, temos comtudo

---

(4) Alguns escriptores dão a este segundo viajante o nome de *Pero*, ou *Pedro da Covilhãa;* mas ha nisto equivocação, segundo parece; porque Rezende, autor comtemporaneo, Goes, e outros o chamão *João*, ou *João Perez*, e he provavel que o sobrenome patronimico *Perez* désse occasião ao erro.

por quasi certo, que elRei os despachou, estando em Santarêm, a 7 de Maio de 1487, sendo então presente ao despacho o Duque de Beja D. Manoel, que depois foi Rei. Esta he a data seguida por Castanheda, Barros, e outros.

Os viajantes forão por terra até Napoles, e embarcando ahi a 24 de Junho, dia de S. João Baptista, navegárão para Rhodes, aonde forão bem acolhidos de Fr. Fernando, e Fr. Gonçalo (que alguns nomêão *Fernam Gonsalves*, e *Gonçalo Pimenta)* cavalleiros Portuguezes, da Ordem de S. João de Jerusalem, que ao tempo residião n'aquella ilha.

De Rhodes passárão a Alexandria, e logo ao Cairo; e como achassem oportuna companhia nas cafilas de Fez e Tremecêm, assentárão aproveitar-se della, e viajárão como mercadores para *Tor* sobre o golfo arabico, d'onde passárão a *Çuaquêm*, na costa da Ethiopia sob o Egypto, e ultimamente a *Adêm*, havendo ahi por conveniente, na conformidade de suas instrucções, separar-se, e tomar cada hum delles differente direcção.

Resolvêrão por tanto, que *Paiva* se dirigisse á Ethiopia, que parecia ser a região designada pelas informações de Beni e Congo, e aonde se dizia existir hum grande Rei christão, que poderia ser o principe que procura-

vão; e que *Covilhãa* partisse em direitura á India, ajustando por ultimo que se reunirião no Cairo depois de certo tempo determinado.

Affonso de Paiva chegou com effeito a entrar em terras da Ethiopia. O Covilhãa passou ao golfo persico, d'onde navegando para a costa da India, visitou Cananor, Calecut, Gôa, e toda a costa Malabarica. Veio a Çofala, voltou a Adêm, e recolhendo-se ao Cairo no tempo aprazado, achou a noticia de ter ali fallecido o seu companheiro Paiva, quando já voltava da Abyssinia.

Em quanto estes dous viajantes procuravão desempenhar a sua ardua commissão, não cessava elRei de empregar novos e oportunos meios de assegurar cada vez mais o seu effeito: e com este presupposto, despachou os dous hebreos Rabbi Abraham de Beja, e José de Lamego com cartas suas para Paiva e Covilhãa, endereçadas ao Cairo. Covilhãa os veio effectivamente encontrar ahi, e recebendo as cartas de elRei, lhe respondeo logo por José de Lamego, referindo tudo o que até então tinha visto e observado; participando a noticia da morte do seu companheiro; e dizendo, que se podia navegar para a India pelo Oceano, e que o Preste-João não podia ser outro que o imperador da Ethiopia, segundo as informações que tinha podido colligir: e ainda

alguns acrescentão (não sem verosimilhança) que elle mandára a elRei huma carta d'aquelles mares orientaes entre a India e a costa africana. Como porém elRei ordenava que de nenhum modo voltassem a Portugal sem visitar Ormuz, e sem haver alguma certeza do *Preste*, o Covilhãa se pôz de novo a caminho com Rabbi Abraham para Adêm: d'ahi passou a Ormuz, voltou ao golfo arabico, visitou Mecca, Monte Sinai, Thor, e depois Zeila; d'onde por terra penetrou em fim até á côrte do Abexi (1490), e entregou ao principe, que então ali reinava, e se chamava Escander (Alexandre) as cartas de elRei D. João, e hum mappa, em que estavão delineadas as nossas navegações. Em Ormuz se tinha Covilhãa apartado do seu companheiro Rabbi Abraham, confiando-lhes segundas cartas para elRei.

Parece que a fortuna se comprazia de favorecer os projectos, e animar as esperanças de elRei de Portugal! Como elle tinha no mediterraneo, em differentes portos de Levante, pessoas encarregadas de lhe participarem quaesquer noticias, que se podessem obter do Preste-João, e das terras da India, aconteceo, que vindo por aquelle mesmo tempo a Roma, e estando no collegio de Santo Estevão dos Indianos hum sacerdote ethiope,

por nome Lucas Marcos, o santo padre Innocencio VIII. o enviou a elRei, o qual não só o recebeo e ouvio com grande contentamento, e alvoroço, mas tambem por elle escreveo novas cartas ao imperador Abexi, fazendo que elle mesmo escrevesse outras por quatro differentes vias, nas quaes todas se annunciava áquelle principe o ardente desejo que elRei de Portugal tinha da sua amizade e communicação; se lhe recommendava e pedia que recebesse benignamente o embaixador que de Portugal lhe tinha sido enviado; e se lhe indicava a via do Cairo, Jerusalem, ou Roma para reciproca correspondencia, *até que Deôs abrisse outro mais directo, e mais facil caminho.*

O Paiva falleceo no Cairo, como já vimos. O Covilhãa não voltou a Portugal; porque estando já para isso despachado por Escander, e fallecendo este antes que Covilhãa podesse realisar a sahida, *Nau*, ou *Naut*, que succedeo no throno, lhe denegou constantemente licença para sahir do imperio, e o mesmo fez *David*, que succedeo a *Naut*, adoçando comtudo a Covilhãa as saudades da patria *com lhe fazer amplas mercês e donativos.* Pelo que, *cazou-se Covilhãa na Abyssinia* (diz Goes) *e teve filhos, e filhas.*

Com effeito pelos nossos escriptores nos

consta, que quando o grande Albuquerque embocou o estreito do golfo arabico em 1506, ainda o Covilhãa vivia nas terras d'aquelle imperio: e quando o embaixador do Abexi, Mattheus, chegou a Gôa no anno de 1512 para vir a Portugal, dizia, que na Abyssinia existião tres Portuguezes, *hum chamado João, que havia muito tempo tinha sido mandado por hum Rei de Portugal* (e este era sem duvida o nosso João Perez da Covilhãa, mandado por elRei D. João II. vinte e seis annos antes), *e outros dous que de pouco tinhão lá chegado*, e serião certamente alguns d'aquelles, que os capitães Portuguezes lançavão em terra em certas paragens, com ordem de penetrarem ao interior, quanto lhes fosse possivel, a fim de poderem depois dar informação do que tivessem observado. Ainda no anno de 1526, em que o P. Francisco Alvarez sahio da Ethiopia com D. Rodrigo de Lima, parece que lá existia o Covilhãa; e finalmente no anno de 1559 achamos menção de hum *Alvaro da Costa Covilhãa*, que vivia na Abyssinia, e seria provavelmente algum dos filhos do nosso viajante.

Taes são as noticias que desta importante viagem (5) ficárão em nossas historias,

(5) Não podemos escusar-nos á satisfação de copiar nesta nota as palavras de hum douto e sincero escriptor francez a

e que aqui quizemos ajuntar para commodidade dos leitores, confiando que se nos relevará descermos talvez a miudezas e particularidades, que podem hoje parecer de pouco interesse, mas que acreditão, e recommen-

---

respeito da viagem, de que temos tratado. He Mr. Pouqueville, que na *Memor. histor. e diplomat. sobre o commercio e estabelecimentos francezes no Levante, &c. an.* 1827, fallando da época da tomada de Constantinopla por Mahomet II. diz assim « Até então tinha o mediterraneo sido o centro da na« vegação do mundo; mas a providencia permittio em fim, « que os homens descobrissem mais vasto campo, em que po« dessem dar ala ao seu genio, e á sua coragem. Os estados, « que com mais perseverança se havião dado ás viagens lon« ginquas, he que devião obter a gloria de abrir e franquear « o caminho. *Os Portuguezes merecêrão esta honra*, dobrando « o cabo da Boa Esperança. Hum anno depois deste memo« ravel descobrimento, Pedro de Covilhãa e Affonso de Paiva « mandados por elRei de Portugal a reconhecer, *hum, os es« tados do Preste-João, que se chamavão India*, e o outro *as « terras donde vinha a especiaria*, partírão a executar *huma « das missões mais vastas, que jámais se havião concebido*. Le« vavão elles ordem de se informarem, se era possivel a na« vegação desde o cabo da Boa Esperança até ás Indias orien« taes, e de se instruir de tudo o que podesse ser util ao « commercio. Chegados a *Tor*, aonde se separárão, Covilhãa « embarcou, e foi o primeiro Portuguez que navegou os ma« res da India, ao mesmo tempo que Paiva se dirigia á Ethio« pia, tendo ambos ajustado entre si reunirem-se no Cairo de « volta de suas viagens. Em quanto estes exploradores desem« penhavão a *sua perigosa commissão*, Christovão Colombo « descobria a America . . . » &c.

dão o discernimento, o zelo, e a constancia, com que os Reis Portuguezes procurárão lançar os fundamentos ao magnifico edificio de gloria e de grandeza, a que depois se elevou o imperio lusitano-oriental.

ElRei D. João II. ao mesmo passo que com tanta diligencia e grandes despezas da sua fazenda (6) mandava explorar as terras orientaes, tambem se não descuidava de fazer examinar o interior de Africa, tanto para adquirir conhecimento das producções do paiz, e dos costumes das gentes, como para aproveitar as utilidades do commercio, e levar áquelles povos rudes e barbaros a luz do evangelho, e com ella os beneficios da civilisação.

Alguns escriptores estrangeiros, que ignorão, ou fingem ignorar os factos da nossa historia, atreverão-se a dizer que *os Portuguezes nunca tiverão o pensamento de inspirar aos Africanos alguma idéa moral*. Esta proposição he huma insigne, e calumniosa falsidade, desmentida por toda a historia dos nossos descobrimentos e conquistas, e filha, ao que parece, do baixo ciume, com que os estrangeiros, em geral, tem considerado, e

(6) *Rezende*, na *Vid. de João II.* cap. 60, fallando da viagem do Paiva e Covilhãa, acrescenta « *e depois delles forão outros, com muitas despezas, que elRei nisso fez.* »

ainda hoje considerão a superior gloria, que n'aquelles tempos adquirimos. Nós refutaremos em outra nota a injuriosa accusação, que nisto se nos quer fazer. Aqui sómente tratamos de recolher as escassas idéas que ainda achamos nos escriptores nacionaes sobre as indagações dos nossos antigos no interior de Africa, para que por ellas se veja, que as tentativas, feitas pelos modernos com o mesmo fim, forão precedidas pelos Portuguezes tres seculos antes, e que se os Portuguezes não tirárão dellas maiores proveitos, nem para si, nem para os povos africanos, tambem os modernos não tem sido até o presente muito mais felices, apezar da grande aptidão e capacidade de que se prezão e jactão, e apezar dos multiplicados meios de que hoje podem ajudar-se nesta empreza, e de que os Portuguezes totalmente, ou quasi totalmente carecião no seculo 15.

Bem natural parece que o illustre Infante D. Henrique se não esquecesse de lançar mão de hum arbitrio tão proprio para levar ao fim os seus intentos, como era o das viagens ao interior de Africa. Os fins principaes a que elle se dirigia, que consistião em trazer os povos barbaros á religião christãa, e ampliar ao mesmo tempo as relações, e os interesses commerciaes do reino, aconselha-

vão este meio como opportuno. O Infante tinha noticia, pelas informações dos Mouros, das grandes feiras, que se fazião em differentes lugares da Africa central, e não ignorava o extenso commercio, que os seus habitantes entretinhão com os das costas septemtrionaes, assentadas sobre o mediterraneo. Pelo que não podemos prudentemente duvidar de que intentasse examinar estes objectos com todo o cuidado e empenho, e assim parece persuadi-lo tanto a embaixada que mandou a Farim, Rei de Cabo-verde, e a fundação da fortaleza de Arguim, como os estabelecimentos que ordenou se fizessem nas margens do Rio-grande.

Comtudo, pelo que mais directamente respeita ao nosso particular assumpto, a historia sómente nos conservou lembrança do ousado Portuguez João Fernandes, *homem de honra e confiança, e já instruido na lingua d'aquelles povos*, que voluntariamente se offereceo ao infante para hir investigar o interior do paiz dos *Azenegues*. Este animoso aventureiro ficou com effeito no *Rio do Ouro*, penetrou o sertão, inquirio o trafico, ritos, e costumes dos habitantes, e depois de sete mezes de peregrinação n'aquellas terras, mandou o infante que Antão Gonsalves o fosse buscar, e conduzir ao reino, aonde com gran-

de attenção e gosto ouvia as informações, que elle dava de tão estranhas gentes.

ElRei D. João II. foi o que depois proseguio com mais constancia o desempenho d'aquelle plano. Delle nos consta que entretinha frequente correspondencia com alguns Reis e grandes senhores do interior, e que por via do castello de Arguim mandava estabelecer feitoria portugueza em *Huadem* (7) despachando para feitor Rodrigo Reinel, para escrivão Diogo Borges, e para homem da feitoria Gonçalo d'Antes.

Sendo o mesmo principe informado que o Senegal corria por *Temboctu* e *Mombarce*, principaes feiras dos sertões africanos, mandava igualmente construir huma fortaleza na bôca d'aquelle rio. Nas que se fundárão na Mina, e no Congo não só tinha a gente necessaria para defeza, e os feitores que havião de tratar do commercio; mas tambem designava certas pessoas, particularmente destinadas a fazer excursões ás terras do sertão para se informarem das gentes que as habitavão, dos seus usos, costumes, e linguagem, das producções da terra, dos seus commercios, &c. (8) Por outra parte os ecclesiasticos

(7) Em arabe *Uâdân*, ou *Ouâdân*, ou *Hoden*.

(8) *Mariz*, *dialog*. 4. cap. 11. «E era elRei D. João tão humano, que se carteava (com os Principes africanos) e os

que tinhão a seu cargo a conversão dos infieis, fazião tambem para isso, por mandado de elRei, entradas nas terras, com o que se augmentava o numero, e a certeza das noticias, que progressivamente se hião adquirindo d'aquelles vastos paizes (9).

Entre as muitas pessoas encarregadas destas viagens e indagações, faremos aqui menção das que o illustre Barros nomêa nas suas *Decadas*, segundo os documentos originaes, que em seu tempo existião na casa de Guiné e India. São pois Pero de Evora e Gon-

---

tratava particularmente, tudo porém para descobrir o estado do Preste-João, e com elle as Indias, de que tantas grandezas se publicavão pelo mundo. E para este seu desejo mandava tambem por terra, e sertão dentro da Ethiopia muitos christãos, assim portuguezes, como naturaes da terra, em o qual tanto se occupava, e com tanto fervor o solicitava, principalmente depois que vio e gostou de muitas cousas, de que os escriptores antigos não tiverão noticia, que não lhe repousava o espirito, commettendo muitas vezes por varias partes esta grande balsa de Guiné, que até hoje se não deixou penetrar.»

(9) *Sousa*, *Hist. de S. Domingos*, part. 2. liv. 6. cap. 6., fallando da missão de *Beni* em 1486 diz « as memorias de nossa Ordem dizem que elRei escolheo nella sujeitos, que além das sagradas letras, erão entendidos nas mathematicas, para que, nas horas que lhe vagassem da prégação, fossem inquirindo alguma noticia da India *pelo sertão d'aquellas provincias*, e do grande Rei do Abexim, que o vulgo chamava Preste-João, e havendo-a, procurassem chegar a elle.»

çalo Eanes, mandados por elRei aos Reis de *Tucurol* e de *Tunbugutu*. Rodrigo Rebello, escudeiro da casa de elRei e Pero Reinel seu moço de esporas, e João Collaço besteiro da camara, despachados com outros homens, em numero de oito, por via de *Cantor*, a *Mandi-mansa*, hum dos mais poderosos principes da provincia de *Mandinga* (10). Mem Rodriguez, e Pero de Astuniga a *Tunbugutu*, e a *Temalla* dos Fullos: Rodrigo Rebello, e João Lourenço criados de elRei, e Vicente Annes, e João Bispo, linguas, a varios outros reinos e gentes. Por hum Abexi chamado Lucas, escreveo tambem elRei ao principe, ou senhor dos *Mòses*, nome mui celebrado entre os negros, e que se julgava ser visinho, ou vassallo do *Preste*, ou da gente dos

---

(10) *Barros*, 1. 3. 12. « E assi ficou desta, e doutras idas, que elRey lá mandou, tanta amizade entre os nossos e este Rei Mandi-mansa, que enviando eu, por razão do meu cargo de feitor destas cazas de Guiné e Indias, o anno de 1534, a hum Pero Fernandes a este reyno de Mandi-mansa, em nome de elRey dom João o terceiro nosso senhor, que ora reina, por razão do resgate de Cantor, estimou o Rey muito este recado, que lhe foi dado da parte de elRei, dizendo que avia em boaventura ser-lhe enviado este mensageiro, porque a seu avô, que tinha o seu proprio nome, fôra enviado outro mensageiro doutro Rey dom João de Portugal. Tanta memoria, sem terem letras, avia entre estes barbaros das cousas delRei dom João. »

Nobis (11): e pelo forte da Mina enviou mensageiros a Mahamed-ben-Manzugul, neto de Mussa, Rei de *Songo*. « E não só por seus naturaes (diz Barros) mas ainda por estrangeiros, assi como Abexis e alguns alarbes que vinhão ao castello de Arguim, commettia este descobrimento do sertão, por lhe não ficar cousa alguma por tentar. Tão occupado e solicito o trazia este negocio! principalmente depois que vio e gostou de muitas cousas, de que os antigos escriptores não tiverão noticia, fallando desta parte de Africa, que não lhe repousava o espirito! E bem como hum leão faminto, a quem a caça se esconde, com temor delle, em meio de alguma grande e espinhosa balsa, a qual elle rodêa e commette per muitas partes, e ferido e espinhado das entradas e sahidas, já cançado se lança com o sentido e tento posto na prêa escondida, assi elRey commettendo per muitas partes e vezes esta gran balsa de Guiné, que té hoje se não leixou penetrar, cançado desta continuação, e despeza de sua fazenda, e assi de grandes cuidados que lhe derão os negocios do reyno, principalmente no tempo das traições, se leixou algum tanto repousar..., &c. »

Depois do fallecimento de elRei D. João

(11) Este senhor dos *Mòses* parece ser o mesmo, que no Atlas Catalão acima citado se diz « *Mussa Rei de Melly*. »

II., e quando já os Portuguezes conhecião e praticavão o caminho maritimo da India, e os diversos portos da costa oriental de Africa, nem por isso afrouxárão, antes mais insistírão, e se empenhárão em haver conhecimento dos paizes interiores d'aquella parte do mundo.

Os primeiros capitães, mandados á India, levavão homens criminosos e condemnados a graves penas, os quaes, por commutação dellas, erão lançados em terra em diversas paragens, com ordem de penetrarem, quanto lhes fosse possivel, ao interior, para depois informarem do que tivessem visto e observado. No *rio dos Reis*, a 25° meridionaes, deixou o grande Vasco da Gama dous destes exploradores, e pouco adiante outros dous no *rio dos bons sinaes*. Cabral, á sua volta da India, lançou outros dous em *Melinde*, recommendando-lhes que trabalhassem por penetrar até á *Abyssinia*, de que ainda não havia bem miudas, e exactas informações. João da Nova (em 1501) achou em Quilôa hum Antonio Fernandes, carpinteiro de náos, degradado, lançado em terra pelo mesmo Cabral. Cyde Barbudo, e Pero Quaresma, mandados a indagar por *toda a terra do cabo da Boa Esperança até Çofala* o lugar, e as circunstancias da perdição de Francisco de

Albuquerque e Pedro de Mendoça, lançárão em terra (em 1505) dous degradados na agoada de S. Braz com ordem de correrem ao longo da costa da Cafraria. Tristão da Cunha (em 1507) pôz em Melinde tres homens, a saber, hum portuguez, por nome Fernam Gomes o Sardo (ou *João Gomes o jardo*, segundo a ultima edição de *Castanheda)*, hum mourisco christão, chamado João Sanches, e hum mouro de Tunes por nome Cyde Mahamede, mandados por elRei D. Manoel com cartas suas ao imperador Abexi: aos quaes o bom Rei de Melinde se encarregou de dar aviamento para a viagem, que comtudo se não chegou então a executar por embaraços supervenientes. Estes mesmos homens porém forão depois (em 1508) postos por Affonso de Albuquerque em terra, a 3 leguas do cabo de Guardafui, com cartas suas, e por ali chegárão finalmente á côrte de David, aonde na menoridade deste principe governava por elle sua avó Helena; sendo acaso esta huma das causas, que determinárão os Abexis a mandar o embaixador Mattheus, que com effeito veio pouco depois a Portugal «*trazendo carta de Helena, avó de David, Precioso João, Imperador dos Ethiopes a D. Manoel Rei dos Portuguezes, escripta em* 1509.» (Goes.)

Seria longa esta nossa escriptura, se qui-

zessemos mencionar todas as tentativas, todas as diligencias, todos os esforços, que n'aquelle tempo se empregárão para havermos conhecimento dos paizes sertanejos das vastas regiões africanas: e he por certo bem para lamentar, que, em parte, algum descuido dos nossos antigos, e em parte a tyrannia do tempo, e as revoluções ordinarias do mundo nos privassem de memorias mais individuaes, com as quaes responderiamos hoje á vaidosa, e não menos invejosa, presumpção dos estrangeiros, que aproveitandose por ventura dos trabalhos e escriptos dos antigos Portuguezes (que elles buscão, e guardão, e arrecadão melhor do que nós) vem depois lançarnos em rosto a nossa supposta incuriosidade, e fazer ostentação dos seus scientificos trabalhos.

Faremos porém ainda menção de hum projecto, ou tentativa, que foi a ultima do reinado de elRei D. Manoel, e que infelizmente veio a malograr-se pela prematura morte deste Soberano. Castanheda, e Goes nos subministrárão esta noticia.

Hum cavalleiro Portuguez, por nome Gregorio de Quadra, que fôra criado do marquez de Villa Real, e andava por capitão de hum bargantim na armada de Duarte de Lemos, na costa oriental de Africa, pelos annos

de 1508 e 1509, estando em frente de Magadaxo, e cortando-se-lhe de noute, por má vigia, a amarra do bargantim, foi levado com o baixel á discrição das ondas até o cabo de Guardafui, e d'ahi a Zeila, onde sendo captivado com a sua gente, passou ao poder do Rei de Adêm, que o teve prèzo por alguns annos.

Posto depois em liberdade, como tivesse bem aprendido a lingua arabica, e se fingisse devoto religioso mahumetano, o proprio Rei de Adêm o levou a Medina, d'onde passou á Persia, e á custa de gravissimos incommodos visitou a Babylonia, Baçorá, Ormuz, e India, voltando ultimamente a Portugal em 1520.

Deo este capitão tão boa conta a elRei D. Manoel de tudo o que tinha visto e observado, e de tudo o que sabia da Arabia, da Ethiopia, e do grande lago, que se reputava sér a origem do Nilo, do Zaire, e de outros grandes rios de Africa, que elRei o julgou capaz de executar *o que desde muito tempo fazia objecto de seus pensamentos e meditações*, que era descobrir o caminho do Congo para Ethiopia por terra, esperando tirar grandes proveitos da communicação, que se abrisse entre os dous principes christãos seus alliados, cujos estados tinhão portos maritimos

em ambas as costas occidental e oriental de Africa.

Despachou pois o capitão Quadra, e lhe deo cartas de credito para o Rei de Congo, e Instrucções sobre o que devia tratar com o Abexi ácerca da guerra com os Turcos, e das fortalezas que elRei queria fundar nas costas do mar da Arabia e da Ethiopia.

Quadra partio, e chegando ao Congo entregou as cartas de elRei: mas logo se lhe oppozerão taes embaraços, ordidos pela inveja e malevolencia dos seus proprios naturaes, que elle, para os remover, se vio obrigado a voltar a Portugal, aonde achou elRei fallecido, concebendo d'aqui tal desgosto, que se resolveo a entrar em religião, aonde acabou seus dias em exercicios de piedade.

ElRei D. João III., não obstante ver-se obrigado a dividir os seus cuidados para Africa, Asia, e America, segundo a excessiva extensão, que havião tomado os dominios, e as emprezas portuguezas nestas diversas partes do mundo, não se esqueceo comtudo da exploração da Africa interior, e no anno de 1546, escrevendo ao imperador da Ethiopia, e aos Portuguezes, que ainda lá existião, e tinhão feito parte da expedição de D. Christovão da Gama, recommendava com encarecidas palavras, que por pessoas idoneas se

mandasse indagar e descobrir hum *caminho*, *que da Abyssinia viesse ter á costa de Melinde, ou a alguma outra parte d'aquella banda: E porque póde ser* (dizia elRei) *que a terra do Abexi venha tanto para oeste, e a de Manicongo vá tanto para leste, que não seja grande distancia de huma terra a outra*, queria, e ordenava, que tambem se tentasse este caminho do *Abexi para Manicongo*, *ou para qualquer outro rio do cabo da Boa Esperança para cá* (12).

Ainda em tempo de elRei D. Sebastião, e no anno de 1562, tomando o cardeal infante D. Henrique a tutoria de elRei menor, e a regencia do reino, lhe apresentou Lourenço Pirez de Tavora huns apontamentos sobre varios objectos do governo, em hum dos quaes

---

(12) A carta que elRei escreveo ao *Rei da Abyssinia* he datada de Almeirim a 13 de Março de 1546, e a que S. A. escreveo aos *fidalguos, e seus criados, e gente de armas, que estavão nas terras do Preste,* he de 15 do mesmo mez e anno. Ambas forão remettidas por copia a D. João de Castro, a quem elRei dizia «*porque poderá ser que para virem demandar as costas, que vereis pelo trelado da carta, que escrevo aos Portuguezes, lhes será necessario algũus instrumentos, e agulhas, e cartas de marear, e estrelabios, lhos enviareis, e assy hũum regimento do modo que teram em descobrir, e escrever as derrotas e alturas do que caminharem.*» (Existe a carta original de elRei a D. João de Castro, e as copias que a acompanharão, na minha *Collecção.)*

se recommendava o *descobrimento de Tombuctu*, e a escolha de pessoas aptas para esta empreza.

No mesmo reinado (anno de 1569) se fez notavel a expedição de Francisco Barreto, e de seu successor Vasco Fernandes Homem ás terras de *Monomotapa*, e ás minas de *Chicova*, *Rutroque*, *Chicanga*, *Mocarás*, *&c.* Nem foi menos util para o conhecimento de huma parte da Africa a importante expedição (em 1574 e 1575) a que foi mandado Paulo Dias de Novaes, digno descendente do intrepido Bartholomeu Dias, para o descobrimento das terras de *Angola*, e fundação deste reino portuguez, a que logo depois, e pelos tempos adiante acrescêrão as terras de *Benguela* (em 1617) e os varios outros Presidios, e Districtos nos respectivos sertões, resultando de tudo isto os conhecimentos e informações, que hoje temos d'aquella parte de Africa.

Finalmente a exploração dos sertões africanos, e o descobrimento de hum caminho para communicação da costa occidental com a oriental, estava de tal modo, e esteve sempre no animo, e no intento dos Portuguezes, como mostrão os factos, que havemos indicado, e os mais de que agora fazemos menção.

No anno de 1606 o governador de Angola

D. Manoel Pereira Forjaz; intentando realisar aquella communicação, nomeou para a execução do projecto a Baltazar Rebello (ou Pessoa) de Aragão, homem capacissimo para a empreza, tanto pelo seu valor, como pelos conhecimentos que tinha do sertão. Elle com effeito começou a viagem, e tinha já penetrado ao interior, quando se vio obrigado a retroceder, para acudir á fortaleza de Cambambe, pouco antes fundada (em 1603) e ora sitiada por hum Sova visinho, colligado com os negros da provincia do Mosseque.

No mesmo seculo 17, no anno de 1648, sendo Angola libertada, e limpa de Hollandezes pelo illustre capitão Salvador Corrêa de Sá, se offerecia este a elRei D. Pedro II. para hir reduzir á obediencia de Portugal o reino de Pate na baixa Ethiopia oriental, que se tinha rebellado, e *para abrir communicação desde Cuamá e Monomotapa até Angola por terra:* projecto e offerecimento que *a inveja e a ingratidão da córte frustrou, como outras vezes tinha feito ao que podia parecer glorioso a este benemerito fidalgo*, diz hum escriptor judicioso e contemporaneo (13).

---

(13) Vem aqui a proposito, pela ordem chronologica, notar o facto que nos refere Mr. Jomard nas suas *Remarques et recherches géografiques sur le voyage de Mr. Caillié, &c.* « *Se exceptuarmos* (diz elle) *Leão, mouro nascido em Granada,*

Entre os annos de 1676 a 1680, tendo Ayres de Saldanha de Menezes e Sousa o governo de Angola, intentou abrir communicação por terra até Benguela, e de Benguela á contra-costa de Sena. E posto que para esta empreza se offereceo o capitão José da Roza, que logo sahio de Massangano com esse destino, encontrou tantas e taes difficuldades, e tanta opposição nos Sovas que dominavão as terras da sua passagem, que se vio obrigado a retroceder (14).

---

e os Portuguezes de que só temos noticias incertas, transmittidas por Marmol, e Barros, o primeiro europêo, que chegou a Temboctu, foi o francez Paulo Imbert, nascido em Sables-d'Olonne, isto he, na mesma provincia que Renato Caillié. A sua viagem he anterior a 1670. *Elle acompanhava seu amo, portuguez renegado, enviado a Temboctu pelo governador de Tafilet:* aonde achamos notavel, que o douto escriptor nomêe o *francez Imbert* como *primeiro europêo, que chegou a Temboctu*, sem advertir que o *portuguez, amo de Imbert*, naturalmente hiria adiante do seu criado, e entraria *primeiro* na cidade!

(14) Seja-nos permittido copiar aqui o que no anno de 1663 escrevia o P. Manoel Godinho, na importante *Relação do novo caminho, que fez por terra e mar, vindo da India para Portugal*, impressa em Lisboa em 1665. «O caminho de Angola (diz elle) por terra á India não he ainda descoberto, mas não deixa de ser sabido, e será facil em sendo cursado: porque de Angola á lagôa *Zachaf* (que fica no sertão da Ethiopia, e tem de largo 15 leguas, sem até agora se lhe saber o comprimento) são menos de 250 leguas. Esta lagôa põem os cosmografos em 15° e 50′; e segundo hum

Em 1798, estando D. Rodrigo de Sousa Coutinho (que depois foi Conde de Linhares) no Ministerio dos Negocios da Marinha e do Ultramar, quiz este illustre Ministro renovar a antiga, e tantas vezes intentada empreza da abertura da communicação por terra entre as duas costas occidental e oriental de Africa; para cuja execução designou a Francisco José de Lacerda e Almeida, Doutor em Mathematica, nomeando-o para governador dos *Rios*

---

mappa que vi, feito *por hum portuguez, que andou muitos annos pelos reinos de Monomotapa, Manica, Butua, e outros d'aquella Cafraria*, fica esta lagôa não muito longe do *Zimbaué*, quer dizer, côrte de Mesura, ou Marabia. Sahe della o rio *Aruui*, que por cima do nosso forte de Téte se mette no rio *Zambeze*. E tambem o rio *Chire*, que cortando por muitas terras, e ultimamente pelas do *Rondo*, se vai ajuntar com o rio de Cuamá para baixo do Sena. Isto supposto digo agora: quem pertender fazer este caminho de Angola a Moçambique, e d'aqui á India, atravessando o sertão da Cafraria, deve demandar a sobredita alagôa Zachaf, e em a achando descer pelos rios aos nossos fortes de Téte e Sena; destes á barra de Quilimane, de Quilimane a Moçambique, &c. Que haja a tal alagôa dizem-no não só os Cafres, senão *Portuguezes, que já lá chegárão,* navegando pelos rios acima, e por falta de premio se não tem descoberto até agora este caminho. As condições que devem concorrer em seu descobridor, o poder que ha de levar, o modo com que se deve haver pelas terras porque passar, *disse já em outro papel, que se me pedio para bem do descobrimento.*» (Dita *Relação*, cap. 25.)

de Sena, d'onde devia partir a expedição. Lacerda foi tomar o seu governo, e havendo-se munido dos meios, e instrumentos necessarios, e tomadas as possiveis informações e noticias dos paizes que hia percorrer, se pôz a caminho para o interior. Chegando porém ás terras do Rei Cazembe (que parece serem o ponto central entre as duas costas) ahi falleceo: e posto que nos ultimos momentos da vida encommendou a seus companheiros a continuação da empreza, elles comtudo não annuírão a esta recommendação, e o descobrimento ficou sem ulterior effeito (15).

Finalmente no anno de 1807, sendo Governador e Capitão General do reino de Angola o illustre, douto, e zeloso fidalgo Antonio de Saldanha da Gama, hoje Conde de Porto Santo, *se realisou*, de mandado delle, a primeira expedição de Loanda á contracosta, a qual voltou no anno de 1809 trazendo a embaixada dos *Molluas*, nação que já commerciava com Moçambique. Immediatamente

---

(15) Temos por noticia fidedigna, que na livraria do Sr. Conde de Linhares existe a *Relação* circunstanciada desta viagem com os planos, instrucções, e documentos a ella relativos. Póde porém entretanto ver-se a obra intitulada « *Considerações politicas, e commerciaes sobre os descobrimentos e possessões dos Portuguezes na Africa e na Asia, por José Accursio das Neves*, Lisboa. 1813, em 12.

enviou o digno Governador outra expedição com ordem expressa de hir até Moçambique, o que effectivamente se executou, voltando esta segunda expedição a Loanda com cartas de Moçambique, estando já a governar Angola José de Oliveira Barbosa (16) (*).

Dirá por ventura alguem que todas estas noticias, que aqui temos ajuntado, são de pouco valor, e interesse, porque em fim ainda se não conseguírão grandes adiantamentos na geografia de Africa, nem no conhecimento dos povos que a habitão, nem nos outros muitos objectos, que deverião concorrer para a civilisação de tantas nações barbaras, e de hum tão extenso continente. Nós o confessamos com mágoa; mas perguntamos ao mesmo tempo aos sabios estrangeiros, que nos lanção em rosto a nossa ignorancia, e a nossa incapacidade do seculo 15, perguntamos, digo, se elles, que desde o fim do seculo 16 começárão a apossar-se de nossas conquistas, e a despojar-nos do fructo dos nossos traba-

---

(16) Veja-se a *Memoria* do Sr. Visconde da Carreira publicada no *Observador Lusitano*, impresso em París no anno de 1814.

(*) Na *Historia da navegação* de J. H. *de Linschot hollandez ás Indias orientaes*, Amsterdam, 1619, no cap. 4., fallando o autor de *Moçambique* diz que das minas de *Çofala* não distão as de Angola na contra-costa mais de 300 leguas, e que *os negros de Angola vão muitas vezes a Çofala por terra.*

lhos, tem sido mais felices, e tem adiantado muito mais que nós no conhecimento da Africa interior? Elles apenas ha poucos annos podérão ver essa misteriosa cidade de *Tomboctu* tão procurada, tão requestada, e tão fatal aos seus indagadores. Mungo-Parck não chegou a entrar nella: a pintura que elle faz do orgulho, perfidia, e barbaridade dos Mouros das visinhanças explica bem huma das razões porque as emprezas ao interior de Africa são tão difficeis, e arriscadas. O Major Laing que em 1826 penetrou até *Tombuctu* com a protecção do Bachá de Tripoli, foi obrigado a sahir logo occultamente, e pouco depois foi assassinado pelos *Fellans*, horda potente e bellicosa, que reina quasi exclusivamente nos immensos desertos da Africa central. O capitão Clapperton, que emprehendeo a mesma viagem, teve igual sorte antes de chegar a ver Tombuctu. Mr. Jomard, no lugar que acima citamos, faz huma lista de quarenta e dous viajantes, que desde 1588 intentárão reconhecer os paizes da Africa interior, e reflecte que só hum pequeno (e bem pequeno) numero delles deixou de succumbir no meio da sua carreira, sendo victimas da empreza a que se havião arrojado.

Concluiremos este assumpto das viagens de Africa com as palavras de hum escriptor

não suspeito « *Os Portuguezes* (diz Pinkerton) *estabelecêrão a oeste em Africa diversas feitorias.... as relações dos missionarios augmentárão os conhecimentos da geografia africana*: comtudo por hum concurso de circunstancias particulares, estes conhecimentos tem sempre sido mui limitados, e o seu aperfeiçoamento tem até o presente experimentado *obstaculos quasi insuperaveis.* »

Estes obstaculos, estas difficuldades que o escriptor chama, com razão, *quasi insuperaveis*, tem por causas principaes a vasta extensão dos desertos de arêa; a altura das cadêas de montanhas; as guerras quasi continuas, que fazem entre si as pequenas tribus africanas, mais animosas e mais feroces que as da America, e menos faceis de se intimidarem á vista das armas européas; a falta de mares interiores, ou de grandes rios navegaveis, que offereção facilidade de levar ao centro do paiz os beneficios da industria, e do commercio, &c. De mais: os habitantes d'aquellas vastissimas regiões são extremamente supersticiosos e tenacissimos de suas praticas religiosas; e nos lugares aonde o mahumetismo tem chegado, e se tem misturado com as grosseiras superstições do paiz, participão os miseraveis habitantes dos vicios innatos dos seus mestres, e não deixão de mos-

trar por todos os modos o odio e extrema aversão que elles lhes tem inspirado aos europêos. Acresce ainda em geral, que os homens selvagens e barbaros de quasi todos os paizes do mundo mostrão constantemente huma quasi invencivel repugnancia a alterarem o seu modo de viver, e a adoptarem a nossa civilisação. O Christianismo inspirado pelos missionarios das differentes nações da Europa, tem feito na verdade muitos chistãos, mas póde dizer-se que não tem feito hum só homem civilisado, que adopte os nossos costumes, e que viva ao nosso modo. « *Os estabelecimentos Portuguezes* (diz hum illustre Portuguez, em huma Memoria manuscripta fallando dos nossos estabelecimentos de Africa.) *Os estabelecimentos Portuguezes, que ali existem ha seculos, não tendo influido senão imperceptivelmente nas povoações visinhas, fazem desconfiar da possibilidade de civilisação n'aquella parte do globo, que parece destinada a ser o domicilio eterno da barbaridade* » (*).

Em verdade, que se não fossem tantas, tão fortes, e tão invenciveis as causas da ignorancia, em que ainda laboramos a respeito das terras da Africa central, e das difficuldades que se tem encontrado na sua civilisação, parece natural que os estrangeiros,

(*) Memoria manuscripta do Sr. Conde de Porto Santo.

no espaço de dous seculos e meio, tivessem já supprido a incapacidade dos Portuguezes, e dado grandes passos na obra da civilisação dos Africanos. E comtudo ella se conserva quasi estacionaria, e tal (com pequenas differenças) qual a deixárão os Portuguezes pelos fins do seculo 16.

Lancem-se os olhos a huma carta de Africa, e se conhecerá logo o mui pouco que se tem adiantado na geografia desta parte do mundo. Os estabelecimentos hollandezes, inglezes, francezes, e dinamarquezes na costa occidental tem na verdade dado a estas nações, em differentes tempos, grandes interesses commerciaes. Com esse intento he que ellas se lançárão á porfia humas sobre outras, e todas sobre os Portuguezes, cuja riqueza desafiava o seu ciume e a sua cobiça. A civilisação dos povos indigenas do interior era então objecto mui secundario para os governos dessas nações: e quando ha pouco mais de meio seculo começárão a tomar mais a peito esse objecto, encontrárão logo, e tem continuado a encontrar as grandes difficuldades, que oppõem a natureza do paiz, o caracter e costumes dos povos, e as outras circunstancias que deixamos indicadas.

O grande estabelecimento do cabo da Boa Esperança termina ao norte a huma dis-

tancia, que se póde chamar insignificante, com respeito á grande extensão do continente africano: e no conhecimento da Cafraria, e de toda a costa oriental bem pouco se tem adiantado além do que deixárão escripto os Portuguezes nas relações de seus numerosos naufragios, e na descripção dos paizes em que tem e conservão dominio, e estabelecimentos permanentes.

Finalmente a Abyssinia he ainda hoje em grande parte conhecida tambem pelas Relações dos Portuguezes, que a frequentárão, visitárão, e habitárão por muitos annos, como he sabido, e o que os modernos viajantes de outras nações tem pretendido acrescentar, ou he tomado dos escriptos portuguezes, ou consiste em algumas noticias do estado moderno d'aquelles vastos paizes, ou finalmente na indagação da historia natural da sua constituição fisica, e dos seus productos, objectos, que no seculo 16 erão tão novos para os Portuguezes como para quaesquer outras nações da Europa.

Agora que temos referido o que ainda nos consta das nossas antigas viagens por terra á India, e das tentativas que fizemos para o conhecimento das terras e povos do interior de Africa, pediria o nosso assumpto, que dessemos tambem noticia das viagens

por terra executadas pelos Portuguezes, vindos da India até á Europa. Mas para satisfazermos cabalmente a este intento seria necessario escrever obra mais volumosa, e talvez repetir o que os proprios viajantes deixárão escripto em suas Relações impressas, ou manuscriptas, das quaes todavia seria conveniente fazer huma collecção ordenada, e quanto podesse ser completa.

Limitar-nos-hemos pois, por agora, a dar huma breve idéa das principaes viagens de que temos achado memoria nos nossos escriptores, e isto bastará para satisfazer ao intento que levamos em colligir estas noticias, que he mostrar que não somos nós os Portuguezes tão incuriosos, ou tão ineptos, como nos querem fazer os estrangeiros.

Seculo 16.

1515.—Tendo o grande Albuquerque posto á obediencia de Portugal a rica cidade de *Ormuz*, e recebido nella com grande solemnidade a embaixada do Schach Ismael Rei da Persia, despachou com o mesmo caracter de embaixador á côrte de Hispahan a Fernam Gomes de Lemos, senhor da Trofa, o qual

tendo concluido a sua missão, se achava já de volta em Cochim no mez de Janeiro de 1517, e d'ahi escreveo a elRei D. Manoel, mandando-lhe hum *Livro*, *em que dava conta da sua embaixada*, *e do caminho que fizera*, como consta da propria carta por elle dirigida a elRei com a data de 4 de Janeiro de 1517, que se conserva no Archivo da *Torre do Tombo*, no *Corpo Chronol.* part. 1. maço 21. num. 4. (Vej. *Goes*, *Chron. de elRei D. Manoel* part. 4. cap. 9. e 11.) Do *livro* porém, que continha a relação da embaixada e caminho não sabemos que exista.

1520. — Neste anno, entrando na Abyssinia D. Rodrigo de Lima embaixador de elRei D. Manoel áquelle imperio, entrou com elle entre outros Portuguezes o *P. Francisco Alvarez*, natural de Coimbra, que de Portugal havia sahido como capellão da embaixada de Duarte Galvão. Este ecclesiastico residio na Abyssinia cousa de 6 annos até o de 1526, e escreveo « *Verdadeira informação das terras do Preste-João* » obra rara, que se imprimio em Lisboa no anno de 1540 em fol., e que foi traduzida em varias linguas, e inserida por Ramuzio na sua Collecção, em Veneza 1550 com o titulo « *Viagem á Ethiopia por Francisco Alvares*, *&c.*

Pelo mesmo tempo viajava por diversos

paizes da Asia o capitão *Gregorio de Quadra*, de que acima fizemos menção.

1522.—A este anno se deve referir o principio das viagens de *Antonio Tenreiro*, segundo o que elle mesmo escreve na sua bem conhecida Relação, ou *Itinerario*. Sahio elle de Ormuz em companhia de Balthazar Pessoa, que de mandado do Governador da India D. Duarte de Menezes hia por embaixador á Persia. Esteve Tenreiro na Persia, d'onde passou á Armenia, veio á Syria, ao Cairo, a Alexandria, e d'ahi á ilha de Chipre. De Chipre voltou ao continente, e logo a Ormuz por terra, e ficando ahi cinco ou seis annos (como elle mesmo refere no cap. 58) tornou a sahir para vir por terra a Portugal, com recados a elRei sobre a armada do Turco, sendo governador da India Lopo Vaz de Sampaio, e capitão de Ormuz Christovão de Mendoça (*a*). Sahio de Ormuz pelos fins de Setembro de 1528, e chegou a Portugal em Maio do anno seguinte. He mui curioso o seu Itinerario, que se imprimio em 1560, e depois por varias vezes, sendo a ultima em 1829, junto

(*a*) De memorias contemporaneas consta que Tenreiro, chegando da India, esteve a ponto de ser assassinado por hum F. Mello, de Castello de Vide, por ter trazido cartas a elRei contra seu pai.—Tenreiro teve huma pensão de 30$000 réis mensaes.

com a *Peregrinação* de Fernam Mendes Pinto. (Vej. *Castanheda* liv. 7. cap. 71., *Andrade*, *Chron. de D. João III.* part. 2. cap. 49., e os *Annaes da Marinha Portugueza* publicados no presente anno de 1839. pag. 394.)

A morte do Conde Almirante Vice-Rei da India veio annunciada a elRei D. João III. por hum expresso enviado *da India por terra* de mandado de D. Henrique de Menezes, como refere *Quintella*, *Annaes da Marinha Portugueza* ao anno de 1526.

1537.—São mui conhecidas de nacionaes e estrangeiros as viagens, ou (como elle mesmo lhe chama) as *peregrinações* de Fernam Mendes Pinto, começadas em 1537 e continuadas por 21 annos até o de 1558, com tanta e tão miuda e variada relação de casos e successos; com tão curiosas descripções de lugares e regiões; de povos, e costumes; e com tantas e tão importantes noticias uteis á navegação e ao commercio, que mereceria huma particular e extensa menção, se a propria historia destas viagens não tivesse sido muitas vezes impressa, e recentemente em 1829 na lingua portugueza, em que foi escripta; e se não se achasse ha muito tempo traduzida em algumas linguas estrangeiras, e publicada nas Collecções de Viagens. A multiplicidade e singularidade das aventuras,

que este escriptor refere, a estranheza dos povos e nações que vio, e dos seus ritos, costumes, crenças, opiniões e linguagens, os incommodos e riscos que correo e de que escapou são e salvo, fizerão com que alguns leitores e escriptores desconfiassem da veracidade das suas relações. Hoje porém está mais desvanecida esta desconfiança, e as indagações dos mais ousados viajantes modernos tem verificado muitos dos factos, que ao principio parecião mais estranhos e duvidosos.

1540. — Veio da India por terra Antonio de Sousa, mandado por D. Estevam da Gama. (*Couto*, Dec. 5. liv. 7. cap. 1.)

1548. — Neste anno passou á India Fr. Gaspar da Cruz, religioso dominicano, natural de Evora. O zelo da religião o levou á China, e foi o primeiro, ou hum dos primeiros missionarios portuguezes, que entrárão n'aquelle imperio. Temos delle huma *Relação da China, e de suas particularidades*, que se imprimio em Evora no anno de 1570, e segunda vez em Lisboa em 1829 com as *Peregrinações de Fernam Mendes Pinto*, de que acabamos de fazer memoria.

No Codice 840 da Bibliotheca Publica Portuense conserva-se o « *Itinerario da ilha de Ormuz até Tripoli de Berberia, e d'ahi até a Rochella de França, de Martim Affonso.* »

Este viajante era medico: partio de Ormuz a 25 de Junho de 1565 e veio a Portugal atravéz da Persia e Asia menor com cartas importantes. Sua derrota foi de muito circuito por causa da guerra que havia entre Turcos e Persas, a qual o obrigou a deixar o curso regular das caravanas, sem que nunca fosse conhecido, nem delle se desconfiasse. Descreve largamente os lugares por onde passou, com bom conhecimento da Geografia. Falla de Riscóo, Jarde, Benvit, Adistan, Mahabad, Chaltabad, Caixam, Com, Sava, Caslui, Soltania, Meaná, Turquina, Condi, Tabris, Sufian, Van, Vastan, Sory, Taduan, Orfá, Halep, &c.

...? Na *Historia da India no governo do Vice-Rei D. Luiz de Ataide*, escripta por Antonio Pinto Pereira pelos annos de 1570, e impressa em 1616, no liv. 2. cap. 13. faz o escriptor menção de hum *Isaque do Cairo, Judeo, que da India tinha vindo duas vezes por terra a Portugal*. Nada mais sabemos destas viagens, nem temos achado noticia da sua verdadeira data, que sem duvida pertence ao seculo 16 (*b*).

(*b*) Estando elRei D. João III. em Almeirim em Janeiro de 1541, veio da India por terra hum Judeo, trazendo recado a elRei, como o Viso-Rei D. Garcia de Noronha fallecêra em vespera de Pascoela do anno anterior de 1540,

...? O mesmo diremos de outra viagem, de que nos dá noticia o P. Fernam Guerreiro na sua *Relação Annal*, *&c.* liv. 1. cap. 1. pag. 3., dizendo, que hum *André Pereira*, *hindo de Portugal á India por terra*, *e passando por aquella parte da Caldéa que corre de Babylonia para o estreito de Baçorá*, *onde o Eufrates e o Tigre entrão no mar da Persia*, ahi tratára com os christãos d'aquellas partes, e ainda depois voltára a ellas para acompanhar hum bispo, que elles querião mandar ao Papa, e a elRei de Portugal.

1593. — Neste anno passou á India o dominicano Fr. Manoel dos Santos, o qual voltando a Portugal *por terra*, escreveo a sua viagem com o titulo de *Curioso Itinerario*, *&c.* manuscripto, de que faz menção a *Bibliotheca Historica Portugueza*, pag. 33. da 2.ª edição.

Seculo 17.

O seculo 17 não he menos notavel que o precedente na historia das nossas viagens.

---

succedendo-lhe D. Estevão da Gama que hia na segunda successão, por ter já vindo para o reino Martim Affonso de Sousa, que era o nomeado na primeira, &c. (*Relações de Pero de Alcaçova Carneiro* — manuscriptas.

Logo no anno de 1602 occorre a importante, e, para aquelle tempo, difficil viagem do Jesuita Portuguez Bento de Goes. Era este religioso varão natural de Villa Franca na ilha de S. Miguel; e como tivesse conhecimento das linguas orientaes, e especialmente da Persiana, pertendeo e conseguio de seus superiores ser mandado ao descobrimento do *Gran-Catayo*, paiz que então desafiava a curiosidade dos Europêos. Partio com effeito da côrte do Mogol, em cujas provincias tinha prégado o evangelho, e viajou mais de tres annos pelos sertões da Asia, hindo sempre pelo norte do imperio do Mogol, desde o paiz dos *Usbeks* para o oriente até á China, e vindo a conhecer em resultado da sua trabalhosa, e dilatada viagem, que o chamado *Gran-Catayo* era o proprio imperio da China, e não hum paiz diverso, como mui geralmente se acreditava. Na China falleceo Goes em 1607. Vem a sua viagem inserta na *Relação do P. Trigaut*, e fazem della menção frequente os escriptores Portuguezes.

No mesmo anno de 1602 fazia a sua viagem á Persia o douto augustiniano Fr. Antonio de Gouvêa, que depois de ter acompanhado ás serras do Malabar o Arcebispo D. Fr. Aleixo, foi mandado áquelle imperio como embaixador do governador da India Ayres

de Saldanha. Ali adquirio a estimação do *Sha-Abbas*, que o enviou em companhia de hum embaixador seu, que mandava a Roma, e á côrte de Hespanha. Voltou á Persia, e d'ahi á Europa, atravessando os temerosos e arriscados desertos da Arabia. Chegado que foi a Alepo, embarcou para Marselha, e sendo tomado por corsarios, ou piratas argelinos esteve captivo em poder d'aquelles barbaros. Destas viagens e trabalhos falla elle mesmo na *Relação da Jornada do Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes ás serras do Malabar*, impressa em Coimbra em 1606 em fol., aonde tambem se lêem curiosas e importantes noticias sobre os povos que habitão aquellas serras, e sobre os seus costumes, e ritos religiosos, &c.

Em 1606 e 1607 temos noticia da viagem de Nicoláo d'Orta, natural de Santo Antonio do Tojal, que sahio de Gôa com destino de vir a Portugal, por terra. Nos principios de Agosto de 1606 estava na fortaleza de *Comorom* d'onde passou a *Lara*, *Xiras*, *Romus*, *Bagadet*, *Ana*, *Taíbe* e *Alepo*, aonde entrou a 16 de Janeiro de 1607. D'ahi vindo por Alexandreta, chegou por mar a Marselha, e logo a Madrid, d'onde elRei D. Filippe o tornou a mandar á India. Escreveo o seu *Itinerario*, do qual existe na Bibliotheca Publi-

ca de Lisboa num exemplar incompleto. (Vej. *Barbosa Machado*, *Biblioth. Lusit.*)

Por esses mesmos tempos viajava por terra para Europa Fr. Gaspar de S. Bernardino missionario na India, o qual naufragando na ilha de S. Lourenço, passou a Mombaça, cabo de Rosalgate, e Ormuz; d'onde resolvendo continuar sua viagem por terra, visitou a Persia, Caldêa, e Syria até Chipre. D'ahi foi ver os Lugares Santos, e voltando a Chipre, Candia, Zante, Cephalonia, e Corfu, se recolheo por ultimo a Hespanha e logo a Portugal. Escreveo o seu *Itinerario*, cuja primeira parte se imprimio em Lisboa em 1611 em 4.º

Temos noticia que neste mesmo anno de 1611 veio da India a Portugal por terra D. Alvaro da Costa, de cuja pessoa e viagem não alcançámos individual informação (*c*).

Os annos de 1624 e 1626 são notaveis na historia da Geografia, e das Viagens portuguezas, pelas duas que fez o P. Antonio de Andrade Jesuita ao descobrimento do Tibet,

---

(*c*) O Codice 482 da *Bibliotheca Publica Portuense* he copia da *viagem de D. Alvaro da Costa*, com este titulo « *Tratado da viagem, que fez da India oriental á Europa nos annos de* 1610 *e* 1611 *por via da Persia e da Turquia . . . com relação . . . da Terra Santa . . . e geral descripção da India oriental, e navegação dos Portuguezes.* »

estabelecendo ali missão christãa, e catholica. Na segunda destas viagens (anno de 1626) em que foi acompanhado do P. Gonçalo de Sousa, e cuja Relação se imprimio em Lisboa em 1628 falla elle expressamente da cidade de *Caparangua*, aonde residia o Rei de Tibet, e aonde estes padres tinhão chegado em menos de dous mezes e meio, partindo de *Agra* (no *Dehli)* e passando por *Sirinagar*. Falla igualmente do paiz de *Ussangue*, ou *Ussang*, do qual diz que dista 40 jornadas de Caparangua, e 20 da China, &c. (Devem ver-se as proprias Relações, e a *Nouvelle Relation de la Chine* do P. Magalhães, traduzida em francez, e impressa em 1690, de que mais adiante fallaremos.)

Pertence ao mesmo anno de 1624 a viagem, e residencia na Abyssinia do P. Jeronymo Lobo Jesuita Portuguez. Foi elle mandado ás missões da India, para onde partio, e chegou a Gôa em 1622: e vindo no dito anno de 1624 a Moçambique, d'ahi entrou no paiz dos *Galas*, penetrando até á Abyssinia aonde viveo muitos annos não sem grandes trabalhos e perseguições. A serie das suas posteriores aventuras, os naufragios que fez, os grandes incommodos que soffreo, em fim a sua vida até o anno de 1658, em que ficou em Portugal, são cousas dignas de curiosa

reflexão. Escreveo o seu *Itinerario*, que tem merecido a attenção dos sabios, e eruditos, principalmente na parte que diz respeito ás cousas da Abyssinia, e que se acha traduzido em inglez, em francez duas vezes, e em italiano.

Em 1635 foi mandado á missão do Tibet o P. João Cabral, outro Jesuita Portuguez, natural de Celorico da Beira, o qual fez caminho por *Bengala*, evitando a difficil passagem da serra, por onde o P. Andrade tinha entrado na Tartaria. Escreveo tambem a *Relação copiosa dos trabalhos que padeceo na missão do Tibet.* Obra, que segundo Barbosa Machado foi mandada a Roma no referido anno de 1635.

He digno de mui particular commemoração nesta nossa breve memoria o P. Gabriel de Magalhães tambem Jesuita Portuguez, que depois de estar por alguns annos nas missões do Japão, passou á China, e a correo quasi toda desde o anno de 1640 até 1648 em que se estabeleceo em Pekin, residindo ahi por quasi 29 annos até o seu fallecimento, e deixando-nos huma *Relação da China* das mais exactas que se havião escripto até o seu tempo. Esta *Relação* foi traduzida em francez com notas, e explicações, e impressa em 1690 em 4.°

Alguns annos antes destes, em que va-

mos, missionou na Abyssinia o P. Manoel de Almeida Jesuita Portuguez. Das cartas, que elle annualmente escrevia ao seu Geral impressas em Roma, em italiano, no anno de 1629, e de outras memorias de muitos Jesuitas, he que o P. Tellez compilou a *Historia Geral da Ethiopia alta ou Preste-João*, impressa em Coimbra em 1660 em folh., aonde se vê o largo conhecimento que os Portuguezes tinhão d'aquelle imperio por elles tão frequentemente praticado.

Em 1663, o P. Manoel Godinho, natural da Villa de Montalvão, e religioso da Companhia, (depois secularisado, Prior de S. Nicoláo de Lisboa, e por ultimo de Loures) tendo sido mandado ás missões da India, veio por terra a Portugal de mandado do Vice-Rei Antonio de Mello de Castro, e segundo parece com alguma secreta e importante commissão. Escreveo « *Relação do novo caminho que fez por terra e mar vindo da India para Portugal no anno de* 1663 » impressa em Lisboa em 1665. 4.° Obra curiosa, que merece ser lida dos eruditos.

FIM.